

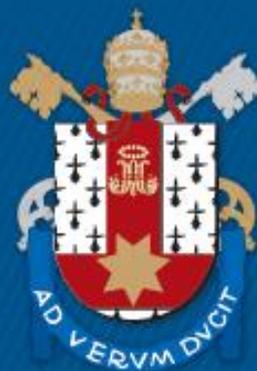
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

EDUARDO LUIS HAAS

**“EU ERA ESTRANGEIRO E ME ACOLHESTES EM CASA” (Mt 25,35c): UMA LEITURA DO  
NOVO TESTAMENTO E DA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO EM CHAVE DE HOSPITALIDADE**

Porto Alegre  
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

EDUARDO LUIS HAAS

**“EU ERA ESTRANGEIRO E ME ACOLHESTES EM CASA” (Mt 25,35c)**

Uma leitura do Novo Testamento e da história do Cristianismo em chave de  
hospitalidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática  
Linha de Pesquisa: Teologia e Pensamento Contemporâneo  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre  
2018

EDUARDO LUIS HAAS

**“EU ERA ESTRANGEIRO E ME ACOLHESTES EM CASA” (Mt 25,35c)**

Uma leitura do Novo Testamento e da história do Cristianismo em chave de hospitalidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Linha de Pesquisa: Teologia e Pensamento Contemporâneo

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Aprovada em 02 de abril de 2018, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Leandro Luis Bedin Fontana – PUCRS

---

Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza - PUCRS

Porto Alegre  
2018

## AGRADECIMENTOS

À Diocese de Montenegro. Na pessoa do Bispo Emérito, Dom Paulo Antônio de Conto, agradeço a indicação de fazer o Mestrado em Teologia e o apoio necessário; a Dom Carlos Romulo Gonçalves e Silva, Bispo Diocesano, gratidão pelo apoio, compreensão e interesse; aos irmãos presbíteros, que compreenderam algumas ausências minhas devido às aulas e outras atividades ligadas ao Mestrado; aos leigos e leigas, a quem quero, com o ministério e a formação teológica, poder ajudar a serem sempre mais “sujeitos na Igreja em saída, a serviço do Reino”.

À Comunidade do Seminário Maior São João Batista, pela compreensão de minhas ausências na casa de formação e pelo apoio na jornada de estudos.

À minha família, pelo interesse, apoio e por ter sido o primeiro ambiente de acolhida que experimentei e onde aprendi a hospitalidade para com os outros.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação para incentivo à pesquisa no Brasil, pela bolsa de estudos.

Ao orientador, Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin, orientador desta pesquisa, pela indicação segura de um caminho, pelo acompanhamento, pelo interesse e proximidade.

À irmã Jocélia Scherer, pela revisão do texto, e ao pe. Irineu J. Rabuske, pela tradução do resumo.

A Deus que nos acolhe no seu infinito amor e nos ensina o caminho da hospitalidade como modo de edificar um mundo mais humano.

## RESUMO

Esta dissertação propõe uma leitura do Novo Testamento e da história do Cristianismo em chave de hospitalidade. Qual é o lugar da hospitalidade na linguagem da revelação e na experiência da salvação, segundo o Novo Testamento e a experiência cristã? Para responder a essa pergunta, se fará uma leitura de alguns textos do Novo Testamento sob a perspectiva da hospitalidade. A vinda do Filho de Deus, pela encarnação, se dá num contexto de hospitalidade: ele foi acolhido. A salvação de Deus é oferecida à humanidade desta forma hospitaleira: o Filho de Deus, Cristo Jesus, que acolhe e é acolhido. Ela tem ligação com a abertura humana à hospitalidade, pois a salvação é uma oferta que se pode acolher ou não. A hospitalidade, não se pode esquecer, convive com a possibilidade do seu oposto, a hostilidade; Jesus também a experimentou. “Eu era estrangeiro e me acolhestes em casa” (*Mt 25,35c*) é o título da dissertação. Esse versículo bíblico mostra a identificação de Cristo com aqueles que precisam de hospitalidade. A prática da hospitalidade, desta forma, é uma possibilidade de acesso à salvação. A própria salvação pode ser lida como hospitalidade divina, pois Deus acolherá aqueles que forem salvos, na eternidade. O trabalho se debruça sobre textos do Novo Testamento para mostrar como no cristianismo nascente se compreendeu e vivenciou a hospitalidade. Por fim, lança-se um olhar, ainda que sumário, sobre os 20 séculos de cristianismo, para perceber em algumas práticas, instituições e organizações como se deu a hospitalidade cristã na história. Este não é um trabalho exaustivo, mas pretende mostrar que, percorridos os séculos, hoje a hospitalidade permanece como um chamado à Igreja, inclusive num mundo de pluralismo religioso. Em tempos de migrações forçadas, refugiados e deslocados a pedir asilo em tantos países, a hospitalidade é tema importante e desafiador. A liturgia, a pastoral e o ecumenismo são indicados como caminhos abertos para pensar a hospitalidade na missão atual da Igreja.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Revelação. Salvação. Acolhida. Novo Testamento. Cristianismo.

## ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Arbeit setzt sich zum Ziel das Neue Testament und die Geschichte des Christentums zu untersuchen, betreffend zum Thema Gastfreundschaft. Welche Stelle, gemäß des Neuen Testaments, nimmt Gastfreundschaft in der Offenbarung und in der christlichen Erfahrung ein? Um diese Frage zu beantworten werden einige Texte des Neuen Testaments in dieser Perspektive untersucht. Das Kommen des Sohnes Gottes, kraft der Menschwerdung, geschieht im Kontext der Gastfreundschaft: Er wurde aufgenommen. Das Heil Gottes wird der Menschheit in Form der Gastfreundschaft angeboten: der Sohn Gottes, Jesus Christus. Wer aufnimmt, wird aufgenommen. Sie hat Verbindung mit der menschlichen Bereitschaft zur Gastfreundschaft, denn das Heil ist ein Angebot, das man aufnehmen kann, oder nicht. Man darf dabei auch nicht vergessen, daß Gastfreundschaft auch mit ihrem Gegenteil koexistiert, das heißt, mit der Feindseligkeit. Jesus hat sie auch erfahren. "Ich war fremd und obdachlos, und ihr habt mich aufgenommen" (Mt 25,35c) ist der Titel der vorliegenden Arbeit. Dieser Bibelvers stellt die Identifikation Christi mit denen die der Gastfreundschaft bedürfen, her. In diesem Sinne ist die Praxis der Gastfreundschaft eine Erlösungsmöglichkeit. Die Erlösung an sich selbst kann auch als göttliche Gastfreundschaft verstanden werden, da Gott die Erlösten in der Ewigkeit aufnehmen wird. Im Laufe der Arbeit richtet der Blick sich auf die neutestamentlichen Texte um festzustellen, wie man in den Anfängen des Christentums Gastfreundschaft verstanden und gelebt hat. Danach, wenn auch sehr summarisch, richtet sich der Blick auch auf die 20 Jahrhunderte der Geschichte des Christentums, um in einigen Initiativen und Organisationen zu beobachten, wie die christliche Gastfreundschaft sich in der christlichen Geschichte entwickelt hat. Die vorliegende Recherche ist sicherlich nicht umfassend, möchte aber darstellen, daß Gastfreundschaft auch noch heute eine Herausforderung für die Kirche ist, auch im Kontext des religiösen Pluralismus. In Zeiten der gezwungenen Migrationen, mit Migranten und Flüchtlingen, die in so vielen Ländern flehend um Aufnahme und Asyl bitten, bleibt Gastfreundschaft ein wichtiges und herausforderndes Thema. Liturgie, Seelsorge und Ökumene sind als offene Wege zur Gastfreundschaft in der gesamten aktuellen Mission der Kirche zu bedenken .

**Schlüsselbegriffe:** Gastfreundschaft. Offenbarung. Erlösung. Aufnahmebereitschaft. Neues Testament. Christentum

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>1 A HOSPITALIDADE NOS EVANGELHOS</b> .....	<b>13</b>
<b>1.1 Os Sinóticos: a experiência humana, concreta da hospitalidade, ligada à salvação..</b>	<b>16</b>
1.1.1 Jesus na casa de Pedro ( <i>Mc</i> 1,29-34).....	16
1.1.2 Jesus na casa e à mesa de Levi ( <i>Lc</i> 5, 27-32) .....	19
1.1.3 “Eu era estrangeiro e me acolhestes em casa” ( <i>Mt</i> 25,31-46) .....	21
<b>1.2 “A Palavra veio morar entre nós” (<i>Jo</i> 1,1-18).....</b>	<b>25</b>
<b>2 A HOSPITALIDADE NO CRISTIANISMO PRIMITIVO</b> .....	<b>34</b>
<b>2.1 Pedro, hóspede em casa de pagãos, os acolhe na comunidade cristã (<i>At</i> 10,1–11,18)</b>	<b>36</b>
2.1.1 O esquema geral da hospitalidade nos Atos dos Apóstolos .....	36
2.1.2 A hospitalidade em vista da evangelização .....	39
2.1.3 Um texto paradigmático .....	40
<b>2.2 Os escritos de Paulo</b> .....	<b>44</b>
<b>2.3 A hospitalidade na Carta aos Hebreus, na Primeira Carta de Pedro e no Apocalipse de São João</b> .....	<b>49</b>
2.3.1 “Não descuideis da hospitalidade” ( <i>Hb</i> 13,2).....	50
2.3.2 “Sede hospitaleiros uns com os outros” ( <i>1Pd</i> 4,9) .....	51
2.3.3 “Eis que estou à porta e bato” ( <i>Ap</i> 3,20).....	54
<b>3 A HOSPITALIDADE NA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA IGREJA: ONTEM E HOJE</b> .....	<b>59</b>
<b>3.1 A hospitalidade na história da Igreja</b> .....	<b>60</b>
3.1.1 Uma marca da espiritualidade cristã: a virtude da caridade e as obras de misericórdia corporais .....	61
3.1.2 A tradição monacal .....	66
3.1.3 As instituições de hospitalidade: Hospitais, Santas Casas, Hospícios, <i>Maison-Dieu</i> e <i>Hôtel-Dieu</i> .....	70
<b>3.2 A hospitalidade: um chamado atual à Igreja</b> .....	<b>77</b>
3.2.1 A Liturgia é hospitaleira .....	78
3.2.2 A pastoral é hospitaleira: o doente, o pobre, o estrangeiro, o refugiado .....	80
3.2.3 O ecumenismo, experiência de hospitalidade.....	83
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>93</b>

## INTRODUÇÃO

Na hospitalidade há uma experiência de transcendência. Exercitar a hospitalidade sem garantias de que o outro também será hospitaleiro é uma revolução do mundo, uma queda dos muros de inimizades e a introdução da paz.<sup>1</sup> Jesus é o Verbo feito carne, que “veio morar entre nós” (*Jo* 1,14) e deu, a quem o acolheu, o “poder de se tornar filho de Deus” (*Jo* 1,12). Mesmo que Ele não tenha recebido a hospitalidade que lhe seria devida, levou até o fim sua missão, de revelar Deus e convidar a humanidade à salvação.

A hospitalidade, que é uma categoria relacional, convive com a possibilidade do seu oposto, a hostilidade, a negação da acolhida, o fechamento. Antes da abordagem bíblica e histórica, importa reconhecer que nas relações humanas a hostilidade é sempre uma sombra que acompanha a hospitalidade.<sup>2</sup> É preciso, antes de tudo, “afastar a hostilidade latente [...], pois o hóspede, o estrangeiro, é seguidamente visto como reservatório de hostilidade: seja ele pobre, marginal, errante, sem teto, seja o louco ou vadio, ele representa uma ameaça”.<sup>3</sup> Nos tempos atuais, percebe-se, pelo mundo, como a presença de numerosos estrangeiros é tida como uma ameaça por muitas nações ou por parte de suas populações. O tema das migrações forçadas e dos refugiados traz a hospitalidade e, com ela, a hostilidade, para o centro do debate atual. Fora do âmbito teológico e filosófico, a hospitalidade é muito estudada como negócio, ligada sobretudo à hotelaria. A sociologia e a filosofia, em outro campo, se deparam com o drama dos milhões de refugiados e deslocados pelo planeta, o que coloca questões profundas, urgentes e complexas sobre a convivência humana na terra. Podem-se fechar as fronteiras de um país aos que chegam fugindo para não serem mortos? Como lidar com o impacto que sente uma nação ao receber milhares – em alguns casos até milhões – de refugiados em um curto período de tempo? Esta dissertação não vai responder a essas questões, embora elas sirvam para colocar a relevância deste estudo sob a perspectiva teológica como fundamental para dialogar com a realidade atual.

E a teologia, tem algo a dizer para esta realidade? Tem a fé cristã elementos para dialogar com esse quadro social? É importante lembrar que a própria vinda do Filho de Deus

---

<sup>1</sup> Cf. SUSIN, L. C. *Deus hóspede*, p. 20.

<sup>2</sup> Etimologicamente os termos são próximos. “Hospitalidade e hostilidade estão, portanto, imbricadas, e a hospitalidade torna-se, nessa concepção, o remédio contra a hostilidade”. CAMARGO, L. O. de L. O estudo da hospitalidade. In: MONTANDON, A. *O livro da hospitalidade: acolhida ao estrangeiro na história e nas culturas*, p.15.

<sup>3</sup> MONTANDON, A. A difícil e necessária dádiva da reciprocidade, p. 35.

é marcada por estas duas reações: hospitalidade, como a de Maria e José, e hostilidade, como a de alguns moradores de Belém, que não tinham lugar para eles (cf. *Lc 2,7*), ou dos que entraram em controvérsia com Jesus e o expulsaram de sua terra (cf. *Lc 4, 28-30*). A presente dissertação vai tratar da hospitalidade numa perspectiva cristã, tomando como ponto de partida a afirmação de Jesus: “Eu era estrangeiro e me acolhestes em casa” (*Mt 25,35c*). Foi tomada a tradução bíblica da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que traz a acolhida com a especificação “em casa”. A casa é o lugar primordial da hospitalidade. Ela pode estar subentendida quando se fala de acolhida. Optou-se por enfatizar esse elemento hospitaleiro: é na casa que se celebra a hospitalidade, é aí que se compartilha algo da própria vida com o que vem de fora.

O parágrafo precedente coloca muito das motivações pessoais, pastorais e acadêmicas para a realização deste estudo. A hospitalidade está ligada à dinâmica da vida, pois antes de qualquer lampejo de consciência e vontade o ser humano já é acolhido, hospedado por alguém, a mãe que gesta, carrega, alimenta, e a família que cuida e acompanha o desenvolvimento. As relações humanas, quando marcadas pela hospitalidade, são transformadas: visitar uma família de amigos, entrar numa casa para abençoá-la ou visitar o doente que aí é cuidado. Na pastoral da Igreja, a hospitalidade pode ser um modo de as pessoas se sentirem “em casa” no ambiente eclesial, para aí experimentar aquela acolhida transcendente de Deus que toca a humanidade e chama a criar espaços de acolhida em um mundo que se tem revelado tão hostil a muitas pessoas.

No estudo da teologia sistemática, pode-se relacionar a hospitalidade com a cristologia, como é o objetivo deste texto, ao fazer uma leitura da cristologia em chave de hospitalidade. Aproxima-se da área da teologia fundamental, pois também é possível perceber que a revelação de Deus em Cristo passa pela hospitalidade, como se mostrará depois. A antropologia teológica tem ligação com a temática aqui tratada porque há um elemento forte de identificação de Cristo com o ser humano necessitado de acolhida. O ser humano necessitado é um lugar de encontro com Cristo e de acolhida a ele. Deus quer salvar a todos por meio de Jesus Cristo; e a salvação eterna é hospitalidade, pois anuncia que o ser humano poderá ser acolhido definitiva e plenamente por Deus em sua casa. Ao mesmo tempo, sabedores de que todos são irmãos e irmãs, não devem os cristãos fechar-se à acolhida ao próximo. A exegese bíblica e a história da Igreja permitem que se persiga, sob a ótica da hospitalidade, o percurso da compreensão e da prática da acolhida no Novo Testamento e ao longo dos séculos no cristianismo.

Na teologia, um dos principais autores que se dedica ao estudo da hospitalidade é Claudio Monge, tanto por sua reflexão teórica quanto pela vivência que tem enquanto monge cristão na Turquia, onde a absoluta maioria é de muçulmanos, o que faz a dimensão de acolhida ao diferente ser uma verdadeira necessidade. Luiz Carlos Susin tem sua linha de pesquisa ligada ao tema da hospitalidade, especificamente ao pluralismo, identidades e hospitalidade intercultural e inter-religiosa. Alain Montandon é o editor de uma obra de tamanho enciclopédico, e se dedica ao estudo da hospitalidade, lidando também com a perspectiva religiosa e cultural. José Tolentino Mendonça ocupa-se da temática da hospitalidade, que é frequentemente mencionada em seus textos. Este último autor afirma que o Cristianismo “constrói-se ao lado da hospitalidade”,<sup>4</sup> mostrando a possibilidade de se considerá-lo sob a ótica das relações de acolhida e abertura. Importante frisar que não se seguirá um autor determinado, mas que se percorrerá o itinerário da prática da hospitalidade desde Jesus Cristo até os dias atuais.

A pesquisa<sup>5</sup> será embasada em elementos exegéticos, sobretudo nos capítulos primeiro e segundo. O estudo se apoia em exegetas que, a partir da análise dos textos bíblicos, ajudam na sua correta interpretação. Utilizar-se-á também alguns elementos hermenêuticos, pois se dará uma interpretação a alguns textos e fatos importantes da história relacionados à pesquisa. A constatação da presença de elementos históricos que contribuem para o foco deste estudo também será aproveitada.

O enfoque que se dará à pesquisa é a articulação entre os conceitos teológicos de revelação e salvação com a hospitalidade. A hipótese que se tem ao iniciar o estudo é que a revelação cristã se dá na perspectiva da hospitalidade: Jesus Cristo, o Filho de Deus que vem a este mundo foi acolhido para, então, revelar o Pai e seu desígnio de salvação. Procurar-se-á mostrar que a revelação cristã tem grande proximidade com a dinâmica da hospitalidade.<sup>6</sup> A vontade de Deus é que todos se salvem. Ser salvo é ser acolhido. Acolhido por Deus por pura graça, o ser humano é chamado a acolher o próximo, pois nele acolhe o Cristo. A acolhida a

---

<sup>4</sup> MENDONÇA, J. T. *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*, p. 200.

<sup>5</sup> Considerando-se a distinção metodológica feita por Érico Hammes, este trabalho se aproximará mais do método sintético: “O método sintético é aplicado quando se trata de descobrir algo a partir de um vasto campo. Nesse caso, recolhem-se as diferentes passagens em que o(a) autor(a) ou autore(a)s tratam do tema a ser pesquisado, estabelecem-se as principais linhas de conteúdo e procura-se construir um quadro orgânico de pensamento”. HAMMES, Érico João. *Orientações e normas para trabalhos científicos*: conforme ABNT 2012, p. 13.

<sup>6</sup> A declaração *Nostra Aetate*, do Concílio Vaticano II, que trata das relações da Igreja com as religiões não-cristãs, afirma: “A Igreja católica não rejeita nada do que seja verdadeiro e santo nestas religiões. Considera com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas, que, embora difiram do que ela mesma crê e propõe, não raro refletem um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens”. (*Nostra Aetate*, n. 2).

Cristo e a acolhida ao necessitado – essa é outra hipótese – são um caminho para a salvação e se concretizam como prática de hospitalidade.

Como Jesus, em sua atuação terrena, segundo o relato dos evangelhos, compreendeu, praticou e exortou à hospitalidade? É em textos selecionados dos quatro evangelhos que se vai buscar o alicerce primeiro para a compreensão da hospitalidade como elemento teológico de revelação e de salvação. A revelação de Deus em Cristo se dá em uma estrutura de hospitalidade, pois espera acolhida da parte da humanidade. A salvação, que é dom e graça de Deus, pode ser recebida sem disposição à acolhida do outro que precisa de ajuda, sobretudo o estrangeiro ou forasteiro? Depois da atuação terrena de Jesus, quando ele já não está mais no convívio diário com seus apóstolos e discípulos, como a comunidade cristã primitiva vive a hospitalidade? Leva-se adiante do mesmo modo que Jesus a acolhida como elemento marcante de quem se coloca em seu seguimento? Depois, percorrendo a história do cristianismo pelos séculos, como evolui a prática da hospitalidade? Ao longo dos séculos, qual o seu lugar e sua relevância na história da Igreja? E, chegando à contemporaneidade, tem a hospitalidade lugar e importância para as comunidades cristãs? Ela persiste e tem significado para a Igreja hoje?

O texto está dividido em três capítulos. O primeiro busca perceber como os evangelhos relatam a relação de Jesus com a hospitalidade. Se buscará um texto bíblico em cada evangelista para inferir daí a articulação entre hospitalidade, revelação e salvação. Para isso se fará referências a obras de exegese bíblica, mas sem a pretensão de se ter uma análise exegética completa de cada perícopo. O que se quer é perceber como a hospitalidade está presente nos textos que relatam a atuação terrena de Jesus. Para este capítulo, a base está situada sobre os estudos exegéticos dos textos selecionados, estabelecendo relação com a temática da hospitalidade.

O cristianismo primitivo, expressão que aqui se usa para designar o período em que os apóstolos e discípulos de Jesus iniciam a expansão missionária do cristianismo, é o foco do segundo capítulo. Buscar-se-á perceber como a hospitalidade é compreendida, vivida e ensinada no primeiro século do cristianismo. Agora serão os discípulos que prosseguirão o caminho que Jesus indicou. E, nesse caminho, qual o lugar da hospitalidade? Encontra-se em textos do Novo Testamento algumas restrições à hospitalidade, como indicação para os cristãos. Uma parte disso tem ligação com os pregadores que estavam gerando confusões nas comunidades ou até se aproveitando da acolhida que recebiam. A hostilidade é algo que os primeiros cristãos encontraram também em muitos momentos de sua vida, o que marca algumas passagens do Novo Testamento.

Do século II da era cristã aos dias de hoje é o percurso que se fará no capítulo terceiro, procurando identificar uma linha de evolução da prática da hospitalidade na história da Igreja. Por ser um período extenso, se exigirá que não se detalhe demais, para que se consiga estabelecer uma linha que una o início do cristianismo à contemporaneidade sob uma perspectiva da prática da hospitalidade. Como, em dois mil anos de história, se movimenta a compreensão e a vivência da hospitalidade cristã? Como o percurso histórico é longo, esta pesquisa buscará alguns elementos históricos que permitam ver se a hospitalidade perdura na prática histórica do cristianismo. Já se antecipa aqui um limite encontrado pela escassa bibliografia específica relativa ao tema pesquisado e, junto disso, a amplitude histórica que não possibilita aprofundamento e detalhamento maiores.

Revelação e salvação são iniciativas divinas que, como a hospitalidade que se oferece ou se pede, não têm a garantia da reciprocidade humana. “Em virtude desta Revelação, Deus invisível, no seu imenso amor, fala aos homens como a amigos e conversa com eles, para os convidar e admitir a participarem da sua comunhão” (*Dei Verbum*, n. 2). Jesus aceitou correr o risco da hospitalidade humana, e encontrou-a ao lado de tantas outras experiências de hostilidade. Em sua vida os cristãos encontram em Jesus o paradigma de como são chamados a viver. Que o percurso dessa pesquisa ajude a perceber a hospitalidade como característica de Jesus, Deus que se revela e quer salvar a todos.

## 1 A HOSPITALIDADE NOS EVANGELHOS

Os Evangelhos podem ser lidos sob muitas perspectivas. Pode-se buscar a perspectiva dos milagres de Jesus, dos seus ensinamentos, das controvérsias ou diversas outras. A proposta aqui é olhar para os Evangelhos sob a perspectiva da hospitalidade. Alguns textos selecionados, dentre tantos outros possíveis, servirão de base para fundamentar que a hospitalidade é uma chave de leitura possível dos relatos evangélicos neotestamentários. “Podemos dizer que a atenção e o cuidado pelo outro, especialmente para com o hóspede, estará no âmago da revelação bíblica, tanto vétero como neotestamentária”.<sup>7</sup> Os cristãos entendem que para se chegar à salvação é preciso haver acolhida ao pobre e ao peregrino, o que torna-se um dever.<sup>8</sup>

A hospitalidade é transversal a toda a Escritura como a boa parte da literatura de todos os tempos e latitudes. Sendo uma das características fundamentais do ser humano, a sua importância advém-lhe do fato de espelhar, realizar e potencializar aquilo que mais e melhor caracteriza a humanidade.<sup>9</sup>

Este estudo não vai ocupar-se da fundamentação veterotestamentária da hospitalidade. Além da dimensão antropológica, pode-se lembrar todo o Antigo Testamento e seus diversos relatos<sup>10</sup> fundantes da hospitalidade na perspectiva do judaísmo, que foi assumida pelo cristianismo. “Mais do que um uso, em virtude de uma necessidade, a hospitalidade veterotestamentária apresenta-se como um sinal de fidelidade a Deus”.<sup>11</sup> E, ainda: “É forte a convicção de que acolher o hóspede é acolher Deus, porquanto o enviado é instrumento salvífico do próprio Deus”.<sup>12</sup> A hospitalidade, nos relatos do Novo Testamento, supõe aquilo

---

<sup>7</sup> FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42*, p. 07.

<sup>8</sup> Cf. GRASSI, M.-C. Hospitalidade. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*, p. 51.

<sup>9</sup> CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 274.

<sup>10</sup> “Hospitalidade na tenda de Abraão (*Gn 18,1-16*), hospitalidade na casa de Lot (*Gn 19,1-14*), hospitalidade na casa de Rebeca (*Gn 24,1-67*), hospitalidade na casa de Raab (*Js 2,1-24*), hospitalidade na tenda de Jael (*Jz 4,17-22*), hospitalidade na casa de Gedeão (*Jz 6,11-24*), hospitalidade na casa de Manoé (*Jz 13,1-25*), hospitalidade na casa da concubina (*Jz 19,1-10a*), hospitalidade em Guibeá (*Jz 19,10b-30*), hospitalidade na casa da viúva (*IRs 17,7-16*), hospitalidade na casa da sunamita (*2Rs 4,8-17*), hospitalidade na casa de Raguel (*Tb 7,1-17[8,1]*)”. CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 277.

<sup>11</sup> CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 275.

<sup>12</sup> CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 287.

que o Antigo Testamento apresenta, mas, sobretudo com Jesus, passa a ter um significado ainda maior.

Se o Antigo Testamento manifesta que o lugar do hóspede é algo sagrado, assim como o próprio fugitivo pode achar na tenda do seu inimigo um refúgio inviolável, o Novo Testamento confirma com clareza e profundidade as motivações da prática da hospitalidade. Dito de outro modo, os cristãos não parecem ter novos conceitos de hospitalidade, porque ela não se trata, no Novo Testamento, do resultado de uma nova definição daquela prática nem em uma transformação do ritual.<sup>13</sup>

As narrativas bíblicas não são escritas em vista da hospitalidade, mas pode-se inferir a atitude hospitaleira de diversos relatos. Não são todos estes textos bíblicos que têm em sua estrutura narrativa os ritos de hospitalidade completos. Em geral, esses ritos podem ser enumerados assim:

1) saudação; 2) oferta formal da hospitalidade; 3) cordialidade ou hostilidade, conforme a oferta é aceite [sic] ou não; 4) lava-pés; 5) oferta concreta de um primeiro lugar para o repouso; 6) oferta de uma bebida (vinho, água ou leite); 7) oferta de alimentos; 8) preparação de um quarto para dormir; 9) garantia de proteção, enquanto decorre a hospitalidade; 10) cuidado dos animais do viajante; 11) reciprocidade (se o hóspede quiser retribuir a hospitalidade, pode oferecer algo [não é obrigatório]); 12) acompanhamento por algum tempo do hóspede na sua caminhada de partida.<sup>14</sup>

É importante destacar ainda que o termo não aparece sempre na mesma formulação, mas em formas variadas, que, contudo, permitem ver o sentido que aponte para a hospitalidade: δεχομαι<sup>15</sup>, φιλοξενος<sup>16</sup>, ξενοδοχεω<sup>17</sup>, επιδεχομαι<sup>18</sup>, ξενια<sup>19</sup>.

<sup>13</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l'hospitalité, p. 293-294 (tradução nossa).

<sup>14</sup> FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior*: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42, p. 10-11.

<sup>15</sup> “Traduzido por: a) tomar algo pela mão; b) ser bem-vindo; c) agradável ou favorável; d) receber alguém ou aceitar a Palavra de Deus; e) suportar; f) mostrar hospitalidade para com alguém; g) relacionar-se com”. FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior*: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42, p. 24.

<sup>16</sup> “Traduzido por: a) amor ou amizade pelos estrangeiros (hospitalidade); b) relação amistosa entre o hóspede e o anfitrião”. FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior*: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42, p. 25.

<sup>17</sup> “Traduzido por: a) praticar a hospitalidade para com um hóspede”. FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior*: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42, p. 25.

<sup>18</sup> “Traduzido por: a) acolher alguém como um hóspede; b) aceitar ou receber”. FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior*: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42, p. 25.

A hospitalidade é a lógica pela qual é construído o Reino de Deus: “diante da urgência do anúncio do Reino de Deus, ‘o Filho do Homem que não tem onde reclinar a cabeça’ (*Mt* 8,20), entra nas casas e senta-se à volta da mesa dos pecadores e cobradores de impostos”<sup>20</sup>, além de outros grupos humanos com os quais Jesus se encontra em casa. Jesus precisa de hospitalidade, e já o revela desde o mistério da sua Encarnação: é acolhido por Maria em seu seio e, depois, Maria e José pedem um lugar para que ele possa nascer.

Jesus é o hóspede que carece de hospitalidade nos vários espaços onde se encontra (casa, sinagoga, praça, cidade, aldeia, mesa, etc.) para poder anunciar o Reino de Deus e, ao mesmo tempo, oferece hospitalidade no grande banquete no Reino do seu Pai. Os discípulos de Jesus, moldados pelo exemplo do Mestre, vão exortar à hospitalidade para que o Reino de Deus se faça ouvir pelos lugares onde passam.<sup>21</sup>

Acolher ou não a Jesus, acolher ou não aos seus discípulos está ligado, em última análise, a acolher ou não a revelação de Deus que vem até a humanidade para salvá-la. A revelação não se impõe, ela pede para ser acolhida. E entra-se na lógica do Reino de Deus acolhendo o que precisa de hospitalidade. Com isso, se recebe a salvação. “Quem quiser tomar parte neste Reino, tem de hospedar o próprio Jesus e os seus discípulos. [...] Todo o Evangelho é regulado pela dialética da hospitalidade versus hostilidade, que permite compreender se o Reino de Deus é acolhido ou não”.<sup>22</sup> Hospedando Jesus, quem o acolhe acaba sendo envolvido na dinâmica do Reino de Deus. A hospitalidade é, nesse sentido, convite à conversão.

---

<sup>19</sup> “Traduzido por: a) acolher um hóspede ou um estrangeiro; b) alojamento de um hóspede ou um estrangeiro”. FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42*, p. 25.

<sup>20</sup> FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42*, p. 39.

<sup>21</sup> FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42*, p. 39.

<sup>22</sup> FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42*, p. 43

## 1.1 Os Sinóticos: a experiência humana, concreta da hospitalidade, ligada à salvação

Os Evangelhos sinóticos permitem estabelecer entre eles uma grande afinidade de perspectiva. Por isso, neles se veem as experiências muito concretas, humanas de Jesus com relação à hospitalidade.

O critério para participar do Reino é: o homem nosso irmão. Não, contudo, o homem que se impõe, que quer dominar, mas o homem que precisa de nós. Este é, de certa maneira, o centro do novo entendimento do Reino, a tal ponto que a nossa atitude frente a ele traduz fielmente o nosso relacionamento com Deus (*Mt 25*).<sup>23</sup>

Neste item do texto serão consideradas três perícopes, uma de cada evangelista sinótico, olhando-as sob a ótica da hospitalidade. Jesus não possuía uma casa. Ele era um homem que andava por muitas cidades. Tinha os seus lugares mais frequentes de hospedagem, onde se sentia em casa. “No entanto, o Messias, que não tinha possibilidade material de oferecer hospitalidade, ensinou a seus discípulos a hospitalidade sem exclusão”.<sup>24</sup> Estes textos não são os únicos e, possivelmente, nem os mais explícitos relatos de hospitalidade de cada Evangelho. Contudo, ao tratar deles, tem-se presente que o importante é a dinâmica, a chave hospitaleira de sua compreensão que pode ser aplicada aos demais.

### 1.1.1 Jesus na casa de Pedro (*Mt 1,29-34*)

A perícopa em questão é composta de um relato de cura e de um sumário de um dia de Jesus. Seus paralelos estão em *Mt 8,14-17* e em *Lc 4,38-41*. Pode-se deduzir uma geográfica proximidade da casa de Simão com a sinagoga de Cafarnaum, bem como a familiaridade com que Jesus se movimenta naquela casa. A casa é um lugar muito significativo, importante.

Talvez a esfera mais interessante, porém, seja a arquitetônica, em que a coordenada central positiva é a ‘casa-de-família’ (*oikia, oikos*, sinônimo de sustento, 10,29s; 12,40). A casa é descrita como local ‘resguardado’ para a comunidade do discipulado (6,10). Nela Jesus almoça ou janta com os marginalizados (2,15; 14,3) e espera multidões (1,32; 3,20); ela é o local para a instrução privada (7,17; 9,33; 10,10) e para a cura (1,29-31; 5,38; 7,24). Somente uma vez a casa se presta para

<sup>23</sup> KONINGS, J. *Jesus nos Evangelhos sinóticos*, p. 133.

<sup>24</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité, p. 302 (tradução nossa).

lugar de conflito (3,20ss), o que é explicado pelo fato de que o episódio narra a rejeição de Jesus por sua própria família.<sup>25</sup>

Embora Jesus não tivesse possuído uma casa de sua propriedade, onde pudesse fixar residência depois do início da sua vida pública, “o Senhor sempre tinha os pontos de parada habituais: a casa de Simão, o Apóstolo de Cafarnaum (*Mt* 8,14-15; *Mc* 1,29-39)”.<sup>26</sup> E nesses lugares em que Jesus se sentia acolhido, ele movimentava-se à vontade.

O breve relato sobre a sogra de Pedro (1,30s) apresenta o esquema paradigmático de ação com o qual todos os episódios subsequentes estarão de acordo:

1. O sujeito é posto sob a atenção de Jesus (muitas vezes por intermédio de amigos/parentes, como aqui).
2. Jesus entra em contato com o sujeito (às vezes começando com diálogo).
3. Jesus responde (com um toque, como aqui, ou com uma palavra).
4. A cura é relatada (muitas vezes são dadas instruções).<sup>27</sup>

É no contexto da hospitalidade que acontece a cura da sogra de Pedro. Jesus foi acolhido na casa do seu discípulo, Pedro, que acolheu o chamado de Jesus para segui-lo. É uma acolhida recíproca. Ao ser acolhido, Jesus pode tocar, aproximar-se da realidade das pessoas, como a doença, por exemplo. “Os milagres de Jesus não são espetáculos, mas gestos de fraternidade e solidariedade, que fazem intuir de que lado o reino de Deus entra na textura mundana”.<sup>28</sup> Embora Jesus tenha um olhar atento à situação das pessoas que estão diante dele – necessitadas de cura, atenção, ânimo – ele não se deixa absorver totalmente por essa demanda, mas segue seu caminho.

Na narração da cura da sogra de Pedro, transcrita em todos os sinóticos, Cristo, depois de ter cumprido a prática judaica do dia de sábado na sinagoga, entra na casa do primeiro de seus apóstolos que tem a sogra doente. Aquela cura recebida em um ato de hospitalidade é uma releitura das histórias veterotestamentárias que falam de Elias e Eliseu. Em Cafarnaum, Jesus passa apenas uma noite antes de voltar à estrada. Detalhe ulterior, toda a vila de Cafarnaum se junta diante da porta da casa que o hospeda, não por abusar do hóspede como nas histórias de Sodoma (*Gn* 14,4-9) e de Gaaba (*Jz* 19,22-25), mas, ao contrário, para pedir a ajuda de Jesus e mais explicitamente sua capacidade taumaturgica (*thaumaturgique*). Jesus responde

<sup>25</sup> MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. p. 192-193.

<sup>26</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité, p. 300 (tradução nossa).

<sup>27</sup> MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*, p. 184.

<sup>28</sup> BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. *Os Evangelhos*, p. 439.

somente em parte a estas demandas e, quando já é madrugada do dia seguinte, deixa todo mundo e vai por um tempo orar sozinho.<sup>29</sup>

Pedro e sua família hospedam Jesus em sua casa, a ponto de, nos Evangelhos, quando se fala na casa de Pedro, pode-se subentender que aí passa a ser também a casa de Jesus. Ele se hospeda, permite ser acolhido. E, acolhendo-o, inicia-se uma transformação já na vida da família que o acolhe: a cura. Logo curada, a sogra de Pedro passa a servir. Chama a atenção, ainda, que Jesus não se prende, não se estabelece longamente num lugar. Ele logo parte para prosseguir sua missão. “Quem é hospitaleiro não exerce domínio sobre seus hóspedes, como também não fica sem hóspedes: ele possui capacidade para comungar com os amigos. Deixa-os compartilharem de sua vida e possui interesse na vida deles”.<sup>30</sup> A hospitalidade não permite a absorção, a integração do hóspede, o que trairia sua identidade justamente de ser outro, diferente.

A hospitalidade, na essência de seu funcionamento, tem a necessidade de manter o estranho como tal, isto é, de preservar a distância. [...] Integrar é submeter o outro à minha lei, exigir sua metamorfose, sua transformação, isto é, exercer, de certa maneira, uma violência. A hospitalidade se distingue desse tipo de acolhida integradora pelo respeito da alteridade como tal, sem vontade do que é submissão à minha lei. A hospitalidade cessa onde começa a integração. Assim, a hospitalidade fica entre dois limites: a rejeição e a absorção.<sup>31</sup>

Jesus não é integrado à rotina das famílias que o hospedam, seja a de Pedro, seja a de Marta, Maria e Lázaro, seja a das outras pessoas em cujas casas ele se fez hóspede. Sabe de sua identidade e de sua missão e retira-se no tempo adequado, como se vê ao final da períclope marcana aqui abordada, para o encontro com Deus Pai na oração silenciosa e pessoal.

---

<sup>29</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l'hospitalité. Zeta Books, 2008, p. 300-301 (tradução nossa).

<sup>30</sup> MOLTSMANN, J. *O Espírito da Vida*. Uma pneumatologia integral, p. 119.

<sup>31</sup> MONTANDON, A. *O livro da hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 34.

### 1.1.2 Jesus na casa e à mesa de Levi (*Lc 5,27-32*)

O Evangelho segundo Lucas é campo vasto para a temática da hospitalidade<sup>32</sup>. Jesus não tem casa de sua propriedade para oferecer hospitalidade, mas faz sua a casa de alguns discípulos, como a de Pedro ou a dos irmãos de Betânia<sup>33</sup>.

A perícopé pode ser subdividida: um relato de vocação, nos versículos 27 e 28, e uma refeição com os pecadores, nos versículos 29-32. Os paralelos sinóticos estão em *Mc 2,13-17* e *Mt 9,9-13*. Os relatos de vocação têm, em geral, a mesma estrutura narrativa: “Jesus passa, vê e chama alguém com nome e profissão e que deixa tudo para seguir Jesus”.<sup>34</sup> Lucas e Marcos chamam este homem de “Levi”; apenas o evangelista Mateus é que atribui a ele o mesmo nome que o seu. Aqui interessa, sobretudo, o desenrolar da história: “Levi preparou-lhe um grande banquete na sua casa. Lá estava um grande número de publicanos e de outras pessoas, sentadas à mesa com eles” (*Lc 5,29*). Segue-se a murmuração dos fariseus e dos escribas, escandalizados pelo fato de Jesus e seus discípulos comerem com cobradores de impostos e pecadores. Jesus responde-lhes: “Não são as pessoas com saúde que precisam de médico, mas as doentes. Não é a justos que vim chamar à conversão, mas a pecadores” (*Lc 5,31-32*).

Os costumes judaicos, especialmente no que diz respeito à comensalidade, são bastante claros e definidos. Por isso, a atitude de Jesus deixou os fariseus e escribas perturbados. Eles viviam numa lógica de comensalidade exclusivista<sup>35</sup>: evitar comer com quem fosse pecador público, para não contaminar-se por ele nem aprovar sua conduta. Jesus procede de maneira diversa. “Neste banquete, todos têm um lugar, especialmente os pecadores, os publicanos e os oprimidos. Jesus é acolhido como hóspede na casa, tornando-se

<sup>32</sup> No envio que Jesus faz dos 72 discípulos (*Lc 10,1-12*), ele conta com a possibilidade de os seus enviados serem hostilizados. Como já afirmou-se na introdução, a hospitalidade lida sempre com o seu oposto, a possibilidade da hostilidade.

<sup>33</sup> *Lc 10, 38-42*. Pode-se mencionar ainda a parábola do bom samaritano (*Lc 10,25-37*), a do rico e de Lázaro (*Lc 16, 19-31*), o episódio de Zaqueu (*Lc 19, 1-10*), a ceia com os discípulos antes de morrer (*Lc 22,7-23*) e, com grande riqueza de elementos, Jesus e os discípulos de Emaús (*Lc 24, 13-35*).

<sup>34</sup> SILVA, C. M. D. da; RABUSKE., I. J. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*. Novíssima tradução dos originais, p. 78.

<sup>35</sup> “No tempo de Jesus existiam associações de judeus piedosos (*haberot*), ligados ao Templo e cumpridores dos preceitos da Torá, que procuravam implementar os preceitos religiosos do puro e do impuro na vida cotidiana de todo o povo, especialmente com relação à pureza alimentar. Desta forma, o espaço da casa é um prolongamento do Templo, que se molda pelas leis da pureza ou da impureza. Estes preceitos dão lugar ao *exclusivismo*, gerando uma aceitação de hóspedes, mas também uma discriminação.” FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42*, p. 47.

o anfitrião que oferece a salvação aos homens”.<sup>36</sup> A atitude de Jesus nesta passagem é ligada a outras que virão depois, como consta na introdução do capítulo 15 de Lucas: “Todos os publicanos e os pecadores aproximavam-se de Jesus para o escutar. Os fariseus e os escribas, porém, murmuravam contra ele. ‘Este homem acolhe os pecadores e come com eles’” (*Lc* 15,1-2). E, ainda, pode-se mencionar a hospedagem de Jesus na casa de Zaqueu, que surpreende os fariseus e escribas pelo mesmo motivo.

Jesus quer que os escribas e fariseus modifiquem sua forma de valorar a realidade e compreendam o sentido profundo de sua aproximação aos tidos por pecadores. No fundo, há uma luta de deuses: o Deus da santidade, ao que se acede separando-se do profano e do impuro, e o Deus da misericórdia, ao que se acede na medida em que se busca a incorporação dos excluídos, o qual faz saltar os limites do sistema.<sup>37</sup>

Embora os relatos evangélicos tragam episódios que acontecem no Templo e na sinagoga, são as casas das pessoas o lugar privilegiado do contato próximo com Jesus. “Jesus apresenta-se como um hóspede e sua missão depende da hospitalidade. Ele não tem uma casa ou um lugar onde repousar a cabeça (*Lc* 9,58), mas anda à procura de um lugar”.<sup>38</sup>

As refeições das quais Jesus participa, contextos privilegiados de hospitalidade, são aproveitadas por ele para reinterpretar ou até transtornar o seu sentido comum.<sup>39</sup> Os fariseus serão um dos grupos que mais se prestará ao conflito com Jesus por causa de sua maneira de participar das refeições. “Os fariseus eram leigos que aspiravam a reproduzir em suas casas o modelo do templo. Sua preocupação fundamental girava em torno da mesa, suas normas e condições de participação”.<sup>40</sup> Jesus não está preocupado em reforçar as distinções que se davam em torno da mesa (puro e impuro, pertença e exclusão) mas, pelo contrário, em fazer da mesa um ambiente simbólico da acolhida incondicional de Deus.

Jesus é enfático e decidido ao quebrar as normas da mesa, as regras de pureza. Se as normas de mesa são constituintes da identidade de uma cultura, é sinal de que Jesus quer

---

<sup>36</sup> FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42*, p. 45.

<sup>37</sup> AGUIRRE, R. *La mesa compartida*. Estudios del NT desde las ciencias sociales, p. 64. (tradução nossa).

<sup>38</sup> FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42*, p. 47.

<sup>39</sup> Cf. MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité, p. 307 (tradução nossa).

<sup>40</sup> AGUIRRE, R. *La mesa compartida*. Estudios del NT desde las ciencias sociales, p. 43. (tradução nossa).

mudar a sociedade que está aí, ele a quer diferente. “Para Lucas, quando Deus reina, ‘derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes; aos famintos sacia de bens e despede aos ricos sem nada’ (1,52-53); declara ditosos os pobres e lamenta a sorte dos ricos (6,20-24)”.<sup>41</sup> Jesus, por suas ações e palavras, antecipa e prefigura a ceia da eternidade, o banquete do Reino de Deus, seu Pai.

Jesus entra para comer em casas bem distintas, tanto de fariseus como de publicanos, ou procura uma casa em Jerusalém para compartilhar a mesa com seus discípulos. A comunidade cristã se reúne nas casas, e é nelas onde “parte o pão”. O Templo de Jerusalém e a casa representam dois sistemas sociais diferentes e que acabarão sendo antagônicos e incompatíveis. O evangelho de Lucas começa e termina no Templo. Nos Atos, que começam na casa, o Templo desaparece em seguida, e a Palavra de Deus se estende de casa em casa, até a casa romana em que Paulo anuncia a Jesus Cristo e onde se reúne a comunidade. [...] A casa vai servir para expressar os valores do Reino de Deus: solidariedade; dar sem esperar recompensa; gratuidade; serviço... O centro da casa, o grande rito doméstico, é a participação da mesa. A mesa participada e compartilhada é a expressão do Reino de Deus, de sua presença histórica (cf. *Lc* 10) e de sua plenitude escatológica.<sup>42</sup>

Jesus se deixa acolher pelos pecadores, como na perícopes aqui abordada, para reintegrar na comunidade, devolver ao seu anfitrião “uma dignidade humana e espiritual”.<sup>43</sup> É interessante notar o aspecto recíproco da hospitalidade: à acolhida que se dá a Jesus corresponde a acolhida entre os comensais da mesa do Reino de Deus. É para chamar os pecadores e os doentes que veio o Filho do Homem (cf. *Lc* 5, 31-32).

### 1.1.3 “Eu era estrangeiro e me acolhestes em casa” (*Mt* 25,31-46)

A perícopes que aqui se analisa, dentro da qual está o título desta dissertação, é do material evangélico próprio de Mateus, ou seja, não se encontra nos outros Evangelhos. Para Mateus,

a Igreja é a comunidade dos discípulos que seguem Cristo e agem de acordo com o querer do Pai. A vinda final do Senhor motiva um comportamento de espera vigilante, fiel e comprometida e exclui nos crentes toda a segurança fundada na pertença institucional e sacramental à Igreja, porque a separação definitiva do juízo

<sup>41</sup> AGUIRRE, R. *La mesa compartida*. Estudios del NT desde las ciencias sociales, p. 83-84. (tradução nossa).

<sup>42</sup> AGUIRRE, R. *La mesa compartida*. Estudios del NT desde las ciencias sociales, p. 129-130. (tradução nossa).

<sup>43</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité, p. 302 (tradução nossa).

final não será feita baseando-se em motivos confessionais, mas unicamente na medida da práxis do amor.<sup>44</sup>

O discurso sobre o fim, que em Mateus ocupa os capítulos 24 e 25, é uma redação organizada pelo evangelista, diante da realidade de sua comunidade. Já acontecera a destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 d.C. que “desencadeou uma onda de entusiasmo apocalíptico. Profetas fáceis anunciavam que o fim do mundo enfim estava próximo. A agitação era grande”.<sup>45</sup> Contudo, já se passaram mais de dez anos, e aos poucos a comunidade cristã vai se acomodando.

A vinda do Senhor tarda. Espalha-se a convicção de que é preciso contar com longos tempos. À esperança febril segue-se um perigoso torpor, uma preguiça espiritual que produz fenômenos de relaxamento na vida cristã, de laxismo moral, de distração quanto ao compromisso operativo. [...] Extenuando-se a esperança escatológica, era fatal que a vida ética dos crentes sofresse um contragolpe. Diminui o fervor primitivo e se entra na estrada da mediocridade e do laxismo.<sup>46</sup>

O evangelista quer despertar a Igreja, chamá-la novamente à vigilância, à espera atenta do Senhor. Por isso essa unidade é concluída com o discurso escatológico do juízo final. Neste, o critério para o julgamento, que será dado pelo Filho do Homem, estará baseado no “amor concreto e efetivo, demonstrado ou negado aos menores dos seus irmãos”.<sup>47</sup> Tal compreensão não é negação da importância e da necessidade da fé para a salvação. Esse discurso escatológico de Jesus é dirigido aos “discípulos cristãos, e o discipulado é ousadamente compreendido como equivalente ao cuidado com os necessitados. Isso não significa uma negação da fé; faz parte da essência da fé”.<sup>48</sup>

O futuro chama a comunidade de fé a viver o presente na realização da vontade de Jesus, conforme aquilo que ele ensinou pelas palavras e pela vida. “O hoje fica qualificado pela esperança do futuro final exatamente como vigilância e fidelidade, operosidade, amor”.<sup>49</sup>

---

<sup>44</sup> BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. *Os Evangelhos I*, p. 43-44.

<sup>45</sup> BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. *Os Evangelhos I*, p. 348.

<sup>46</sup> BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. *Os Evangelhos I*, p. 348.

<sup>47</sup> BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. *Os Evangelhos I*, p. 43-44.

<sup>48</sup> BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, p. 206.

<sup>49</sup> BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. *Os Evangelhos I*, p. 350.

Nessa articulação entre o tempo futuro e o tempo presente, o evangelista lança um “olhar profético sobre o futuro visando fundar escatologicamente uma ética atual para a Igreja”.<sup>50</sup> O juízo retratado por Mateus tem um caráter universalista: “e serão reunidas diante dele todas as nações” (*Mt 25,32a*). Mas o que chama a atenção para esse estudo é o critério do juízo: “os homens entrarão no Reino ou cairão na perdição segundo a ajuda que tiverem prestado ou não aos necessitados”.<sup>51</sup> E a temática da hospitalidade está aí inclusa, quando fala do forasteiro que deve ser hospedado, acolhido em casa. A ajuda prestada – ou negada – ao faminto, sedento, estrangeiro, nu, enfermo ou preso é ajuda que se presta ao próprio Jesus.

A acolhida ao outro, peregrino ou fugitivo, conhecido ou estrangeiro, não é somente mais suscitada, como na antiguidade pagã, pela misteriosa proteção dos deuses da qual usufruía o hóspede acolhido; também não é mais preciso dizer o nome, como no Antigo Testamento, que o hóspede acolhido era um mensageiro de Javé. A grande novidade que fundamenta a hospitalidade, quando se fala em Novo Testamento, é a solidariedade radical de Deus em Cristo e sua identificação declarada com os mais pequenos e necessitados.<sup>52</sup>

A salvação é oferecida por Deus à humanidade. A revelação de Deus em Jesus Cristo pode ser acolhida ou não pelas pessoas. Contudo, a revelação de Jesus acerca da salvação humana deixa claro o critério do amor, que Mateus relata sem nenhum subjetivismo espiritualista, mas com o realismo das relações que se estabelecem com o próximo. A acolhida ao Cristo é efetivada no concreto amor ao irmão.

O juízo final torna-se assim acontecimento de revelação para os homens. Manifestará que eles já encontraram o juiz, diante do qual estão agora recolhidos, e que ele já os encontrou, mas sob um outro aspecto, irreconhecível aos seus olhos, isto é, nos seus irmãos que são os pobres. O do juízo é, na realidade, um segundo encontro e o seu êxito do precedente.<sup>53</sup>

Elemento interessante do relato de Mateus é a surpresa de ambos os grupos, os que atenderam às necessidades do próximo e os que ficaram indiferentes: quando foi que te vimos

---

<sup>50</sup> BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. *Os Evangelhos I*, p. 370.

<sup>51</sup> BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. *Os Evangelhos I*, p. 371.

<sup>52</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l'hospitalité, p. 295-296 (tradução nossa).

<sup>53</sup> BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. *Os Evangelhos I*, p. 372.

assim? Os justos não estavam fazendo o bem para tentar “subornar ou impor uma obrigação a Deus”,<sup>54</sup> mas agiam por gratuidade.

Jesus manifesta uma objetiva solidariedade sua com os pobres, a quem considera irmãos e irmãs. “A norma pois que serve de base para o juízo é, concretamente, de caráter humanitário, mas junto existe um decisivo alcance cristológico. Na realidade, Cristo julga os homens segundo o tenham acolhido ou rejeitado”.<sup>55</sup>

Os Evangelhos sinóticos reafirmam que a hospitalidade é uma prática a alguém concreto, não é uma abstração, mas uma relação. Já o Antigo Testamento tem claro que o pobre, o órfão, a viúva e estrangeiro são a concretização daquilo que Lévinas exemplificou como “alteridade”. “E como alteridade, o reconhecimento não consiste em vê-los iguais a mim, mas diferentes de mim”.<sup>56</sup> Todos eles, e aqui pensa-se especialmente naqueles que precisam de hospitalidade, “não são abstração: existem de fato no mundo mas estranhos ao mundo, sem servir para algo no mundo, marginalizados e inconvenientes”.<sup>57</sup> Embasado em Lévinas, Susin destaca que o único poder do hóspede é tornar o dono (aquele que tem casa, cidadania, bens) um hospedeiro. “Somente o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro estão em situação permanente de serem hóspedes e em poder permanente de tornar o dono um hospedeiro”.<sup>58</sup>

Nas perícopes bíblicas analisadas, conclui-se que Jesus se faz hóspede, tanto em casa de Pedro quanto em casa de Levi. Ele é que se mostra necessitado de acolhida e, uma vez acolhido, provoca verdadeira transformação na vida de quem o acolhe: a doença cede lugar à saúde, o pecador decide-se a mudar de vida. “Jesus usa as refeições para um ensinamento que é, sobretudo, uma crítica social e religiosa ao mesmo tempo em que fundamenta uma relação nova dos homens com Deus e entre si”.<sup>59</sup> O Nazareno se identifica com todas aquelas pessoas, de todos os tempos e lugares, que clamam, mesmo que sem voz, por comida, bebida, saúde, liberdade, vestimenta, acolhida. Jesus era um judeu e, por isso, não era um estrangeiro em sua

---

<sup>54</sup> BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, p. 206.

<sup>55</sup> BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. *Os Evangelhos I*, p. 372.

<sup>56</sup> SUSIN, L. C. *O Homem Messiânico*. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas, p. 201.

<sup>57</sup> SUSIN, L. C. *O Homem Messiânico*. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas, p. 201.

<sup>58</sup> SUSIN, L. C. *O Homem Messiânico*. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas, p. 203.

<sup>59</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l'hospitalité, p. 307 (*tradução nossa*).

pátria, “mas o fato de ser estrangeiro é inerente a sua natureza mesma: ele é aquele que vem do céu”.<sup>60</sup> Poderiam ser analisados muitos outros textos, como, por exemplo, o do rei que prepara um grande banquete (*Mt* 22,1-14) ou a refeição em casa de Mateus, coletor de impostos (*Mt* 9,9-13). Todos dariam o mesmo direcionamento de perspectiva, a acolhida ou hospitalidade.

## 1.2 “A Palavra veio morar entre nós” (*Jo* 1,1-18)

Ao tomar contato com o texto do Quarto Evangelho, percebem-se diferenças com relação aos outros três evangelistas, sobretudo na maneira de narrar os acontecimentos, acrescentando-lhes uma perspectiva de visão reflexiva. “Os sinóticos relatam, cada um à sua maneira, os acontecimentos passados de acordo com as lembranças de cada comunidade; mas João esforçou-se por dar o sentido dessas lembranças à luz do Espírito Santo e numa perspectiva nitidamente pós-pascal”.<sup>61</sup> É nesse sentido, de leitura guiada sob a ação do Espírito Santo, que o Evangelho em questão é chamado de “espiritual”.

Deus, que amou tanto o mundo que deu seu Filho único (3,16), é essencialmente *relação*, primeiro com o Filho único e, por meio dele, com os homens. A relação que une o Pai e o Filho é expressa na relação que une o Cristo e seus discípulos; mais ainda, ela se exprime na relação que deve unir os discípulos entre si.<sup>62</sup>

O ponto de partida do Evangelho de João também difere dos outros evangelistas<sup>63</sup>. Marcos inicia com a narrativa sobre João, o Batista. Mateus e Lucas contam sobre o nascimento de Jesus. “O quarto evangelista recua mais ainda: regressa, no seu Prólogo (1,1-18), até a origem de Jesus nas profundezas eternas de Deus. Quem Jesus é e de onde ele vem não mais é enunciado em termos biográficos, mas teológicos”.<sup>64</sup>

---

<sup>60</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité, p. 297 (tradução nossa).

<sup>61</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 19.

<sup>62</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 29-30.

<sup>63</sup> “O Prólogo de João também remonta à origem, esse ponto cego que presta conta do homem cuja vida vai ser contada; mas para Jo a origem não é descrita como um nascimento maravilhoso (*Mt* 1,18-25), ela não remonta apenas ao primeiro Adão (*Lc* 3,38), e não é simplesmente afirmada como a do ‘Filho de Deus’ (*Mc*): ela é encontrada no próprio Deus.” LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 39.

<sup>64</sup> BEUTLER, J. *Evangelho segundo João: Comentário*, p. 15.

Ao fazer essa abordagem do texto do evangelho segundo João, sobretudo do Prólogo, tem-se por objetivo mostrar que a revelação de Deus em Jesus Cristo, ao ser acolhida pela humanidade, abre o acesso à salvação. Deus vem ao encontro do ser humano. Contudo, é preciso que os seus O acolham, para que possam nascer não do sangue, mas de Deus mesmo (cf. *Jo* 1,13).

A contemplação de Jesus de Nazaré como o Messias glorificado, criação por excelência e aquele que leva à plenitude toda a criação, provocou a compreensão do processo inverso: não sobe a Deus quem primeiro não desceu de Deus (cf. *Ef* 4,10). A exaltação levou à compreensão da encarnação do Messias no tempo, do filho de Deus “antes de todos dos tempos”.<sup>65</sup>

Os versículos joaninos sobre os quais se detém o presente estudo não usam explicitamente a palavra “hospitalidade”. A palavra usada é, isto sim, acolhida. E essa acolhida da revelação de Deus é que será lida em chave de hospitalidade. Acolhendo o Cristo, acolhe-se a Deus. E acolhendo aquele que necessita, acolhe-se o Cristo. É de Deus que vem a salvação, e é na acolhida ao enviado de Deus e, por conseguinte, ao próximo, que se recebe a salvação.

O prólogo de João (1,1-18) pertence ao texto do evangelho.<sup>66</sup> “O evangelho de João começa por um poema de abertura que chamamos de Prólogo, destinado a introduzir o leitor no corpo da narrativa evangélica”.<sup>67</sup> No prólogo já estão contidos temas maiores que aparecerão no conjunto da obra joanina.

Alguns tradutores preferem manter o vocábulo “Logos”<sup>68</sup>, outros traduzem por “Verbo” e outros, ainda, por “Palavra”. É importante destacar que

num momento do tempo, o Logos não se contentou em “vir ao mundo” (1,9) e “vir à sua propriedade” (1,11), ele tomou uma figura (1,14). Isso quer dizer que ele não a teve sempre. Daí a distinção entre o *lógos ásarkos* (“Palavra não encarnada”) e o *lógos énsarkos* (“Palavra encarnada”).<sup>69</sup>

<sup>65</sup> SUSIN, L. C. *A Criação de Deus*, p. 159.

<sup>66</sup> “Muitos comentadores antepõem ao evangelho o Prólogo como texto separado. Contudo, há muitos argumentos para tratá-lo em conexão com os capítulos subsequentes”. BEUTLER, J. *Evangelho segundo João: Comentário*, p. 41.

<sup>67</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 38.

<sup>68</sup> “No termo ‘Logos’, que em grego quer dizer ‘Palavra’, o leitor reconhece espontaneamente a segunda pessoa da Trindade: o Prólogo contaria a encarnação do ‘Verbo’, que se tornou Jesus Cristo”. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 48.

<sup>69</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 57.

O versículo 9 fala da luz verdadeira que ilumina todo o ser humano. “Este universalismo continua no versículo 10. Como o mundo inteiro é obra da criação pela Palavra de Deus, o mundo deveria acolhê-la”.<sup>70</sup> O evangelista está descrevendo as duas atitudes diferentes diante do Verbo/Palavra encarnada. “Aqui e em outros casos, especialmente na primeira parte do Evangelho (c. 1-12), mundo equivale a homens em geral”.<sup>71</sup> A Palavra estava desde sempre junto de Deus. O mundo foi criado pela Palavra. “Ora, eis aí algo surpreendente: o mundo (designando aqui os homens), embora em relação vital com o seu Criador, não reconhece na criação a presença da Palavra de Deus (cf. *Rm* 1,20-21)”.<sup>72</sup> Com isso, João está ressaltando o paradoxo que é a oposição entre a criatura e seu Criador. É possível perceber uma progressão entre os dois modos de presença da Palavra no mundo: “a presença do Logos criador e senhor da história (‘ele estava’) e a vinda pessoal do Logos-Luz (‘ele veio’)”.<sup>73</sup>

O mundo não conheceu a Palavra; os seus não a acolheram. Há uma diferença entre as duas realidades, o *mundo* e *os seus*. “no caso dos homens, a recusa é personalizada pela negação do verbo ‘acolher’, o qual corresponde bem ao proceder pessoal do Logos que vem à sua propriedade”.<sup>74</sup> O mundo não conhece, não sabe quem é a Palavra que veio. Já os homens não acolhem a Palavra, a rejeitam.

Um pouco adiante, no versículo 12, “‘Acolher’ a Luz/a Palavra (v. 12a) é equivalente a ‘crer’ na Luz (v. 12c). Esta fé se apresenta como dom divino, fruto de um nascimento de Deus”.<sup>75</sup> Estes versículos (10-13), com a parte sobre a acolhida ou rejeição do Filho de Deus pelos seres humanos, são o núcleo do prólogo joanino.<sup>76</sup>

---

<sup>70</sup> BEUTLER, J. *Evangelho segundo João: Comentário*, p. 54.

<sup>71</sup> BATTAGLIA, O.; NICCACCI, A. *Comentário ao Evangelho de São João*, p. 39.

<sup>72</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 84.

<sup>73</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 85.

<sup>74</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 85.

<sup>75</sup> BEUTLER, J. *Evangelho segundo João: Comentário*, p. 55.

<sup>76</sup> “1,10-13. Incredulidade e fé. Estamos na parte central do prólogo. Nela é descrita a diversa acolhida que os homens reservaram ao Verbo vindo ao mundo”. BATTAGLIA, O.; NICCACCI, A. *Comentário ao Evangelho de São João*, p. 39. “O Prólogo consta de dois painéis, constituindo um díptico. Cada painel é encabeçado pela explicação do sujeito *ho logos* (a Palavra), nomeado só nos vv. 1 e 14”. KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 75. Konings considera estes versículos como o pivô central do prólogo.

A luz verdadeira, diz o texto, é graças a ela que tudo existe: o mundo. Contudo, o mundo não a conheceu. Os “seus”, para quem veio, não a acolheram. “O não conhecer do mundo (v. 10) e o não acolher dos ‘seus’ (v. 11) constituem um paralelismo, mas há também um crescendo: o segundo caso é mais grave!”<sup>77</sup> Para João, nem no “mundo” e nem nos “seus” a Palavra encontra acolhida, há uma rejeição total.

Foi junto a outras pessoas que a Palavra encontrou acolhida, e a essas *deu a capacidade* (lit. “poder, competência”) de se tornarem “filhos de Deus” (*tekna*, termo que em 8,37-39 contrapõe a filiação moral à descendência biológica, *sperma*). O ser humano não se promove a Filho de Deus pelo mero fato de acolher a Palavra na fé, nem pela iniciação nos “mistérios” ou pela busca da gnose ou experiências religiosas em geral. Quem age é a Palavra de Deus, que dá capacidade para o novo nascimento.<sup>78</sup>

A atitude de fé que se espera dos seres humanos ante Jesus, de acolhida, “significa não só reconhecer o que ele é, mas, sobretudo, aderir a Ele totalmente”.<sup>79</sup> Esse novo nascimento, que é dado por Deus àquele que crê na Palavra encarnada, deve ser articulado “com uma atuação histórica, ‘em obras e em verdade’ (cf. 1Jo 3,1.18)”.<sup>80</sup>

Acolher a Palavra, tornar-se filho de Deus, crer no seu Nome e ser gerado de Deus aparece aqui como algo que acontece às mesmas pessoas. Acolher a Palavra e ser gerado de Deus consta no tempo passado. Crer no seu Nome está no presente. E o poder de tornar-se filho de Deus foi recebido: é um “passado de nível diferente”.<sup>81</sup> Importante destacar que há uma simultaneidade entre a ação humana e a ação divina:

Em primeiro lugar, vem a resposta positiva dos homens que acolheram o Logos num momento do tempo, acolhida que consiste em “crer no seu Nome”. A consequência dessa acolhida é ser “filhos de Deus”. Como acontece tudo isso? Não por um meio exclusivamente humano: somente Deus gera como consequência da acolhida e, portanto, da fé, sem por isso suplantar a ação do homem. Esses homens, sem dúvida, acolheram livremente o Logos, mas essa acolhida também foi feita pelo próprio Deus, sem que se possa procurar alguma anterioridade nessas diferentes etapas. (...) Erro seria imaginar que o homem é capaz, no encontro com o Revelador, de produzir, sem Deus, o seu próprio renascimento.<sup>82</sup>

<sup>77</sup> KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 79.

<sup>78</sup> KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 79.

<sup>79</sup> BATTAGLIA, O.; NICCACCI, A. *Comentário ao Evangelho de São João*, p. 40.

<sup>80</sup> KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 80.

<sup>81</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 86.

<sup>82</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 86.

O texto bíblico fala em “todos os que acolheram”, deixando aberta a possibilidade de acolher a Palavra a todos os seres humanos. E qual o sentido dessa acolhida<sup>83</sup>, o que ela significa? “Os que acolheram são os homens que reconheceram no Logos o princípio da sua existência e nas suas promessas de vida o sentido da sua história: eles se deixam iluminar por ele”.<sup>84</sup> O nome, na Bíblia, é substituto da pessoa. Crer no Nome pode ser, aqui, “tanto o Senhor Deus do Antigo Testamento como Jesus no Novo”.<sup>85</sup>

Aos que acolheram a Palavra, crendo no seu Nome, Deus dá o poder de se tornarem filhos de Deus. A acolhida ao Logos faz que o crente pertença a Deus, viva no presente a salvação recebida. Novamente tem-se a articulação entre acolhida-revelação-salvação.

Olhando para o versículo 13, pode surgir a seguinte pergunta: é a acolhida do ser humano à Palavra que lhe faz ser gerado por Deus ou é Deus que gera o ser humano para que possa acolher a revelação, o Logos? “No nosso entender, há coincidência entre as duas ações: a do homem que acolhe o Logos e a de Deus que ‘gera’. Às vezes somos tentados a fazer com que as duas ações sejam sucessivas”<sup>86</sup>, o que traz problemas. Se a ação de Deus viesse antes da do homem, este último não teria liberdade. Mas também a ação humana não poderia preceder a de Deus. A resposta é a “‘sinergia’ de Deus e do homem. Deus e o homem não estão situados no mesmo plano: não se dividem as obras de um e de outro, mesmo quando temos de reconhecer a diversidade de seus papéis”.<sup>87</sup> A ação do ser humano que acolhe coincide com a de Deus que gera.

O prólogo segue (v. 14) narrando a encarnação da Palavra, que estabelece morada<sup>88</sup>, arma sua tenda “entre nós”. E emenda: “e nós vimos sua glória”. A salvação vem pela

---

<sup>83</sup> “A acolhida pode ser definida de fato como o momento inaugural e decisivo da hospitalidade. [...] Esse tempo da acolhida é atravessado pelo paradoxo de ser ao mesmo tempo o todo e uma parte da hospitalidade”. BINET-MONTANDON, C. Acolhida: uma construção do vínculo social. In: MONTANDON, A. *O livro da hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1171.

<sup>84</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 86.

<sup>85</sup> “Para aqueles que acham que o Prólogo fala de Jesus Cristo desde o seu início, não há problema: crer ‘no seu nome’ significa evidentemente crer ‘em Jesus Cristo’. Para nós que achamos que até o v. 14 se trata do Logos não encarnado, a fórmula aplica ao Logos, de modo bem joanino, o que às vezes é dito de YHWH: assim, ‘confiar no Nome [do Senhor]’”. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 87.

<sup>86</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 89.

<sup>87</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 90. Esta reflexão de sinergia entre Deus que gera e o ser humano que acolhe é semelhante à relação entre a graça de Deus e as obras humanas, como se estuda em Teologia da Graça.

<sup>88</sup> “O verbo ‘estabeleceu morada’ (*eskénosen*) significa, literalmente: ‘armou tenda entre nós’”. KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 81.

encarnação. Sabe-se da precariedade, da fragilidade e até da ambiguidade da carne humana, mas é nela que chega a salvação, numa afirmação completamente contrária à gnose: “João insiste na ‘vinda em carne’ de Jesus (cf. 1Jo 4,2; 2Jo 7). (...) João apresenta o *paradoxo* da encarnação (desde o nascimento até a cruz), sem o qual a existência cristã não é autêntica e completa”.<sup>89</sup> A glória de Deus vai se manifestar na carne de Jesus. “Para nós, o lugar onde Deus mora e nós o encontramos é, por excelência, a Palavra de Deus feita carne (cf. Jo 2,22) – sem esquecer que também aquele que observa seu mandamento é habitação do Pai e do Filho (14,23)”.<sup>90</sup>

Na “carne” que é Jesus (= na sua existência humana e mortal), contemplamos a glória de Deus, que é seu amor e fidelidade (...). Isso se verifica sobretudo quando Jesus se despoja de sua vida “na carne”, impulsionado por um amor fiel até o fim. Nesse momento, ele poderá dizer: “Quem me vê, vê o Pai” (14,9).<sup>91</sup>

A revelação de Deus tem seu ponto alto em Jesus Cristo, mas já havia certa comunicação entre o Logos e a criação. Contudo, “a encarnação do Logos marca uma mudança radical no modo da comunicação”.<sup>92</sup> A presença pessoal do Logos na criação, em contato face-a-face com a humanidade, é um acontecimento radicalmente novo. “O acontecimento aqui proclamado é, propriamente, ‘nós vimos sua glória’”.<sup>93</sup> João narra a realidade de um encontro entre a Palavra de Deus encarnada e os seres humanos.

O texto bíblico segue falando do Logos que se fez carne. Ele já existia, mas agora passa a existir na carne: “a manifestação divina se concentra em um homem. (...) A palavra ‘carne’ jamais recebe uma significação pejorativa no Quarto Evangelho”.<sup>94</sup> Não é preciso libertar-se da carne para se tornar filho de Deus, mas, antes, acolher o Filho de Deus na carne humana.

O Logos torna-se “um homem”, mas ele permanece plenamente o Logos. Ele não “assumiu” a carne como se vestisse uma roupa. Ele tornou-se carne. O sujeito que se

---

<sup>89</sup> KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 80.

<sup>90</sup> KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 81.

<sup>91</sup> KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 82.

<sup>92</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 92.

<sup>93</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 92.

<sup>94</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 92-93.

exprime é o mesmo. Contudo, ele sofreu uma verdadeira mudança; não, é claro, na essência da sua divindade, mas na relação que ele tem com as criaturas.<sup>95</sup>

Nos relatos da mitologia grega sobre a hospitalidade, encontra-se a história de deuses que se “disfarçaram” de seres humanos, para testar os humanos. O mesmo se esperava de Zeus, que “devia aparecer ‘em forma de homem’ (*en anthropou morfei*), mas não como homem”.<sup>96</sup> O cristianismo vai por outro caminho: o Filho de Deus assumiu a carne humana e é nela que quer ser acolhido pelos seres humanos. Jesus, o Logos encarnado, fala a língua dos humanos, assume por completo a vida humana “para fazer com que os homens participem de seu próprio ser e, assim, manifestar o que um homem autêntico é chamado a ser de acordo com o projeto de Deus. Na história de Deus se revelando, a Encarnação vem coroar a criação”.<sup>97</sup>

A afirmação de que “o Logos se fez carne e habitou entre nós” (v. 14) pode ser entendida no sentido de que “a orientação universalista do prólogo convida a ver nesse ‘entre nós’ a humanidade em geral, porque o Logos tornou-se homem entre os homens”.<sup>98</sup> Deus era presente na caminhada do povo de Israel, como nômade no deserto. Depois, o Templo passou a ser o lugar da presença, da morada de Deus. Agora, é em Jesus que se tem contato com Deus.

Jesus, a Palavra encarnada, é cheio de graça<sup>99</sup> e de verdade, e é por ele que todos recebem “graça sobre graça” (v. 16). “A graça e a verdade vieram a ser, tornaram-se realidade presente, pela mediação de Jesus, assim como, segundo o v. 3, a criação veio a ser por ele”.<sup>100</sup> Moisés, no Antigo Testamento, era mediador entre Deus e os seres humanos e, por ele, foi recebida a Lei. Jesus, o novo Moisés, é mediador muito superior, pois dele se recebe a graça e

---

<sup>95</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 93.

<sup>96</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 94.

<sup>97</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 95.

<sup>98</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 96.

<sup>99</sup> “O termo hebraico *hèsed* traduzido por ‘graça’ (...) tem diversas significações (benevolência, favor, graça, gratuidade, bondade, misericórdia, amizade, amor), que apontam para a solidariedade, a *atitude de aliança*. (...) A graça é dada de graça, não em virtude de alguma obrigação. Ela exprime a pura bondade e livre iniciativa de quem a oferece. Contudo, apesar de ser gratuita, ela é também exigente, como toda amizade que pretende ser duradoura”. KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 81.

<sup>100</sup> KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 82.

a verdade. “De que Jesus está ‘repleto’? Da verdade, isto é, do conhecimento de Deus. Esse é o ‘dom’ que ele pode trazer ao ser acolhido: comunicar a verdade do Pai, dizê-Lo”<sup>101</sup>

O prólogo torna a falar do Pai, a quem ninguém jamais viu<sup>102</sup>. Mas Jesus “tem o Pai diante dos olhos e, por isso, pode revelá-lo”<sup>103</sup>. Moisés não chegou a ver Deus (*Ex 33,20-23*). Jesus não apenas vê, mas está no seio do Pai, é-lhe íntimo, participa do ser e do agir de Deus desde sempre. Vivendo entre os seres humanos e acolhido pelos homens é que Jesus revelará Deus Pai.

Pela prática de sua vida, Jesus narra, “descreve” (sentido literal do verbo no v. 18c; cf. Sr 42,15;43,31) como Deus é, fazendo-nos ver seu verdadeiro rosto (cf. 14,9). Por isso é preciso narrar essa vida, no evangelho que vai seguir. Não podemos inventar ou imaginar um Cristo qualquer, a nosso gosto; devemos procurar conhecer aquele que a *narrativa* de João nos propõe.<sup>104</sup>

O prólogo não é um resumo do Evangelho todo, mas contém em si elementos fundamentais para entrar na leitura do relato completo, em que Jesus vai narrar, contar Deus. Para o presente estudo, a dimensão da acolhida humana da revelação de Deus é o ponto importante para perceber que:

O termo “acolher”, usado no positivo e no negativo, e que equivale ao “acreditar” dos vv. 6 e 12, exprime claramente uma resposta livre, dada num contexto de relação, poderíamos dizer, interpessoal. O resultado da acolhida é expresso primeiro por “filhos de Deus”, e a seguir por “receber da plenitude do Filho único”. Esse é o projeto de Deus, esse deveria ser o sonho do homem.<sup>105</sup>

A encarnação do Filho de Deus possibilita uma mudança das relações de Deus com a humanidade e dos seres humanos entre si. “No Novo Testamento é evidente que a hospitalidade não se resume no discurso de fórmulas abstratas, mas se traduz em atitudes

<sup>101</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 100.

<sup>102</sup> “*Ver Deus*, esse é o desejo mais profundo do crente, de acordo com a Bíblia. Mas, salvo alguma exceção, esse desejo tem de esperar pelo céu para se realizar. É por isso que, no curso dos séculos, foi transposto para o culto o encontro experimental com Deus. No Templo, onde sua glória estava presente, podia-se saciar simbolicamente o desejo de chegar ao Senhor. Pois na expressão ‘ver Deus’, não se trata de uma contemplação puramente intelectual, mas de uma experiência, o face-a-face com o Deus vivo. Contudo, o nosso texto não se refere a um encontro cultural, do tipo simbólico; a realidade imediata é que é visada pela expressão ‘ver a Deus’”. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 107.

<sup>103</sup> KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 83.

<sup>104</sup> KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 83.

<sup>105</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 113.

concretas que revelam aos homens o plano salvador do próprio Deus”.<sup>106</sup> Deus quer salvar o ser humano. Para isso é que envia seu Filho. Note-se que, desde o anúncio do nascimento de Jesus a Maria, a dinâmica da salvação entra na lógica da hospitalidade: Maria é convidada acolher o menino que será a luz das nações. E, para aqueles que creem em Jesus, mesmo depois de tê-lo acolhido na fé, continua o convite a seguir acolhendo-O em cada pessoa que necessita. Assim, entra-se na dinâmica do Reino de Deus, para ser também acolhido nele e receber a salvação.

No capítulo 13 de João, que abre a segunda grande parte do Quarto Evangelho, leem-se as seguintes palavras atribuídas a Jesus: “Quem recebe aquele que eu enviar, a mim recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou” (*Jo* 13,20). Desse versículo pode-se inferir uma ligação entre Jesus, quem ele envia e quem enviou Jesus. Para a perspectiva hospitaleira tem-se aí um elemento importante. Quando se recebe o enviado, acolhe-se, por consequência, aquele que o enviou. Assim, quando chega um enviado de Cristo, é a Cristo que se acolhe nele. Por outro lado, se alguém é enviado do maligno, acolhê-lo é fazer pacto com quem é do mal. Faz-se essa observação para se compreender o contexto das três cartas joaninas, que apontam algumas limitações à hospitalidade: “Se alguém chega até vós trazendo outra doutrina que não esta, não o recebais em casa, nem o cumprimenteis. Pois quem o cumprimenta participa de suas obras más” (*2Jo* 10-11). “O mal não pode ser saudado, não pode ser amigo, pois, logo, logo, vai entrar em casa. Ele não pode ser saudado, não pode ser acolhido, porque vem com muita persuasão”.<sup>107</sup> Também a terceira carta de João aponta o valor de “não receber nada dos pagãos” (v. 7), sob o perigo de comprometer a verdade do anúncio do Evangelho. No próprio texto do Evangelho de João Jesus se defronta com a não acolhida de muitos. E prepara os discípulos para a mesma hostilidade que enfrentarão: “Sereis expulsos das sinagogas, e virá a hora em que todo aquele que vos matar, julgará estar prestando culto a Deus” (*Jo* 16,16). Contudo, permanece o centro da mensagem cristã, a tônica da vida e da pregação de Jesus: “O que vos mando é que vos ameis uns aos outros” (*Jo* 15,17). O amor é o mandamento de Jesus, a orientação para a vida dos discípulos, ainda que num contexto de perseguição.

---

<sup>106</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité, p. 294 (tradução nossa).

<sup>107</sup> MAZZAROLO, I. *As três cartas de São João: exegese e comentário*, p. 127-128.

## 2 A HOSPITALIDADE NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Os evangelistas relatam a atuação de Jesus Cristo e seu significado salvífico, centrados no mistério da sua Paixão, Morte e Ressurreição. Depois de sua Ascensão, inicia-se um novo período na história cristã, que não está detalhado pelos quatro evangelistas<sup>108</sup>. Aqui se tratará desse período como “cristianismo primitivo”, marcado pela influência destacada dos Apóstolos de Jesus, testemunhas de sua morte e de sua ressurreição e pelo início da sua atividade missionária. Neste capítulo se lançará um olhar para alguns textos, com destaque aos Atos dos Apóstolos, Cartas de Paulo, Primeira Carta de Pedro, Carta aos Hebreus e Apocalipse. Não se fará uma análise exegética exaustiva, mas, partindo de um texto selecionado em cada livro, se procurará compreender a dinâmica da hospitalidade neste período de estruturação da comunidade cristã.

Nos textos com que se terá contato aqui, sabe-se que a preocupação originária é a evangelização; a ela e em função dela é que está ligada a temática da hospitalidade. O cristianismo está se estruturando, é o grande período missionário inicial. Vai-se constituindo, aos poucos, a identidade cristã, diversa sempre mais da judaica. Há o contato com o ambiente pagão, que também trará consequências para a prática da hospitalidade. Como é preciso firmar identidade, existem algumas ressalvas que são feitas, como o cuidado para não deixar-se levar por “falsos profetas” que podem pedir hospedagem para tirar proveito próprio e trazer confusão à comunidade, por exemplo. Também a preocupação com o que é puro e impuro permeará as discussões desse período. Isso tudo será interessante para se analisar como evolui, de Jesus para o cristianismo primitivo, a prática da hospitalidade, que se considera, neste estudo, uma chave de leitura para a compreensão do cristianismo.

Embora não seja um livro canônico, a *Didaqué*<sup>109</sup> indica critérios para a acolhida de apóstolos e profetas: “Todo apóstolo que vem até vocês seja recebido como o Senhor. Ele não deverá ficar mais que um dia ou, se for necessário, mais outro. Se ficar por três dias, é um falso profeta”.<sup>110</sup> É preciso, portanto, ter discernimento na prática da hospitalidade.

---

<sup>108</sup> À exceção de Lucas, que é também o autor dos Atos dos Apóstolos.

<sup>109</sup> “Didaqué significa ‘instrução’ ou ‘doutrina’. Trata-se de um escrito que data de fins do séc. I de nossa era e, portanto, bem próximo dos escritos do Novo Testamento. [...] Os estudiosos de hoje estão de acordo em dizer que ela é fruto da reunião de várias fontes escritas ou orais, que retratam a tradição viva das comunidades cristãs do séc. I. Os lugares mais prováveis de sua origem são a Palestina ou a Síria”. *DIDAQUÉ: O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*, p. 3.

<sup>110</sup> *DIDAQUÉ: O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*, p. 24.

Jesus atuou como um pregador itinerante. Não possuía um único domicílio, mas se fazia hóspede em algumas casas. No período apostólico vão sendo fundadas comunidades locais, cujos membros se encontram, se congregam. Os apóstolos são itinerantes, mas estabelecem vínculo com as comunidades – igrejas – que fundam ou visitam.

Quando inicia a atividade missionária, já sem a presença de Jesus entre os primeiros cristãos, acontece uma mudança importante: das casas se parte para as cidades, das vilas pequenas para as metrópoles da época. É por isso que já aparece, na redação dos evangelhos, instruções de Jesus para quando os discípulos não forem bem recebidos: *Mc* 6,11; *Lc* 10,10-12; *Mt* 10,14-15. A hostilidade era uma possibilidade e, mais do que isso, uma realidade que os discípulos estavam enfrentando. “Aos ouvintes é dito para não responderem com agressividade, mas sim com um gesto quase cômico em sua reação demissória”.<sup>111</sup>

Jesus se fez hóspede. Os discípulos dele, sobretudo para a pregação do Evangelho, necessitarão de hospitalidade. Aos cristãos é pedida a prática da hospitalidade. Assim, pode-se afirmar que:

a noção de hospitalidade atravessa o campo das Escrituras. Iniciando como uma hospitalidade traída<sup>112</sup> com consequências irremediáveis, a Bíblia se encerra com uma hospitalidade reconciliadora do humano com o divino, do carnal com o espiritual, do interior com o exterior, da individualidade com a alteridade.<sup>113</sup>

O presente capítulo ajudará a perceber como a hospitalidade se consolida na prática do cristianismo primitivo, e quais os limites que encontra, pois o período também é de hostilidade ao movimento cristão. Hospitalidade e evangelização darão a tônica das próximas páginas.

---

<sup>111</sup> CROSSAN, J. D. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que seguiram à execução de Jesus*, p. 371.

<sup>112</sup> A autora se refere ao relato de Adão e Eva no paraíso: “O comer da árvore do Bem e do Mal é a primeira complicação para a hospitalidade bíblica”. POTTIER-THOBY, A.-C. Da traição à redenção. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*, p. 113.

<sup>113</sup> POTTIER-THOBY, A.-C. Da traição à redenção. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*, p. 130.

## 2.1 Pedro, hóspede em casa de pagãos, os acolhe na comunidade cristã (At 10,1 – 11,18)

O livro dos Atos, já bem no seu início, apresenta Jesus anunciando aos apóstolos que, depois de receberem o Espírito Santo, serão suas “testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8). “No contexto de um cristianismo nascente, em processo de expansão missionária e de aprofundamento de sentido, a hospitalidade revela-se como categoria essencial e determinante”.<sup>114</sup> O fato de os apóstolos colocarem-se em atitude missionária, itinerante, fará com que o tema da acolhida e da hospitalidade sejam recorrentes. Lucas tem uma perspectiva própria, mostrando que, na compreensão de Jesus e, portanto, também dos seus apóstolos

o acesso a Deus não consiste em um processo de separações e isolamentos. A misericórdia implica uma estratégia de missão, de aproximação ao que está fora das fronteiras, de hospitalidade para com o estrangeiro, o qual, aos olhos das autoridades judias, significa a introdução do caos mais absoluto.<sup>115</sup>

Na primeira parte do livro, Pedro é quem tem papel de destaque; na segunda, é Paulo quem ocupa o espaço principal. Pedro e Paulo são os mais eminentes continuadores da missão de Jesus. Por isso, o modo como eles procedem é determinante para a regra de toda a comunidade cristã da época e de hoje. “Pedro abre as portas da fé aos pagãos, em Cesareia e em Jope, no contexto da hospitalidade”.<sup>116</sup> Com isso já se introduz o motivo da escolha dos capítulos 10 e 11 do livro dos Atos dos Apóstolos para este estudo: é um texto paradigmático. A missão do hóspede – no caso, Pedro – é comunicar a boa-nova. Daí se infere a relação da abordagem da hospitalidade com acolhida da revelação de Deus em Jesus Cristo e, então, da salvação que ele oferece.

### 2.1.1 O esquema geral da hospitalidade nos Atos dos Apóstolos

Há uma estrutura comum aos diversos relatos de hospitalidade no texto de Atos. Tudo inicia pela *vinda do hóspede*, marcada por seu deslocamento. Pedro estava hospedado na casa

---

<sup>114</sup> CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 319.

<sup>115</sup> AGUIRRE, R. *La mesa compartida: Estudios del NT desde las ciencias sociales*, p. 122. (tradução nossa).

<sup>116</sup> CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 318.

de Simão, o curtidor. Pedro, mesmo hóspede em casa de outro, é chamado a acolher quem vem lhe procurar e a ir com eles, como cumprimento de uma ordem recebida do próprio Espírito Santo. “Há um elemento novo na ordem do anjo: Pedro é convidado a ir à casa de Cornélio para ser *ouvido*”.<sup>117</sup> Vai movido pela revelação feita a Cornélio em sonho. Essa ida de Pedro, hóspede neste relato, até Cornélio, supõe uma mudança de visão da realidade: “Para ir até Cornélio, Pedro teve de se converter. Para aceitar o fato novo, a comunidade também teve de se converter”.<sup>118</sup> O fato que se menciona aqui é a convivência – também à mesa – com os pagãos que se tornam cristãos.

A casa é o lugar onde Deus ouve a oração de Cornélio e, também, onde Deus lhe fala. “Cornélio não estava no Templo de Jerusalém, não estava no Panteon de Roma, mas no terraço de sua própria casa. Lá estava Deus com ele”.<sup>119</sup> É na casa de Cornélio que Pedro entrará para ouvir e para falar.

Segue-se o *acolhimento ao hóspede*<sup>120</sup> por parte de Cornélio.

Cornélio é o representante típico da classe que Lucas destaca porque vão fornecer o eixo da comunidade lucana: um não-judeu incircunciso e, portanto, ainda impuro segundo a lei, mas que crê no Deus de Israel, rejeita todos os ídolos e pratica as boas obras características da moralidade superior dos judeus, isto é, as esmolas e as orações. Está muito ligado a Israel, ajuda os judeus e é muito estimado por eles.<sup>121</sup>

No modo de acolhida a Pedro, chama a atenção o fato de Cornélio ter se prostrado aos pés de Pedro em atitude de adoração. “Ir ao encontro, antecipar-se a um viajante, é uma mostra notável de estima. [...] Sinal de respeito insistente, a prosternação recobre nas Escrituras vários valores. [...] Esse gesto expressa aqui a honra de acolher um hóspede ilustre”.<sup>122</sup> A hospitalidade é a comunhão que será gerada entre o que dá e o que recebe.<sup>123</sup>

<sup>117</sup> RICHARD, P. *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*, p. 97.

<sup>118</sup> STORNILO, I. *Como ler os Atos dos Apóstolos: o caminho do Evangelho*, p. 106.

<sup>119</sup> MAZZAROLO, I. *Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*, p. 152.

<sup>120</sup> Cf. CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 322.

<sup>121</sup> COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos I*, p. 195.

<sup>122</sup> POTTIER-THOBY, A.-C. Da traição à redenção. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*, p. 121.

<sup>123</sup> Cf. CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 323.

O *serviço ao hóspede*, parte integrante do contexto da hospitalidade, é relatado sempre de forma muito breve ou até omitido, considerando-o já como suposto no conjunto da acolhida. *At 10,10* fala que Pedro, ainda na casa de Simão, o curtidor, que o hospedava, sentiu fome e que lhe prepararam comida. Esse desinteresse por relatar os aspectos detalhados do serviço ao hóspede não é sem sentido: “a atenção do relato não incide tanto em quem acolhe e nas suas obrigações de hospitalidade, mas antes em quem é recebido e na sua atividade missionária. O protagonismo do hóspede [...] percorre todos os relatos de hospitalidade dos Atos dos Apóstolos”.<sup>124</sup> São as *palavras do hóspede* que recebem destaque nos relatos. No texto em questão, do versículo 34 ao 43, consta, como palavras do hóspede, um grande discurso teológico de Pedro, semelhante a outros que ele proferiu nos capítulos precedentes. Isso tudo “porque a missão do hóspede é comunicar a boa-nova”.<sup>125</sup>

Diante das palavras do hóspede, tem-se a *escuta e acolhimento (ou não) das palavras do hóspede*<sup>126</sup>. Na perícopes que se está analisando, consta brevemente que “Pedro estava ainda falando, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que estavam escutando a palavra”. (*At 10,44*). A palavra proferida por Pedro estava sendo acolhida pelos ouvintes, o que é confirmado pela inesperada e surpreendente vinda do Espírito Santo sobre os pagãos. Eles acolhem a palavra e, com isso, são acolhidos também por Deus.

O roteiro da hospitalidade prossegue com a *permanência ou partida do hóspede*.

Depois do anúncio da mensagem e do respectivo acolhimento por parte dos seus destinatários, os hóspedes são instados a permanecer. Tal como a vinda, a permanência procede de um convite ou pedido, da revelação, em sonhos, ou da iniciativa missionária.<sup>127</sup>

A Pedro é feito o pedido que fique alguns dias com eles (cf. *At 10,48*). Pedro, ao chegar à casa de Cornélio, lembra que aos judeus é proibido entrar na casa de um estrangeiro. Mas a ele Deus revelou que ninguém deve ser chamado profano ou impuro (cf. *At 10,28*); por isso pode entrar e, agora, permanecer na casa de Cornélio.

<sup>124</sup> CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 324.

<sup>125</sup> CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 325.

<sup>126</sup> Cf. CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 326.

<sup>127</sup> CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 329.

### 2.1.2 A hospitalidade em vista da evangelização

Nos relatos veterotestamentários e também extra bíblicos da hospitalidade, o ritual está sempre muito bem definido. Os dois elementos fundamentais são sempre o que recebe a hospitalidade e o que a oferece.<sup>128</sup> Segue-se um protocolo de como receber e como ser recebido. O Novo Testamento, como um todo, e os Atos dos Apóstolos, em particular, não apresentam os detalhes pormenorizados dos ritos de hospitalidade. Sobretudo nos relatos dos Atos, há um terceiro protagonista: a pregação em si, o anúncio da mensagem e seu acolhimento por parte dos ouvintes.

O eixo narrativo em torno do qual se estrutura e organiza todo o relato é a escuta e o acolhimento das palavras do hóspede. Por isso, o acolhimento físico quase passa despercebido, não sendo o que aparece em primeiro lugar nem aquele a que se dá mais importância. A prioridade do relato é, de facto, o acolhimento das palavras do hóspede.<sup>129</sup>

A hospitalidade está a serviço da evangelização. Por isso, mais do que os gestos de acolhida ao hóspede, o grande elemento de hospitalidade é a aceitação da pregação, a adesão à fé e a integração na comunidade cristã por meio do ritual do batismo.<sup>130</sup> “A hospitalidade afirma-se como instância de epifania e de testemunho da fé comprometida que encontra naquele que é acolhido a melhor imagem de Deus e o mais apropriado interlocutor”.<sup>131</sup>

O texto de At 10,1–11,18 é muito importante para o conjunto da obra neotestamentária<sup>132</sup>. “O problema não é simplesmente aceitar que os outros se salvem. O problema é conviver com eles, pois a convivência exige transformações profundas nas pessoas que convivem”.<sup>133</sup> Acolher os estrangeiros, considerados como pagãos, para o batismo, significava algo mais do que tolerar que eles tivessem a fé no mesmo Deus dos cristãos; significava dispor-se a conviver com eles, inclusive à mesa. “O fato de Pedro (e

<sup>128</sup> Cf. CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 329.

<sup>129</sup> CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 330.

<sup>130</sup> Cf. CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 330.

<sup>131</sup> CORREIA, J. A. S. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, p. 332.

<sup>132</sup> “A conversão de Cornélio tem o fragor de uma queda de barreiras. Há certo paralelismo com a conversão de Paulo: sonho de Cornélio batendo com a visão de Pedro. Essa visão é muito expressiva e pode fundamentar toda uma teologia da missão”. CEBI. *Comentário aos Atos dos Apóstolos*, p. 63.

<sup>133</sup> STORNILO, I. *Como ler os Atos dos Apóstolos: o caminho do Evangelho*, p. 97.

certamente os cristãos de Jope que o tinham acompanhado) permanecer alguns dias na casa de Cornélio mostra a confraternização: começou a vida comunitária para além dos preconceitos de raça e de religião”.<sup>134</sup>

É importante lembrar que Cornélio era um centurião romano. “Os soldados romanos e seus chefes eram, geralmente, hostilizados pelos judeus por duas razões: a) eram os dominadores sobre o povo; b) como pagãos, eram impuros e não deveriam ter muitos contatos com eles”.<sup>135</sup> Jesus também foi chamado por um centurião, como está relatado em *Mt* 8,5-13, em *Lc* 7,1-10 e em *Jo* 4,46-53. Contudo, embora Jesus atenda ao pedido do centurião, ele não entra em sua casa, pois o centurião não se acha digno disso. Pedro<sup>136</sup> vai além, entra na casa do centurião romano. Jesus já se surpreendera com a fé do centurião. Aqui, chama a atenção o fato de que “Cornélio, sendo pagão, recebe uma visita de um anjo do Senhor, de modo semelhante às visitas recebidas por patriarcas e profetas”.<sup>137</sup> É de Deus mesmo que parte a iniciativa de superar as barreiras de pureza e impureza.

### 2.1.3 Um texto paradigmático

Para se compreender bem o impacto do texto em questão para o cristianismo primitivo, é necessário perceber o que o projeto redacional de Lucas está bem delineado. “A sequência a respeito de Cornélio [...] vem a ser o centro da argumentação de Lucas em Atos”.<sup>138</sup> Comblin defende que Lucas escreveu o livro dos Atos dos Apóstolos para uma comunidade marcada por alguns problemas que precisavam ser considerados: a) a comunidade de mesa. “Para os judeus não era tão difícil aceitar que os pagãos fossem batizados como eles. O difícil era comer com eles, na mesma mesa. Pois isso era contrário à lei e os punha em contradição com as suas convicções (ou os seus preconceitos) mais

---

<sup>134</sup> STORNILO, I. *Como ler os Atos dos Apóstolos: o caminho do Evangelho*, p. 101.

<sup>135</sup> MAZZAROLO, I. *Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*, p. 148.

<sup>136</sup> “No evangelho, Jesus cura o servo do centurião pagão, mas não entra em sua casa (7,1-10). Nos Atos, Pedro, impulsionado pelo Espírito, que tem que vencer sua dura resistência de judeu fiel, vai entrar na casa do centurião Cornélio em Cesareia e vai participar da mesa, que é o centro da vida comunitária”. AGUIRRE, R. *La mesa compartida*. Estudios del NT desde las ciencias sociales, p. 123 (*Tradução nossa*).

<sup>137</sup> MAZZAROLO, I. *Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*, p. 148.

<sup>138</sup> BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, p. 354.

enraizados”.<sup>139</sup> Os outros problemas, que aqui não são tão relevantes, são o desafio da rejeição dos judeus na sinagoga, por se tornarem cristãos, e dos romanos ou gregos que tinham postos no governo e se sentiam divididos entre pertencer ao império e ao grupo dos cristãos ao mesmo tempo. Outra situação que Lucas tem presente ao redigir é a coexistência, numa mesma comunidade cristã, de pobres e ricos. “O relacionamento entre ricos e pobres é um teste decisivo”.<sup>140</sup>

Os grupos afins, na época, para manter a coesão, faziam refeições comuns. Isso pertencia àquele padrão cultural. No texto de Pedro em casa de Cornélio essa é a questão polêmica: ter comido com os pagãos.

Quando Pedro volta a Jerusalém, a objeção que lhe fazem não diz respeito à admissão de um pagão na comunidade cristã e sim ao fato de que Pedro entrou na casa de pagãos e comeu com eles (*At* 11,3). A dificuldade de Pedro que a visão resolveu foi a de entrar em comunicação com pessoas impuras. Pedro reconhece que esse é o problema com os pagãos. Não é que Deus chame também os pagãos, mas é que a separação entre eles e os judeus esteja caindo (*At* 10,10-16.28).<sup>141</sup>

O autor é muito perspicaz na sua redação; ele “atribui a Pedro as posições de Paulo que diz respeito à entrada das nações na salvação de Jesus”.<sup>142</sup> Com isso, ele consegue fundamentar, mais adiante, aquilo que Paulo faz por estar de acordo com a prática precedente de Pedro<sup>143</sup>.

A presença dos prosélitos é marcante no livro dos Atos. “Basta dizer que todos os pagãos convertidos ao cristianismo que Lucas menciona eram prosélitos. [...] Claro está que Cornélio é particularmente importante na história da missão relatada pelos Atos

---

<sup>139</sup> COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos I*, p. 09-10.

<sup>140</sup> COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos I*, p. 10.

<sup>141</sup> COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos I*, p. 14.

<sup>142</sup> COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos I*, p. 14.

<sup>143</sup> “O autor quer justificar a prática da mesa comum. Por isso, mostra em primeiro lugar que essa foi a prática de Paulo, em quem as comunidades lucanas reconhecem o líder e o fundador, ou pelo menos o mestre de valor comprovado. Em segundo lugar, o autor invoca a autoridade de Pedro. Sabe que a autoridade de Paulo não é indiscutida. Por isso destaca a narração da conversão de Cornélio”. COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos I*, p. 15.

(10,2.22.35)”.<sup>144</sup> O episódio do prosélito Cornélio antecipa o que consta no capítulo 15 do livro de Atos, o famoso Concílio de Jerusalém<sup>145</sup>.

Ainda sobre a relação dos prosélitos – que estavam se aproximando do judaísmo – com o cristianismo, vale dizer que “o cristianismo é a resposta às aspirações dos prosélitos: um judaísmo aberto a todos os homens que adoram o único Deus e praticam o bem”.<sup>146</sup> A cena da toalha com os diversos animais (*At* 10,9-16) ressalta que, por três vezes, a voz divina afirma que nada do que Deus fez é impuro. Com isso se apela à criação como critério maior, como fez Jesus na polêmica da lei de Moisés com relação ao divórcio (*Mc* 10,2-12 e *Mt* 19,3-12): “não chames de impuro o que Deus tornou puro” (*At* 10, 15).

A mensagem de Lucas não é apenas que Deus chama também os pagãos à conversão e à salvação, mas também que Deus quer que judeus e não-judeus vivam misturados em plena comunicação entre eles. O episódio de Cornélio transforma-se assim numa regra nova definindo as relações entre batizados judeus e não-judeus. A visão foi introduzida na tradição da conversão de Cornélio para dar a esta um alcance mais amplo.<sup>147</sup>

O versículo 36 do capítulo 10 apresenta a boa-nova da paz, trazida por Cristo. Neste contexto, a paz significa a superação das hostilidades existentes entre judeus e não-judeus.<sup>148</sup> A hospitalidade expressa na comunhão de mesa é a concretização do dom messiânico da paz naquela comunidade e, por isso, indicação para todas as comunidades cristãs de então e de hoje.

O desfecho da ida de Pedro à casa de Cornélio é o batismo, feito não por Pedro, mas por outros. E então “os judeus permanecem com os novos cristãos sem constrangimento: moram na mesma casa e comem à mesma mesa, sem perguntar se os alimentos servidos são

---

<sup>144</sup> COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos I*, p. 21.

<sup>145</sup> “A chegada de judeu-cristãos em Antioquia gera um conflito sem solução: o grupo judaizante exige integral observância da lei mosaica, inclusive a circuncisão; o grupo de Paulo e Barnabé advoga que os pagãos estejam livres desses preceitos quando se tornam cristãos. O impasse exige que a questão seja discutida com os apóstolos, em Jerusalém”. RABUSKE, I. J.; SILVA, C. M. D. da. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*: novíssima tradução dos originais, p. 245.

<sup>146</sup> COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos I*, p. 196.

<sup>147</sup> COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos I*, p. 198.

<sup>148</sup> Cf. COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos I*, p. 199.

puros ou impuros”.<sup>149</sup> É uma realidade de hospitalidade incondicional, pois foram vencidos os tabus da lei da pureza.

É evidente a importância desse relato dos Atos de Pedro dentro do livro dos Atos. [...] Nos Atos de Pedro (10,1–11,18), não temos unicamente a conversão de Cornélio e de toda a sua casa-comunidade, mas também a conversão de Pedro e da Igreja judeu-cristã hebraica de Jerusalém. Aparece com clareza na narração a intenção de Lucas, como também a fidelidade ao Espírito, que leva à missão aos gentios, exigindo a conversão de Pedro e da Igreja. Não há missão sem transformação na Igreja.<sup>150</sup>

Depois desse contato próximo com a perícopre de At 10,1–11,18, pode-se perceber que a atitude de Pedro foi marcante para o cristianismo. “Esta força de integração social vai ser a chave para explicar o êxito histórico do cristianismo primitivo”.<sup>151</sup> Aquilo que se faz ao redor da mesa – os ritos de mesa – é, ao mesmo tempo, reflexo e reforço da ordem social<sup>152</sup>: se na mesa se separam pagãos convertidos e judeus convertidos, isso significa que na vida social também há uma separação entre eles.

O banquete tem uma significação muito importante para o cristianismo. Em última análise, “o banquete é o símbolo da plenitude do Reino de Deus; ou seja, o comer significa algo maior: a comunhão plena entre Deus e os homens”.<sup>153</sup> É nesse sentido que se situa a importância da comunidade de mesa, porque ela aponta para o mundo quais são os valores do Reino de Deus.

As comunidades cristãs do Novo Testamento não pretenderam *diretamente* transformar o mundo em que viviam e suas estruturas sociais. Tinham desde o princípio consciência da comunhão que unia as diversas comunidades entre si e, portanto, se sentiam integrantes de um movimento universal; mas aparecem como pequenas comunidades em meio de um mundo culturalmente alheio e até hostil, e sua primeira preocupação é construir a fraternidade e refletir em seu interior os valores novos do Reino de Deus.<sup>154</sup>

---

<sup>149</sup> COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos I*, p. 201.

<sup>150</sup> RICHARD, P. *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*, p. 99-100.

<sup>151</sup> AGUIRRE, R. *La mesa compartida: Estudios del NT desde las ciencias sociales*, p. 124. (*tradução nossa*).

<sup>152</sup> Cf. AGUIRRE, R. *La mesa compartida: Estudios del NT desde las ciencias sociales*, p. 124. (*tradução nossa*).

<sup>153</sup> AGUIRRE, R. *La mesa compartida: Estudios del NT desde las ciencias sociales*, p. 126. (*tradução nossa*).

<sup>154</sup> AGUIRRE, R. *La mesa compartida: Estudios del NT desde las ciencias sociales*, p. 129. (*tradução nossa*).

O centro de uma casa está na mesa compartilhada com outras pessoas. Os Atos dos Apóstolos são uma obra em que o Templo de Jerusalém vai perdendo o seu espaço e onde a Palavra de Deus vai se difundindo de casa em casa. “A casa vai servir para expressar os valores do Reino de Deus: solidariedade; dar sem esperar recompensa; gratuidade; serviço... O centro da casa, o grande rito doméstico, é a participação da mesa”.<sup>155</sup>

No relato analisado aqui, a hospitalidade aparece bem na sua dimensão de acolhida do hóspede relacionada ao anúncio da mensagem. A hospitalidade foi mais exigente para Pedro – o hóspede em casa de Cornélio –, pois ele teve que mudar sua maneira de perceber a identidade dos prosélitos. Pedro, o hóspede, é quem acolhe – hospeda – Cornélio e sua família-comunidade no seio da comunidade cristã, sem fazer-lhes nenhuma restrição.

## 2.2 Os escritos de Paulo

A prática da hospitalidade nos escritos de São Paulo está ligada à necessidade da evangelização, como já se percebeu no livro dos Atos dos Apóstolos. “Paulo é um viajante que apela à hospitalidade para consigo, para com os seus amigos (*Ff* 1,22), para com os discípulos, assistentes ou emissários (*1Cor* 16,10-12) e para com todos os elementos da comunidade (*Rm* 12,13)”.<sup>156</sup>

Os principais textos paulinos que mencionam diretamente a hospitalidade como uma recomendação do apóstolo são *Rm* 12,9-13, *1Tm* 3,1-3; 5,3-10, *Tt* 1,8, *1Cor* 10,17-24. Em outros textos há relatos dos lugares onde Paulo encontrou hospitalidade, sempre com a preocupação de não ser pesado a ninguém (como em *1Ts* 2,9).

A condição de pagão e de estrangeiro desaparece com Paulo através da redenção operada no sangue do Crucificado, eles já não são “estrangeiros nem imigrantes [...] mas concidadãos do povo de Deus [...] da família de Deus” (*Ef* 2,19). Pelo Cristo, os estrangeiros são recebidos no seio da Igreja para formar um único corpo e um único espírito (*Ef* 4,4). A frequência de metáforas domésticas reafirma a concepção da escatologia em relação à hospitalidade.<sup>157</sup>

<sup>155</sup> AGUIRRE, R. *La mesa compartida*: Estudios del NT desde las ciencias sociales, p. 130. (tradução nossa).

<sup>156</sup> FERREIRA, F. R. *Do interior para o exterior*: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano *Lc* 10,38-42, p. 50.

<sup>157</sup> POTTIER-THOBY, A.-C. Da traição à redenção. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 121.

No item anterior já se abordou o tema da comunidade de mesa, a partir dos Atos dos Apóstolos. Essa é uma temática importante em Paulo, mas que não será aprofundada aqui.<sup>158</sup> Outro texto paulino que tem explícita ligação com a hospitalidade é a Carta a Filêmon, onde Paulo pede acolhida ao escravo Onésimo, agora convertido, não mais como escravo, mas como irmão.<sup>159</sup>

Nos escritos paulinos, o hóspede é o pregador do Evangelho. No contexto da hospitalidade paulina e, ao que tudo indica, de todo o Novo Testamento, ele tem direito a receber algo, seja como salário pelo seu trabalho na evangelização, seja como presente. “Assim também o Senhor estabeleceu para os que pregam o evangelho, que vivam do evangelho” (1Cor 9,14). Paulo, contudo, renuncia a este direito, optando por trabalhar para o seu sustento (1Ts 2,9).

Paulo se afasta desse costume baseando-se em dois princípios. O primeiro é o da exemplaridade divina, pois Deus é considerado “o imparcial e o incorruptível” (Dt 10,17). O apóstolo dos gentios receia também a natureza venal dos presentes que “cegam os olhos dos sábios” (Eclo 20,29). Ao se impedir aceitar qualquer compensação, Paulo abre uma exceção para seus hóspedes filipenses e aceita um “perfume de suave odor” (Fl 4,18). De modo geral, Paulo se recusa “a ser um peso para qualquer um de (seus irmãos)” (1Ts 2,9), renunciando ao privilégio sacerdotal da hospitalidade para “viver somente do Evangelho” (1Cor 9,14).<sup>160</sup>

Além das motivações supracitadas para renunciar aos presentes ou ajuda financeira por ser pregador do Evangelho, Paulo se preocupou também em não perder a “gratuidade de compromisso pela pregação da Palavra, libertando-a de toda sorte de interesses materiais e se

---

<sup>158</sup> Em Gl 2,14 aparece a questão. “A verdade do Evangelho coincide com o anúncio de Jesus Cristo. Ele é o único mediador da salvação concedida por Deus a todos os seres humanos que se abrem a ele pela fé. Se isso é verdade, então não há razão para haver separação entre judeus e pagãos convertidos. De fato, todos fazem parte do único povo de fiéis batizados em nome de Jesus Cristo. Compreende-se, então, a tomada de posição de Paulo que enfrenta Pedro não em particular, mas publicamente, numa assembleia da Igreja de Antioquia. [...] Colocada nesses termos, a questão da comensalidade entre os cristãos não é um fato marginal que pode ser regulado conforme critérios de ocasião. [...] Portanto, para Paulo, a comensalidade é apenas um sinal ou sintoma da comunhão mais profunda entre os fiéis que está na base da experiência eclesial deles”. FABRIS, R. *Paulo: Apóstolo dos Gentios*, p. 251-252.

<sup>159</sup> “Paulo exorta Filemon a libertar seu escravo fugitivo, Onésimo, e a recebê-lo como se fosse ele próprio (Fl 10-17). Afirmando que as correntes do Evangelho (a comunidade da Palavra) são mais poderosas que as da carne (a escravidão), Paulo faz da hospitalidade a garantia do respeito mútuo e da igualdade”. POTTIER-THOBY, A.-C. Da traição à redenção. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*, p. 119.

<sup>160</sup> POTTIER-THOBY, A.-C. Da traição à redenção. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*, p. 128.

guardando contra os falsos pregadores que, ao contrário, tiravam proveito como parasitas de uma acolhida generosa”.<sup>161</sup>

Para um estudo mais pormenorizado, foi escolhida uma situação narrada por Paulo que é uma concretização da hospitalidade em sentido profundo. É a narrativa sobre a coleta que ele organizou para a comunidade cristã de Jerusalém, que passava por uma situação de pobreza. Talvez tenham sido diversas coletas<sup>162</sup>, ou a mesma coleta em várias ocasiões, mas sempre com a mesma finalidade. Por isso, aqui, serão tratadas como uma só. As principais referências a esta coleta estão em *1Cor* 16,1-4, *2Cor* 8-9, *Rm* 15,26-33 e *Gl* 2,10. Também no livro dos Atos dos Apóstolos se faz menção a ela (*At* 11,27-30). A hospitalidade é compreendida, neste contexto, como a atitude de acolhida de uma comunidade cristã a outra. A partilha dos bens materiais é concretização importante da acolhida fraterna.

Essa coleta foi feita não apenas na Antioquia (*At* 11,27-30), mas também em outras regiões, como na Ásia (*Gl* 2,10) e na Acaia (*1Cor* 16,1-4; *2Cor* 8-9). As motivações sobre a contribuição com as necessidades dos santos (os apóstolos e primeiros discípulos de Jerusalém) são dadas em *2Cor* 8,1-15, onde o Apóstolo faz uma relação com os méritos que os pagãos receberam dos primeiros cristãos, pois o Evangelho partiu de Jerusalém para o resto do mundo (*At* 2,1-11) e assim os pagãos poderiam retribuir essa graça com uma ajuda econômica.<sup>163</sup>

Além de conseguir a adesão das comunidades para a coleta, Paulo tem algumas preocupações até a chegada dos donativos aos seus destinatários: a) ele teme ser assaltado, pois estará portando valores econômicos, e, com isso, poderia ficar numa situação desconfortável com relação às comunidades que contribuíram; b) Paulo não era benquisto por muitos judeus em Jerusalém, e poderia ser atacado por eles ao chegar lá; c) os judeus conservadores e escrupulosos da comunidade de Jerusalém poderiam não aceitar a oferta, pois ela vinha de pagãos<sup>164</sup>. Essas preocupações estão relatadas em *Rm* 15,31.

---

<sup>161</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l'hospitalité, p. 317 (tradução nossa).

<sup>162</sup> “Uma segunda coleta ele deve ter organizado nas igrejas da Galácia, como exemplifica ao escrever aos Coríntios (*1Cor* 16,1); A terceira coleta ele teria organizado na Macedônia e na Acaia (*2Cor* 8-9; *At* 24,17; *Rm* 15,26-28)”. MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Gálatas: da libertação da Lei à filiação em Jesus Cristo*, p. 64.

<sup>163</sup> MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 21.

<sup>164</sup> Cf. MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 21; E também em MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Romanos: educar para a maturidade e o amor*, p. 173.

Ele [Paulo] não aceitava interferências pastorais e condenava com veemência os falsos irmãos e intrusos, mas não rompia a unidade. [...] Paulo tinha clareza teológica e administrativa. Como sempre soube trabalhar com as próprias mãos, sabia e conhecia o que era estar em necessidade. Ele distinguia as necessidades e as soluções: problemas materiais não se resolviam com boas intenções ou sugestões, mas com dinheiro; problemas espirituais não se resolviam com dinheiro, mas com oração e fé.<sup>165</sup>

Aí está claro o sentido hospitaleiro da coleta promovida por Paulo: é um sinal de unidade, de comunhão e de percepção das exigências concretas da fraternidade cristã. “Para Paulo, tal coleta não é uma imposição ou taxa religiosa que as Igrejas da sua missão devem entregar à Igreja-mãe [...]. Representa o sinal concreto da comunhão selada no encontro de Jerusalém”.<sup>166</sup>

É em *2Cor* 8-9 que Paulo fundamenta a participação na coleta para a igreja de Jerusalém como um gesto sagrado. Ele fala em dar uma ocasião para que a comunidade de Corinto prove a sinceridade do seu amor (cf. *2Cor* 8,8). Uma das dificuldades dos coríntios era “a solidariedade ‘além fronteiras’. A pergunta que Paulo não faz de modo explícito, mas subjaz às suas orientações para a coleta é: *Onde estão as fronteiras do amor?*”.<sup>167</sup> A comunidade – e isso vale para todas as comunidades cristãs de todos os tempos e lugares – além de viver bem internamente, com os próximos, familiares, conhecidos, é importante que perceba que “o amor não tem fronteiras e só ele constrói laços universais de fraternidade”.<sup>168</sup>

A filosofia da coleta apontava para uma comunhão além-fronteiras. Ainda que no mundo político, econômico e cultural houvesse preconceitos de línguas e raças, dentro do Evangelho todas essas barreiras segregadoras deveriam ser superadas (*Gl* 3,28). [...] O amor é gratuito e generoso, portanto cada qual deveria verificar o que podia oferecer, mas sempre pensando que longe deles (Corinto) estavam irmãos em situação de miséria e sofrimento. O critério não era pensar em si, mas nos outros: o amor é governado pelo princípio agápico da alteridade.<sup>169</sup>

Como se percebe pelo sentido amplo que possui a coleta organizada por Paulo, hospitalidade é, conforme esse relato, além de acolher o outro em sua casa e oferecer-lhe refeição e abrigo, partilhar com quem tem menos e passa por necessidade em outro lugar.

<sup>165</sup> MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Gálatas: da libertação da Lei à filiação em Jesus Cristo*, p. 64.

<sup>166</sup> FABRIS, R. *Paulo: Apóstolo dos Gentios*, p. 247-248.

<sup>167</sup> MAZZAROLO, I. *Segunda Carta de Paulo aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 109.

<sup>168</sup> MAZZAROLO, I. *Segunda Carta de Paulo aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 103.

<sup>169</sup> MAZZAROLO, I. *Segunda Carta de Paulo aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 103.

“Essa coleta não revela apenas um gesto de caridade pelos mais necessitados, mas, acima de tudo, uma unidade das igrejas por ele trabalhadas com a igreja mãe”.<sup>170</sup>

Para concluir esta passagem sobre os escritos de Paulo, julga-se importante ainda estabelecer uma relação entre o hino kenótico<sup>171</sup> de Paulo (*Fl* 2,5-11) e a hospitalidade. É o “hino da humilhação máxima de Cristo (*kénosis*) como paradigma para todo cristão. [...] Tudo deve ser considerado à luz do exemplo de Cristo, que não se apegou à sua condição original”.<sup>172</sup>

Claudio Monge explica que Jesus Cristo vem ao mundo como estrangeiro, na encarnação. Jesus não é estrangeiro em sentido biológico ou étnico, mas por sua natureza: “Mas vós não sabeis de onde eu venho, nem para onde eu vou” (*Jo* 8,14).<sup>173</sup>

Porém, no hino cristológico da Carta aos Filipenses (2,5-8), Jesus está justamente como um modelo de “saída de si para os outros”, aquilo que chama-se teologicamente a *kénose* ou abaixamento. Retorna então a questão essencial: por que Deus se fez estrangeiro na encarnação? Deus se fez estrangeiro para reencontrar o homem, para acolher os estrangeiros deste mundo no espaço da cidadania divina: “Portanto, já não sois estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e moradores da casa de Deus” (*Ef* 2,19). Deus recusou a “etnização”, a identificação com um povo (os circuncisos) que exprimia pelos Hebreus a sua própria eleição. Deus recusou a eleição exclusiva e no sangue de Cristo realizou uma eleição inclusiva, já esquecida na eleição originária de Abraão. Na teologia do Novo Testamento, aquele valor ilimitado de salvação trazida por Cristo se exprime no universalismo do anúncio feito aos “Gentios” ou pagãos, ou ainda aos não-circuncisos, aos quais se endereçavam as pregações de Paulo, mas que já tem larga antecipação nos Evangelhos sinóticos.<sup>174</sup>

Cristo, o estrangeiro porque vem de Deus, se esvazia da sua condição divina, para ser capaz de acolher em si a humanidade e, ao ser glorificado ou elevado de novo a Deus, levar essa humanidade redimida consigo. A encarnação é, em última análise, hospitalidade: o ser humano é acolhido em Deus por Cristo, que se esvazia – *kénosis* – da sua divindade. “A

---

<sup>170</sup> MAZZAROLO, I. *Primeira Carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 208.

<sup>171</sup> “O hino cristológico recebeu os mais diferentes títulos no curso dos séculos: abaixamento, esvaziamento, aniquilamento, humilhação e outros. Os estudiosos são unânimes em assumir a teologia e a antropologia do poema, mas cada qual tenta exaurir a maior quantidade de conteúdos possível”. MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Filipenses*, p. 83.

<sup>172</sup> MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Filipenses*, p. 74.

<sup>173</sup> Cf. MONGE, C. *Dieu Hôte. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité*, p. 297 (tradução nossa).

<sup>174</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité*, p. 297-298 (tradução nossa).

doação da própria vida não é um ato que possa ser feito sem antes ter a totalidade da própria posse de si. Só aquele que, antes, se possui, se conhece e se apropria pode doar-se, fazer de si uma oferta ou resgate de libertação do outro (*Mc 10,45*).<sup>175</sup>

A dinâmica kenótica chama a atenção pela autonomia e liberdade com que Cristo vive este processo de esvaziamento, rebaixamento. “Esta é a cruz: *assumir uma outra condição* para ter uma comunhão com o outro, mostrar que naquela condição humilde do barro é possível construir a solidariedade, o amor, a redenção”.<sup>176</sup> Paulo compreendeu a essência da missão salvadora de Cristo e a apresenta como acolhida do ser humano por Deus que vem à humanidade na condição de servo.

Paulo transcreve o hino em sua carta para dar à querida comunidade de Filipos o exemplo prático de Jesus: renunciar-se e servir os outros. De certa forma, Jesus é o caminho inverso do que o filipenses podiam conhecer dos heróis gregos. Nos mitos heroicos, o personagem principal, partindo dos limites humanos, rivalizava com os deuses para agarrar os benefícios da divindade. Aqui, o caminho de esvaziamento vem de Deus, é de humanização do Filho de Deus, até a aceitação do limite por excelência, a morte, e, inclusive, a sobrecarga do esvaziamento violento e desumanizante que proveio da história humana de pecado, a cruz.<sup>177</sup>

Em Paulo se percebe, portanto, a ligação da hospitalidade com a obra da evangelização. A coleta para a comunidade de Jerusalém é uma compreensão ampliada da hospitalidade como acolhida e comunhão com os de fora, de longe. É, ainda, uma possibilidade de participar da obra de hospitalidade da comunidade. E a kénosis divina é o movimento de Jesus Cristo que se esvazia de sua divindade para acolher a humanidade e levá-la consigo à glorificação.

### **2.3 A Hospitalidade na Carta aos Hebreus, na Primeira Carta de Pedro e no Apocalipse de São João**

Depois de ter contato com a hospitalidade no relato dos Atos dos Apóstolos e nos escritos de São Paulo, este estudo volta agora seu olhar para a Carta aos Hebreus, para a Primeira Carta de Pedro e para o livro do Apocalipse. Foi selecionado um breve texto de cada

---

<sup>175</sup> MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Filipenses*, p. 87.

<sup>176</sup> MAZZAROLO, I. *Carta de Paulo aos Filipenses*, p. 88-89.

<sup>177</sup> SUSIN, L. C. *A Criação de Deus*, p. 156.

um dos livros, para permitir ver como a exortação à hospitalidade está presente no início do Cristianismo, atestada nos textos neotestamentários.

### 2.3.1 “Não descuideis da hospitalidade” (*Hb* 13,2)

O início do capítulo conclusivo da Carta aos Hebreus faz uma exortação aos destinatários do texto à caridade. Ao ler estes versículos tem-se a sensação de que eles fazem eco ao texto de *Mt* 25,38-39, onde Jesus se identifica com os estrangeiros e com os presos. “Perseverai no amor fraterno. Não descuideis da hospitalidade; pois, graças a ela, alguns hospedaram anjos, sem o perceber. Lembrai-vos dos presos, como se estivesseis presos com eles, e dos que são maltratados, pois também vós tendes um corpo” (*Hb* 13,1-3).

Não se pode esquecer que a expressão “pois graças à hospitalidade alguns hospedaram anjos, sem o perceber” faz menção a *Gn* 18,1-16. Abraão, na pessoa de três hóspedes, recebe a visita do próprio Deus que lhe promete posteridade. “Ninguém seja portanto tão insensato, e não se exponha ao perigo de fechar a porta a um mensageiro de Deus”.<sup>178</sup> Na interpretação do autor da Carta aos Hebreus, que cita a hospitalidade de Abraão:

A hospitalidade não é vista como uma ação puramente humana, mas como algo que transcende a própria natureza humana. O homem, acolhido por Deus desde o seio materno e sabendo que será acolhido após a morte, é convidado a ser presença de Deus para o outro, especialmente para o próximo.<sup>179</sup>

Em *Hb* 11,13 o autor reflete sobre os que morreram firmes na fé, tendo citado antes Abel, Henoc, Noé, Abraão e Sara. E diz sobre eles: “Não chegaram a desfrutar a realização da promessa, mas puderam vê-la e saudá-la de longe e se declararam estrangeiros e peregrinos na terra que habitavam. [...] Eles desejam uma pátria melhor, isto é, a pátria celeste” (*Hb* 11,13.16). A vida na terra, compreendida na perspectiva da fé, se vive como estrangeiro, pois a pátria verdadeira e definitiva é o céu. “Unido ao Cristo pelo batismo o cristão espera receber a hospitalidade final”.<sup>180</sup>

<sup>178</sup> SCHIERSE, F. J. *Epístola aos Hebreus*, p. 156.

<sup>179</sup> FERREIRA, F. R. *Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42*, p. 35.

<sup>180</sup> POTTIER-THOBY, A.-C. Da traição à redenção. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*, p. 114.

A perícopo exorta ao amor fraterno – entre os irmãos da comunidade – e ao amor que se dirige para fora dos limites da comunidade – o que precisa de hospitalidade e o que está na prisão ou sofrendo fisicamente. É por isso que a hospitalidade tem suas exigências de transformação do olhar ético e social do cristão, chamado à fraternidade com todos os que dela necessitam.

A “filadelfia” (amor fraterno) é uma expressão alcunhada por Paulo, ainda que apareça depois em dois momentos (1Ts 4,9; Rm 12,10; cf. 1Pd 1,22; 2Pd 1,7). O lexema “filoxeínia” (amor aos estranhos) só aparece outra vez em Paulo (Rm 12,13). Ele é entendido como o gesto de acolhida, especialmente aos viandantes, aos peregrinos e aos desconhecidos, por isso traduzido como **hospitalidade**.<sup>181</sup>

Como o autor da Carta aos Hebreus indica a prática da hospitalidade e, logo em seguida a atenção aos presos e aos maltratados, percebe-se que a hospitalidade é indicada aqui não apenas como acolhida aos pregadores do Evangelho – como se viu nos Atos e em Paulo –, mas aos peregrinos que dela necessitassem. “A solidariedade é o amor praticado a quem não se conhece, mas independentemente de ser cristão ou não”.<sup>182</sup>

### 2.3.2 “Sede hospitaleiros uns com os outros” (1Pd 4,9)

O chamado à hospitalidade, na Primeira Carta de Pedro, está no contexto um pouco maior da perícopo de 1Pd 4,7-11. O autor inicia dizendo que “O fim de todas as coisas está próximo. Vivei com sensatez e vigiai, dados à oração. Sobretudo, cultivai o amor mútuo, com todo o ardor, porque o amor cobre uma multidão de pecados” (1Pd 4,7-8). A proximidade do fim de todas as coisas “empresta especial urgência escatológica às exortações que vêm a seguir”.<sup>183</sup>

O texto da Primeira Carta de Pedro, como um todo, tem muita ligação com a temática da hospitalidade. Já o versículo de abertura da carta a endereça “aos eleitos que vivem como migrantes dispersos no mundo” (v. 1). Se os destinatários da carta vivem como migrantes dispersos pelo mundo, a necessidade de acolhida é evidente.

<sup>181</sup> MAZZAROLO, I. *Hebreus – o que muda depois de Jesus?* Do Jesus Histórico ao Cristo da fé, p. 172-173.

<sup>182</sup> MAZZAROLO, I. *Hebreus – o que muda depois de Jesus?* Do Jesus Histórico ao Cristo da fé, p. 173.

<sup>183</sup> ELLIOTT, J. H. *Um lar para quem não tem casa: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*, p. 136.

Ela é uma carta que busca resgatar as pessoas do sofrimento e conscientizar sobre a dignidade da pessoa humana, pois seus destinatários são gente que está fora “da casa” e fora “do povo”, isto é, não tem teto nem identidade. Trata-se duma reflexão bastante séria sobre as condições de todas as pessoas que estão à margem da sociedade, à margem da dignidade e das condições mínimas de sobrevivência (*paroikoi* - ao lado da casa, mas fora; *parepidêmoi* – ao lado do povo, mas fora). Os cristãos do final do século I, uma vez identificados como seguidores de Jesus Cristo, eram tratados como “estrangeiros”, sem direitos a trabalho, emprego nem posses.<sup>184</sup>

A Carta de Pedro é escrita para uma comunidade que vive, pelo que se apreende do texto, num contexto difícil, e para a qual a hospitalidade era importante para o sucesso da evangelização, como se percebeu já nos Atos dos Apóstolos e nos escritos de Paulo. Contudo, ela adquire também a força de criar coesão social, de aproximar as famílias, de fortalecer sua identidade cristã, pois viviam num contexto de diáspora. Isso porque “o intercâmbio e os encontros foram essenciais para preservar a coesão da Igreja”.<sup>185</sup> Não havia lugares de culto – igrejas construídas – então a hospitalidade era necessária também para que a comunidade se pudesse encontrar para celebrar a liturgia.

A hospitalidade foi [...] uma *conditio sine qua non* da missão e expansão da Igreja primitiva. Se a dependência da hospitalidade de outros era essencial para o crescimento do movimento cristão primitivo na região relativamente limitada da Galileia [...], tanto mais deve ter sido para a consolidação dos destinatários da Ásia Menor espalhados por vastas regiões.<sup>186</sup>

Na exortação do autor há um acréscimo: “sem murmurar/reclamar”. É possível que isso conste pelo fato de ter havido abusos da hospitalidade, de pessoas que se aproveitassem da acolhida dos cristãos para viver às suas custas. Outra possibilidade é que, como eram pessoas numa situação de fragilidade econômica, a hospitalidade logo se tornasse um peso na economia familiar. Apesar dessas possibilidades levantadas, “é incerto se os autores vieram ou não vieram a conhecer resistência real na questão da hospitalidade entre os leitores. De seu ponto de vista, contudo, sua prática voluntária era claramente essencial”.<sup>187</sup>

---

<sup>184</sup> MAZZAROLO, I. *Primeira e Segunda Cartas de Pedro: exegese e comentário*, p. 14.

<sup>185</sup> ELLIOTT, J. H. *Um lar para quem não tem casa: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*, p. 136.

<sup>186</sup> ELLIOTT, J. H. *Um lar para quem não tem casa: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*, p. 136-137.

<sup>187</sup> ELLIOTT, J. H. *Um lar para quem não tem casa: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*, p. 137.

Com base nas traduções de Mazzarolo, já se apresentou a distinção entre o amor fraterno e o amor aos estranhos<sup>188</sup>. Ao comentar a Primeira Carta de Pedro, o autor retoma a importância do amor aos estranhos, correspondente ao termo grego φιλοξενία (philoxenia): “é o amor ao que se apresenta com necessidade e na hora mais inoportuna possível. O amor não é a caridade programada, mas o socorro ao emergente, ao estranho e ao indesejado, como exemplificou Jesus na parábola do Bom Samaritano”.<sup>189</sup> A prática da hospitalidade não é sempre fácil e cômoda, mas também exigente e até inoportuna. Faz lembrar aquele episódio mencionado por Lucas (11,5-8), sobre o amigo inoportuno que pede pão tarde da noite. O que está deitado murmura, mas atende para ver-se livre do amigo e poder voltar a dormir. Aqui, o pedido é para que a hospitalidade seja dada “sem murmurações”, de coração. Isso porque a “hospitalidade não é uma ação entre amigos. A hospitalidade é o gesto filantrópico agápico sem expectativas de retribuição humana, sem retorno ou vantagem imediata. [...] É servir ao outro em nome de Deus, do jeito que Deus age com os humanos”.<sup>190</sup>

Há, ainda, outra possibilidade da compreensão da exortação à hospitalidade sem murmuração. Devido à fragilidade do contexto social em que estavam vivendo os destinatários da Primeira Carta de Pedro, é possível que hospitalidade, aí, “tem a ver com receber sob seu teto pessoas que não têm para onde ir e onde viver. Fazer do seu teto um abrigo para o irmão”.<sup>191</sup>

Ao ler o conjunto da Carta, pode-se dizer que a fundamentação para a orientação que o autor dá sobre a hospitalidade é baseada no fato de que os cristãos foram “hospedados” ou acolhidos por Deus numa vida nova. Já pertencem a Deus, mas continuam peregrinando, como migrantes, neste mundo. O amor fraterno deve ser vivido sem fingimento, de coração e com ardor (cf. 1Pd 1,22). O sofrimento é encarado como pertencente à existência, não há como fugir dele; então, “será melhor sofrer praticando o bem, se tal for a vontade de Deus, do que praticando o mal” (1Pd 3,17).

---

<sup>188</sup> Ver item 2.3.1, onde está citada a distinção de Mazzarolo sobre os termos.

<sup>189</sup> MAZZAROLO, I. *Primeira e Segunda Cartas de Pedro: exegese e comentário*, p. 101.

<sup>190</sup> MAZZAROLO, I. *Primeira e Segunda Cartas de Pedro: exegese e comentário*, p. 101.

<sup>191</sup> NOGUEIRA, P. A. de S. *Como ler as Cartas de Pedro: o Evangelho dos sem-teto*, p. 57.

### 2.3.3 “Eis que estou à porta e bato” (Ap 3,20)

Os capítulos 2 e 3 do livro do Apocalipse apresentam as cartas a cada uma das sete igrejas ou comunidades. As sete cartas têm uma estrutura bastante semelhante.<sup>192</sup> O próprio Jesus estabelece uma relação pessoal com cada uma das sete igrejas. “Conhece a vida de cada uma delas, reconhece o bem, repreende o mal, exorta, chama, ameaça, profetiza, promete uma recompensa ao vencedor, distinta, conforme cada Igreja”.<sup>193</sup> Não há, no caso da carta a Laodicéia, nenhum elogio da parte do que escreve. Ela é toda negativa.

Há uma repreensão muito conhecida na carta a essa igreja: “não és frio nem quente” (v. 15). Não é unânime o significado dessa expressão.

O frio simboliza a indiferença do mundo pagão e rico frente aos cristãos. O quente simboliza a indignação apocalíptica dos cristãos pobres frente às estruturas opressoras do Império Romano. Os laodicenses querem ser ao mesmo tempo ricos (frios) e cristãos (quentes), e por isso mesmo acabam tíbios.<sup>194</sup>

Outros comentadores afirmam que o fato de ela não ser quente nem fria deve-se à sua ligação com a gnose e com a idolatria. A fraqueza da comunidade deve-se a uma “atitude tipicamente gnosticizante, segundo a qual a intransigência não é uma virtude cristã: pode-se perfeitamente pactuar com o mundo idólatra, pode-se misturar o quente e o frio, pode-se portanto ser morno”.<sup>195</sup> Em todo caso, fica certo que o problema é de uma dupla pertença dos membros da comunidade, como se não tivessem decidido verdadeira e integralmente por Cristo.

É oportuno olhar o contexto da comunidade de Laodicéia, destinatária da carta. Era uma cidade metropolitana e, por isso, com algum centro bancário expressivo. Estava situada no caminho de Éfeso às regiões orientais. Realizava importantes atividades no setor têxtil, produzia medicamentos, com destaque a um remédio para os olhos. “No ano 61 depois de Cristo, foi quase destruída por um terremoto. Mesmo assim não quis aceitar o auxílio oferecido pelo imperador romano. Fez questão de se reconstruir com seus próprios

<sup>192</sup> “1) *Introdução*: a) endereço; b) apresentação do remetente, isto é, Cristo; 2) *Corpo da carta*: elogio à comunidade, reprovações, exortações, conselhos, ameaças, anúncio da vinda de Cristo; 3) *Conclusão*: a) convite a dar ouvidos à voz do Espírito; b) promessas ao ‘vencedor’.” CORSINI, E. *O Apocalipse de São João*, p. 111.

<sup>193</sup> RICHARD, P. *Apocalipse: reconstrução da esperança*, p. 95.

<sup>194</sup> RICHARD, P. *Apocalipse: reconstrução da esperança*, p. 112.

<sup>195</sup> PRIGENT, P. *O Apocalipse*, p. 90.

recursos”.<sup>196</sup> Nessa atitude se percebe a posição de uma população bastante segura de si, até orgulhosa.

A comunidade cristã que está em Laodicéia mostra ter-se deixado levar pela mentalidade, pelo ambiente da cidade em que está situada. Por isso, “corria o risco de se deixar influenciar pela riqueza, pela confiança demasiada em si mesma, pela acomodação”.<sup>197</sup>

Mas a comunidade não está perdida: “Eu repreendo e educo os que eu amo. Esforça-te, pois, e converte-te” (*Ap* 3,19). A carta tem um chamado à conversão, é possível mudar de vida. Conversão significa que esta comunidade “deixe de ser tibia, gnóstica, nicolaíta, isto é, que deixe de ser rica à moda dos romanos idólatras e opressores, que não enriqueça explorando os outros, e que não continue sendo orgulhosa e autossuficiente”.<sup>198</sup>

Feita esta introdução e contextualização, o olhar se dirige agora ao versículo 20, que se procura compreender sob a ótica da hospitalidade: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei na sua casa e tomaremos a refeição, eu com ele e ele comigo”.

Os comentadores concordam, em geral, de que não se trata aí de uma promessa para o futuro, mas para o presente: “trata-se da salvação e da felicidade que podemos ter já agora”.<sup>199</sup> A fala de Jesus faz eco de suas palavras em *Jo* 14,23 e 18,37. Há também quem veja uma alusão indireta ao texto de *Ct* 5,2, na relação do amado que bate à porta da sua amada.<sup>200</sup> Ainda o episódio do êxodo do Egito, quando o anjo do Senhor passou identificando as portas que estavam marcadas, pode ser relacionado com esse versículo.

*Eis que estou à porta e bato*: este dito metafórico parece se referir, a princípio, ao futuro. O que se segue, contudo, refere-se ao presente. *Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta*: pode ser que a indiferença dos cristãos laodicenses ou sua preocupação com sua posição os tenha levado a recusar hospitalidade a João quando ele viajou pela Ásia e a rejeitar seu ensino. Este dito sugere que toda pessoa que recebe um pregador como este recebe a Cristo (cf. *Mt* 10,41-41). *Cearei com ele, ele comigo*: a referência a uma refeição talvez faça alusão à Ceia do Senhor.<sup>201</sup>

<sup>196</sup> CASTRO, F. C. de. *O Apocalipse hoje*: pequeno comentário, p. 59-60.

<sup>197</sup> CASTRO, F. C. de. *O Apocalipse hoje*: pequeno comentário, p. 60.

<sup>198</sup> RICHARD, P. *Apocalipse*: reconstrução da esperança, p. 113.

<sup>199</sup> CASTRO, F. C. de. *O Apocalipse hoje*: pequeno comentário, p. 63.

<sup>200</sup> PRIGENT, P. *O Apocalipse*, p. 92.

<sup>201</sup> BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*: Novo Testamento e artigos sistemáticos, p. 849.

Pelo contexto da carta e do livro do Apocalipse como um todo, não é adequado ler este versículo com uma visão intimista, como Jesus que bate à porta do coração de cada pessoa para fazer morada espiritualmente em sua alma.<sup>202</sup> Mais do que isso, “trata-se da formação de uma comunidade doméstica ou local; há um chefe da comunidade que ouve a voz de Jesus e que abre a porta, e logo há uma cena de Jesus com a comunidade (possivelmente eucarística)”<sup>203</sup>.

Uma comunidade autossuficiente como a de Laodicéia pode muito facilmente ficar surda aos apelos, às “batidas à porta”. Por isso é interessante a “imagem do peregrino que bate à porta pedindo hospedagem. Pede para a comunidade estar bem atenta para perceber o toque de Jesus na porta, querendo entrar para jantar”.<sup>204</sup> Na Carta de Pedro, que foi vista na seção anterior, a hospitalidade era um desafio por causa da situação de pobreza das famílias cristãs. Nesse contexto ela é um desafio, um chamado a sair do egoísmo e de uma vida por demais segura por causa da próspera situação econômica. A hospitalidade é um antídoto ao fechamento, ao isolamento e ao egoísmo.

A refeição que é mencionada aí deve fazer alguma referência à eucaristia.

A uma Igreja que, por efeito de influências gnósticas, é levada a negligenciar a encarnação da fé e a privilegiar a espiritualização em detrimento da escatologia, o *Ap* anuncia o retorno de Cristo e convida a encontrar o sinal e a antecipação do mesmo no sacramento.<sup>205</sup>

Como se observou anteriormente, o versículo 20 mostra a formação de uma comunidade, que não se realiza sem a dimensão eucarística. E a eucaristia tem sempre uma dimensão de futuro, escatológica. “Ocasão de alegria, o banquete também pode celebrar a hospitalidade de um retorno definitivo”.<sup>206</sup> Mais adiante o livro do Apocalipse apresenta o convite ao banquete: “Felizes os convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro” (*Ap* 19,9). A acolhida ao Cristo que vem à Igreja, batendo à porta, depende de quem está do lado

---

<sup>202</sup> Cf. RICHARD, P. *Apocalipse: reconstrução da esperança*, p. 114.

<sup>203</sup> RICHARD, P. *Apocalipse: reconstrução da esperança*, p. 114.

<sup>204</sup> MESTERS, C.; OROFINO, F. *Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos*, p. 164.

<sup>205</sup> PRIGENT, P. *O Apocalipse*, p. 93.

<sup>206</sup> POTTIER-THOBY, A.-C. Da traição à redenção. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*, p. 127.

de dentro. Se houver acolhida, ele entrará e haverá comunhão. E essa hospitalidade será garantia da acolhida de Deus na eternidade.

No término deste capítulo percebe-se “a passagem do dever de hospitalidade para com o Cristo ao dever de hospitalidade em proveito daqueles que são encarregados de espalhar a mensagem evangélica no mundo”.<sup>207</sup> Num período de pouco mais de 50 anos – período que compreende desde os primeiros escritos de Paulo e os últimos textos do Novo Testamento – vê-se que houve uma expansão territorial do cristianismo e, simultaneamente, a estruturação da identidade própria da Igreja. E essa “Igreja do primeiro século é o reflexo da mobilidade da sociedade romana e se espalhou graças ao regime de hospitalidade que ela gozava onde se instalava”.<sup>208</sup>

Foram escolhidos relatos de hospitalidade que exortam a essa prática: Pedro na casa dos prosélitos, Paulo que se preocupa com a acolhida entre as diversas comunidades formadas por ele, a Carta aos Hebreus e a Primeira Carta de Pedro que exortam à hospitalidade e, por fim, o Apocalipse que mostra o próprio Cristo como hóspede que bate à porta. Não se pode esquecer, contudo, que já nas orientações de Jesus havia algumas orientações no sentido de alguns cuidados sobre onde buscar hospedagem.

Não se deve sempre aceitar a hospitalidade e principalmente a hospitalidade de qualquer pessoa! Na versão do mandato missionário de Mateus fica claro: “Em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, procurai saber quem ali é digno e permaneci com ele até a vossa partida” (10,11). Tendo em conta as condições muito precárias das pousadas ao longo das estradas de comunicação da época, esta exortação pode ser compreendida em grande parte aos bordéis, cuja pousada poderia tirar toda credibilidade de um anúncio futuro! Mas o adjetivo “honrado” ou “digno” que o evangelista utiliza em alguns versículos (cf. v. 13), pode-se compreender simplesmente no contexto daquela narrativa como “hóspede” ou, de maneira mais exigente, como “crente no evangelho”.<sup>209</sup>

Pode-se dizer que hospitalidade e missão são termos que têm uma relação importante no início do cristianismo. O próximo capítulo tratará do desenvolvimento histórico da hospitalidade na vida da Igreja. Quando se fala “igreja” pode-se pensar tanto na comunidade dos fiéis – como é o caso dos textos bíblicos analisados neste capítulo – quanto no edifício

---

<sup>207</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité, p. 313 (tradução nossa).

<sup>208</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité, p. 314 (tradução nossa).

<sup>209</sup> MONGE, C. *Dieu Hôte*. Recherche historique et théologique sur les rituels de l’hospitalité, p. 318-319 (tradução nossa).

que acolhe, hospeda, abriga os que pertencem à comunidade cristã. Se há “uma correspondência tão estreita entre as duas noções de comunidade dos fiéis e de edifício, não será porque se deve ver uma relação fundamental entre a hospitalidade, fato de acolher, de receber o outro, e o cristianismo?”<sup>210</sup> É na fundamentação dessa hipótese que segue o trabalho de pesquisa.

---

<sup>210</sup> GODI, P. A Casa de Misericórdia. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 605.

### 3 A HOSPITALIDADE NA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA IGREJA: ONTEM E HOJE

O cristianismo nasce umbilicalmente ligado ao judaísmo. Herda dele uma tensão entre as correntes particularista e universalista. A primeira é marcada pela compreensão de que Israel é o único povo eleito pelo Senhor. São muitos os textos bíblicos do Antigo Testamento que servem para fundamentar essa visão. A corrente universalista, por outro lado, era “respeitadora do estrangeiro, que acolhia todos os homens de boa vontade, que não lançava anátemas sobre os pagãos, e que arrastará os judeus mais generosos na direção que Jesus apontará”.<sup>211</sup> Já em Abraão Deus promete abençoar todas as nações da terra (cf. *Gn* 12,3); em Jonas aparece o chamado à conversão dos ninivitas, como indicação da necessidade de superação da xenofobia; Isaías também conclui a profecia falando da inclusão dos migrantes (cf. *Is* 56,3-8) e de todos os povos na salvação que Deus opera. Há outros textos bíblicos que vão nessa mesma direção.

Nas comunidades nascidas de Jesus, logo se verificou o mesmo dilema, transposto para o plano do cristianismo. Mas os elementos em choque pareciam menos claros, pois o que ressoa ao longo de todo o Evangelho é o grande grito libertador que chama todos os homens, sem distinção de origem, para os caminhos da conversão e da salvação. A lição fundamental era a que Jesus dera aos Apóstolos alguns dias após a Ressurreição: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (*Mt* 28,19-20). Nunca Jesus ensinou alguma coisa que justificasse o isolamento, o particularismo ou um egoísmo “sagrado”.<sup>212</sup>

A rápida expansão do cristianismo está ligada a essa visão universalista – como já ficou mostrado no episódio de Pedro em casa de Cornélio, no capítulo anterior. A expulsão dos judeus de Jerusalém – diáspora – serviu para tornar mais difícil a relação entre judeus e cristãos, o que obrigou a comunidade cristã a crescer em independência e firmar sua identidade própria. É impressionante como já em meados do século II há diversas comunidades cristãs fundadas na Palestina e fora dela.

O presente capítulo mostrará como a hospitalidade marcou a vida da Igreja ao longo dos séculos, em diferentes modalidades. A caridade, sobretudo no cuidado aos pobres e doentes, terá muita ligação com a hospitalidade. Depois se verá a institucionalização da

---

<sup>211</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, p. 33.

<sup>212</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, p. 35.

prática da hospitalidade, com lugares definidos e organizados para que ela acontecesse. As peregrinações medievais, por exemplo, são uma parábola do que é a vida humana, “sobre uma via incerta, semeada de emboscadas, e onde é fácil se desencaminhar”.<sup>213</sup> O texto trará alguns elementos, sem pretensão de fazer uma análise detalhada de um período de praticamente 2.000 anos, o que seria inviável nesta dissertação. A bibliografia encontrada, sobretudo em português, é bastante limitada, mas permite ver como a hospitalidade se desenvolveu na Igreja. Por fim, se verá como a hospitalidade está hoje presente na vida da Igreja, na liturgia e na pastoral. E como permanece um chamado para que a comunidade cristã não perca sua identidade e apresente ao mundo atual ações que possibilitem superar as dificuldades com relação à falta de acolhida, em suas mais variadas formas.

### 3.1 A hospitalidade na história da Igreja

Não é pretensão deste estudo fazer uma minuciosa análise histórica da Igreja. O objetivo é percorrer a história da Igreja vendo como os elementos de hospitalidade se consolidaram e/ou modificaram. Se iniciará mostrando como a espiritualidade cristã é marcada pela hospitalidade, sobretudo pela acolhida ao pobre e ao peregrino. As obras de misericórdia corporais bem o expressam. Depois se verá como a tradição monacal abre espaço para a prática da hospitalidade, já com certa institucionalização, pois cada mosteiro é orientado a ter sua hospedaria ou, ao menos, um serviço de acolhida. Por fim, as instituições de hospitalidade que se proliferaram das mais variadas formas, sobretudo no segundo milênio, mostram a organização e ampliação da prática da caridade cristã. É difícil encontrar registros da hospitalidade informal, realizada de família em família, mas nem por isso se deve supor que ela não tenha existido.

É útil traçar um breve panorama geral das principais formas sociais da hospitalidade, para depois pormenorizar sua análise. A hospitalidade se organiza em torno do bispo, da sua casa, como um dever a ele confiado. Ele deve acolher os peregrinos, os estrangeiros, os perseguidos, os indigentes. “Todavia, a partir do século IV, com o retorno à paz para os cristãos, [...] e por causa do crescimento da comunidade, a hospitalidade dos bispos deixou de ser suficiente”.<sup>214</sup> Então surgem as primeiras instituições dedicadas à prática da hospitalidade.

---

<sup>213</sup> ROUSSEL, C. O caminho e o peregrino. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 379.

<sup>214</sup> GODI, P. A casa de misericórdia. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 611.

Santa Helena (244-330), mãe de Constantino, constrói os primeiros hospitais em Constantinopla. São Basílio (331-379) constrói o primeiro hospital para leprosos e viajantes. “Mas a hospitalidade se desenvolve sobretudo nos mosteiros, onde progressivamente se instala, ao lado do claustro, uma hospedaria”.<sup>215</sup> Sobretudo a partir do século XII é que proliferam as instituições, como ordens religiosas prioritariamente dedicadas à hospitalidade. O século XVIII, já marcado pelo Iluminismo, verá a hospitalidade e o cuidado com os pobres ser realizado “não mais em nome de Deus, mas em nome dos direitos humanos”<sup>216</sup>, como uma obrigação do Estado.

### **3.1.1 Uma marca da espiritualidade cristã: a virtude da caridade e as obras de misericórdia corporais**

O cristianismo é marcado pelas três virtudes teológicas: fé, esperança e caridade. Jesus ensinou que são indissociáveis o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo (*Mc* 12,28-31; *Mt* 22,34-40; *Lc* 10,25-28; *Jo* 13,34-35). São Paulo afirmou explicitamente que a maior das virtudes cristãs é a caridade (*1Cor* 13,13). A hospitalidade será compreendida ligada à caridade e, às vezes, até confundida com ela. É possível perceber, desde o seu início, “o elo que une, na religião cristã, a hospitalidade e a caridade”.<sup>217</sup>

O amor ao próximo é um dos princípios fundantes da religião cristã. E dele não se pode desvincular a acolhida ao outro. Expressão visível disso é que, quando começam as construções das catedrais, concebe-se um conjunto maior, com a residência episcopal e uma espécie de hospedaria. Isso indica que a prática da hospitalidade nasce junto com as instituições primitivas da organização e da institucionalização da Igreja. Antes de haver as construções de igrejas, as celebrações e encontros da comunidade aconteciam nas casas, donde se percebe o aspecto hospitaleiro com que nasce o Cristianismo.

O conjunto arquitetônico é pensado sob a ótica da acolhida, sinal de que a Igreja é hospitaleira pela sua espiritualidade e sua mística. A arquitetura expressa a identidade da Igreja. E os sacramentos também o revelam.

---

<sup>215</sup> GODI, P. A casa de misericórdia. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 612.

<sup>216</sup> GODI, P. A casa de misericórdia. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 613.

<sup>217</sup> GODI, P. A casa de misericórdia. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 611.

A porta aberta [da igreja] não seria o símbolo da hospitalidade espiritual que a Divindade pratica, o anfitrião supremo, para com aquele que transpõe a soleira de sua morada? No entanto, o cristão precisará transpor, além do portal do edifício, uma outra soleira, a do batismo, o primeiro dos sacramentos instituído pelo próprio Jesus e que é exigido de toda verdadeira entrada na comunidade cristã.<sup>218</sup>

Outro sacramento determinante da identidade da Igreja é a Eucaristia. Ela mostra a relação intrínseca entre altar, que é a mesa do sacrifício e da refeição, com a acolhida: “Felizes os convidados a participar da Ceia do Senhor”, é frase com a qual se apresenta o Corpo de Cristo e se convida os fiéis à comunhão. São João Crisóstomo, já no século IV, relaciona a comunhão na Eucaristia com a necessidade de acolher e cuidar do “outro corpo de Jesus Cristo formado pelos pobres que são seus membros e que precisa de todos os cuidados, corpo com o qual Cristo se identifica explicitamente sobretudo na passagem do juízo final no Evangelho de Mateus”.<sup>219</sup> Apenas com este breve olhar para o Batismo e a Eucaristia já é possível perceber como a espiritualidade cristã – que tem nesses dois sacramentos pontos basilares – está perpassada por uma dimensão hospitaleira. “O amor do cristão por Deus e por seu irmão são o cimento e o lugar da realização do corpo místico que o batismo e a eucaristia constituem”.<sup>220</sup>

Já bem cedo, em Roma, antes das ordens hospitalárias ou mesmo dos mosteiros, se conheceram formas estruturadas de acolhida e assistência aos pobres. “Já no final do século I, o bispo Cleto transforma sua própria casa em lugar de acolhimento, onde alimenta os indigentes”.<sup>221</sup> Os diáconos são incumbidos do trabalho organizado da caridade em Roma que, no século IV, já conta com sete diaconias.

A partir do século IV, em que se desenvolve, aliás, a peregrinação ao túmulo de São Pedro (*ad sacra limina*), as instituições hospitalares romanas têm de enfrentar igualmente o afluxo dos peregrinos, que chegam exaustos ao cabo de sua empreitada. Esses estrangeiros se agrupam segundo sua origem nacional, fora do recinto dos muros da cidade, perto do Vaticano, onde é venerado o túmulo do santo:

<sup>218</sup> GODI, P. A casa de misericórdia. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 614.

<sup>219</sup> GODI, P. A casa de misericórdia. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 615.

<sup>220</sup> PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1282.

<sup>221</sup> LAZARD, S. A vocação das ordens hospitalárias. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 619.

assim nascem as *Scholae peregrinorum*, “confrarias dos estrangeiros”, que reúnem hospedarias, habitações para o clero, igrejas, cemitérios, oficinas, etc.<sup>222</sup>

São Jerônimo é um dos incentivadores das peregrinações. A comparação que ele faz é a seguinte: assim como depois de conhecer Atenas é mais fácil compreender os historiadores gregos, depois de conhecer os lugares santos compreende-se melhor as Sagradas Escrituras.

No Ocidente, o grande destino das peregrinações era Roma. [...] No século IV, as peregrinações a Roma passam a ser um verdadeiro costume. [...] Livres de empecilhos, as catacumbas tornam-se um grande centro de devoção, são restauradas e ornamentadas com novos afrescos. [...] Não é menos viva a corrente que arrasta os viajantes para o Oriente. Os Lugares Santos, purificados por Santa Helena dos ultrajes dos idólatras e adornados com prestigiosas basílicas, atraem inúmeros peregrinos.<sup>223</sup>

Todas essas peregrinações serão ocasião do surgimento e da organização da hospitalidade por motivos religiosos. “A caridade, como elevada virtude teológica, expressa ao mesmo tempo o amor a Deus e o amor ao próximo em Deus. Então, não é de surpreender que se peça que a hospitalidade seja concedida em nome Dele”.<sup>224</sup>

Há um elemento importante nessa compreensão de que a caridade feita, neste caso, a hospitalidade dada ao irmão, é algo que se faz como expressão do amor a Deus. Aquele que está em condições de ajudar o outro tem acesso à salvação porque “partilhou seu pão com os pobres, os abrigou, vestiu, pôs em bom estado, assistiu nos seus últimos momentos e providenciou suas sepulturas”.<sup>225</sup> A acolhida ao outro é critério de salvação. “O Evangelho anuncia a separação dos [...] que alimentaram, aplacaram a sede, acolheram, vestiram ou visitaram os miseráveis e assim ofereceram assistência ao Cristo em pessoa, dos malditos que se recusaram a socorrer o filho de Deus e seus irmãos mais humildes”.<sup>226</sup> É preciso ter atenção

---

<sup>222</sup> LAZARD, S. A vocação das ordens hospitalárias. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 620.

<sup>223</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, p. 501.

<sup>224</sup> ROUSSEL, C. O caminho e o peregrino. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 390.

<sup>225</sup> ROUSSEL, C. O caminho e o peregrino. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 392.

<sup>226</sup> PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1281.

para não se justificar uma ordem social injusta para assegurar um mecanismo da caridade, como se o pobre fosse necessário para a salvação do rico.

Manifestação concreta da caridade, a hospitalidade figura, então, entre os deveres sagrados de um cristão. [...] A experiência vale para todos e tudo, clérigos e leigos. Abrir sua porta para um estrangeiro significa abrir seu coração para o amor divino, abrigar em si as virtudes que permitirão, um dia, que o indivíduo seja acolhido por toda a eternidade no paraíso.<sup>227</sup>

Os Padres da Igreja e outros teólogos, com seu pensamento e pregação, ajudarão os cristãos a não perderem de vista a importância da caridade ao longo da história.<sup>228</sup> São Cipriano, em meados do século III, apresenta uma lista com quatro obras de misericórdia: “a hospitalidade, a redenção dos prisioneiros, a defesa da viúva e do órfão e, por fim, o sepultamento dos mortos”.<sup>229</sup> E é no século XII que se fixará a lista de obras de misericórdia como se conhece hoje, com sete obras corporais e sete espirituais<sup>230</sup>. Três das sete obras corporais estão diretamente ligadas à hospitalidade:

Saciar a sede, alimentar e vestir são os atos característicos da hospitalidade, que constitui, assim, uma das manifestações mais evidentes da caridade. Essa hospitalidade deve ser gratuita e desinteressada, por ser motivada pelo amor e recusa, portanto, pelo princípio de reciprocidade. Se o amor de Deus e o amor ao próximo fazem parte da profissão de fé hebraica, vão, no entanto, assumir uma dimensão nova na religião cristã, que se impõe como uma religião de salvação, mas também de amor-caridade. O próximo não é apenas o irmão e o compatriota, ele é também o inimigo: a noção de estrangeiro não existe para a Igreja, que se apresenta como uma comunidade em evolução. O hóspede não é o mensageiro de Iahweh, ele é próprio Deus, o Verbo feito carne. A identificação do Cristo com o mais fraco e o estrangeiro constitui um princípio de fraternidade essencial.<sup>231</sup>

<sup>227</sup> ROUSSEL, C. O caminho e o peregrino. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 393.

<sup>228</sup> Agostinho é chamado de teólogo da caridade. São Bernardo de Claraval, os dominicanos e franciscanos (com destaque a Duns Scott) se dedicam ao tema premente da caridade como necessária à salvação. São Francisco de Sales, no século XVII, retoma o tema. Cf. PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1282.

<sup>229</sup> PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1283.

<sup>230</sup> “As obras de misericórdia são ações caritativas pelas quais socorremos o próximo nas suas necessidades corporais e espirituais. Instruir, aconselhar, consolar, confortar são obras de misericórdia espiritual, como também perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporal consistem sobretudo em dar de comer a quem tem fome, dar moradia aos desabrigados, vestir os maltrapilhos, visitar os doentes e prisioneiros, sepultar os mortos”. Catecismo da Igreja Católica, n. 2447.

<sup>231</sup> PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1283.

A pregação em torno das obras de misericórdia foi necessária para popularizar seu valor. “O tema das obras de misericórdia tem um lugar primordial no ensinamento do clero secular, que, para convencer, utiliza as imagens [...] e sobretudo as palavras”.<sup>232</sup> O capítulo 25 do Evangelho de Mateus é o recurso mais utilizado.

Testemunho marcante é o de São Martinho que, no século IV, reparte o seu próprio manto, rasgando-o ao meio, com um pobre que passava frio. Ele “empreende a evangelização das populações rurais. Com uma bagagem modesta, montado num jumento ou numa mula, vai de aldeia em aldeia chamando para Cristo todos os miseráveis e todos os abandonados”.<sup>233</sup> São Bernardo de Claraval é exemplo de denúncia dos bispos que gostavam do luxo. Sua crítica é que a vida que eles levavam, cheia de luxo, roubava o necessário dos mais pobres.<sup>234</sup>

O nascimento da Igreja e sua estruturação nos primeiros séculos encontra lugar de destaque para a prática da hospitalidade. Ela revela algo que é da identidade do Cristianismo: a acolhida. A humanidade é acolhida por Deus, que a salva. Por isso, o amor de Deus impele os cristãos a acolherem todas as pessoas que necessitam. Os primeiros tempos são marcados pela finalidade evangelizadora da hospitalidade: missionários, pregadores e peregrinos. Mas há espaço, e cada vez mais será assim, para a acolhida do pobre, do doente, do estrangeiro, do órfão. São muitos os testemunhos dessa atitude hospitaleira: “João Crisóstomo se separa dos móveis e desiste das roupas luxuosas de seu predecessor para subvencionar as necessidades dos pobres e dos estrangeiros. [...] Agostinho qualifica de desumano o bispo que não é hospitaleiro”.<sup>235</sup>

Com o surgimento das ordens monásticas e hospitalárias, não desaparece a função diocesana da hospitalidade, coordenada pelo bispo<sup>236</sup>, mas ela será ampliada pelas instituições que nascem.

Em meados do I milênio, num período conturbado pelas invasões bárbaras, a Igreja “tentou limitar os excessos da sua violência e obrigá-los a respeitar pelo menos alguns

---

<sup>232</sup> PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1287.

<sup>233</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, p. 484-485.

<sup>234</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, p. 115.

<sup>235</sup> PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1284.

<sup>236</sup> O concílio ou sínodo de Macon, em 585, tem alguns cânones interessantes: diz que o Bispo deve pregar e praticar a hospitalidade e, por causa disso, sua casa não deve ter cães, que seriam contra a hospitalidade, pois poderiam atacar os pobres que lá chegassem. Cf. DANIEL-ROPS, H. *A Igreja dos Tempos Bárbaros*, p. 307.

princípios humanos básicos. O exemplo mais frisante [...] foi a verdadeira batalha que travou pelo *direito de asilo*”.<sup>237</sup> Assim, ao menos os refugiados têm alguma proteção num período de grande instabilidade. Havia fundos de socorro aos necessitados, organizados pelas dioceses. “Os bispos e sacerdotes amavam esses pobres, conheciam-nos e visitavam-nos; [...] Havia também hospícios – hospedarias – para estrangeiros e hospitais mantidos pela Igreja”.<sup>238</sup>

### 3.1.2 A tradição monacal

Os monastérios foram, durante longos séculos, lugares em que se cultivaram e mantiveram vivos elementos importantes para o Cristianismo e para a sociedade como um todo: a dedicação à cultura, o zelo com a liturgia e, o que interessa especialmente a este estudo, a prática da hospitalidade. Onde vem a ligação da vida monástica com a hospitalidade? “Desde os primeiros séculos, a hospitalidade se impõe como uma necessidade espiritual para o monge, que, ao tornar-se voluntariamente ‘pobre de Cristo’, deve assistir os pobres involuntários com seus poucos recursos”.<sup>239</sup>

Já os primeiros Padres do Deserto ensinaram que é preciso suspender o jejum e o silêncio para acolher o estrangeiro. Os escritos de São Pacômio, São Basílio e São Jerônimo já orientam o modo de receber os estrangeiros.<sup>240</sup> Ao lado do claustro, progressivamente, vai se estabelecer uma hospedaria<sup>241</sup>. Chama a atenção que, originalmente, há uma distinção entre a hospedaria para os nobres da que é para os pobres: “hospedaria dos nobres, que são simplesmente alojados, e *hospitale pauperum*, hospedaria dos pobres, que os monges têm o dever de hospedar e alimentar. [...] Oferecerá a hospitalidade de modo permanente aos indigentes”.<sup>242</sup> Os pobres recebem melhor assistência, pois suas necessidades são maiores.

<sup>237</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja dos Tempos Bárbaros*, p. 306.

<sup>238</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja dos Tempos Bárbaros*, p. 307.

<sup>239</sup> PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1284.

<sup>240</sup> Cf. PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1284-1285.

<sup>241</sup> “*Hostellerie* designa na Idade Média o edifício de uma abadia destinado a receber os peregrinos e os estrangeiros, a dar a eles gratuitamente abrigo e comida; é sinônimo de *hospice*.” GRASSI, M.-C. Do Albergue ao Hotel. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 538.

<sup>242</sup> GODI, P. A Casa de Misericórdia. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 612.

A dimensão religiosa e mesmo litúrgica da acolhida do pobre explica seu vínculo estreito com a vida monástica nos primeiros séculos do cristianismo. São então os monges que respondem às solicitações dos indigentes dos campos, mas também dos peregrinos, diante de suas portas. Lavar, alimentar, alojar os pobres faz parte de sua missão, como se vê nas regras das abadias beneditinas. É primeiramente o porteiro e, depois, a partir do século IX, um monge especializado chamado “esmoler”, que vai acolher esses indigentes à entrada dos mosteiros e aliviar temporariamente sua miséria. Alimento, bebida, roupas, lenha de aquecimento, um pouco de dinheiro até, são regularmente distribuídos. Uma parte considerável do recurso das abadias é considerada a essa ajuda.<sup>243</sup>

A acolhida do hóspede é um verdadeiro ritual, prescrito minuciosamente na Regra de São Bento, no capítulo 53, intitulado “Da recepção dos hóspedes”. A motivação para a hospitalidade é aquela dada por Jesus: “Eu era forasteiro e me recebestes em casa” (*Mt 25,35*), ou seja, no peregrino, forasteiro, estrangeiro que bate à porta é o Cristo que chama. Assim se expressa a regra: “Nessa mesma saudação mostre-se toda a humildade. Em todos os hóspedes que chegam e que saem, adore-se, com a cabeça inclinada ou com todo o corpo prostrado por terra, o Cristo que é recebido na pessoa deles”.<sup>244</sup>

A acolhida nos mosteiros é bastante sóbria, como é toda a vida de um monge, com a alimentação reduzida, às vezes, a pão e vinho.<sup>245</sup> Nem por isso não é dispendiosa para um mosteiro que recebe grande número de hóspedes pobres. É aí que será testada a caridade, que consiste “em se esquecer de suas próprias necessidades para se identificar totalmente com o pedido que procede do outro, sem se preocupar com as consequências, sem ceder à tentação de poupar para o futuro”.<sup>246</sup> São Martinho de Tours é conhecido por episódios de não ter poupado a despesa do lugar em que trabalhava para socorrer os pobres que pediam. Ele o faz na certeza de que para os pobres não se dá o que é resto ou supérfluo, e na confiança de que Deus não deixará faltar.<sup>247</sup> Sobre o importante Mosteiro de Cluny, na França, encontra-se o seguinte testemunho: “Todos os dias muitos pobres e viajantes se sentavam à mesa dos

---

<sup>243</sup> CARRÉ, J. Entre Caridade e Reclusão. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 575-576.

<sup>244</sup> REGRA DE SÃO BENTO, cap. 53.

<sup>245</sup> Cf. ROUSSEL, C. O Caminho e o Peregrino. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 385.

<sup>246</sup> ROUSSEL, C. O Caminho e o Peregrino. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 391.

<sup>247</sup> Cf. ROUSSEL, C. O Caminho e o Peregrino. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 392.

monges, e havia constantemente dezoito velhos que eram sustentados pelo convento e a quem se lavavam os pés diariamente”.<sup>248</sup>

As peregrinações e romarias vão ganhando adeptos com o passar dos anos. Já se aludiu ao incentivo que, por exemplo, São Jerônimo deu a elas. Mas, com o passar dos tempos e as condições favoráveis, elas são incrementadas. “Anualmente, meio milhão de pessoas a caminho de Compostela; no primeiro ‘Ano Santo’, Roma recebeu mais de dois milhões de peregrinos”.<sup>249</sup> A relação das peregrinações com a hospitalidade é direta: tamanho número de pessoas se deslocando exigirá acolhida para poder completar sua meta. Para isso, “não há dúvida de que existem cristãos generosos que abrem aos romeiros a sua casa e a sua mesa”.<sup>250</sup> Além desses, “existem também lugares para abrigar esses errantes de Cristo, como essas abadias de generosa hospitalidade e os ‘hospícios’, albergues construídos por obras pias”.<sup>251</sup>

A hospitalidade em geral segue um ritual. Quatro elementos estão sempre presentes: a acolhida do hóspede – nos mosteiros marcada pela reverência ou prostração diante do hóspede, presença de Cristo –, a refeição – o Abade poderá até romper o jejum ou o silêncio para fazer refeição com o hóspede –, o repouso e, por fim, a partida. “O ritual da hospitalidade sofre algumas modificações quando o viajante acolhido está em estado físico lastimável, sofrendo de extrema fadiga ou de ferimentos mais ou menos graves”.<sup>252</sup>

Em períodos de crise financeira, devida ao clima que não favorecia a agricultura ou por causa das doenças, a fome tornava mais exigente a prática da hospitalidade. Assim, “foram numerosos os casos de bispados e mosteiros que venderam os seus tesouros, e até mesmo os vasos sagrados, para arrancarem da fome o povo cristão que os rodeava”.<sup>253</sup>

À medida que se vai estruturando a hospitalidade monacal, é preciso que as Regras orientem mais detalhadamente seu funcionamento e seus limites, para não prejudicar a finalidade principal dos mosteiros e não impedir sua sustentabilidade. Assim, têm-se registros

---

<sup>248</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja dos Tempos Bárbaros*, p. 592.

<sup>249</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 79.

<sup>250</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 82.

<sup>251</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 82.

<sup>252</sup> ROUSSEL, C. O Caminho e o Peregrino. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 387.

<sup>253</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 281. E, ainda: “Em períodos de escassez e de fome, vemos alguns mosteiros da Ordem de Cluny destinar até um terço de seus rendimentos aos indigentes e chegar a vender seus objetos litúrgicos”. PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1286.

de que “os hóspedes são alojados somente por duas noites e estritamente vigiados por dois monges que velam para prevenir eventuais roubos e as partidas clandestinas”.<sup>254</sup> Os hóspedes que pudessem deviam ir comprar os alimentos necessários para si durante a permanência; só os pobres é que recebiam comida.

O número crescente de visitantes nos cerca de cinquenta mosteiros que possuem *xenodochium*<sup>255</sup> coloca mais problemas do que os abades reformistas conseguem resolver. Estes se empenham, assim, para separar a vida dos clérigos e as atividades hospitalares. A regra beneditina inicial previa uma hospitalidade ilimitada, sem distinção de situação; os mosteiros beneditinos só acolherão um número limitado de pobres, sem cerimônia e de acordo com o número de leitos disponíveis, ao passo que os hóspedes importantes terão a garantia de ser introduzidos e recebidos pelo abade. [...] A dimensão espiritual da hospitalidade é preservada por meio da cerimônia de acolhimento de doze pobres, figuras dos doze apóstolos, que respeita o ideal e as prescrições originais da ordem.<sup>256</sup>

É interessante uma informação sobre os mosteiros femininos e a hospitalidade. “As regras, os estatutos e costumes estabelecem obrigações idênticas para os mosteiros masculinos e femininos, mas constatamos, na prática, que as religiosas têm uma atividade caritativa muito mais modesta”.<sup>257</sup> E isso por dois motivos principais: o perigo que o estrangeiro ou hóspede em geral pode representar para uma comunidade de mulheres, consideradas mais frágeis e vulneráveis e, ao lado disso, uma compreensão de que as monjas devem dedicar-se mais à escuta do Mestre e não às preocupações do serviço, como aconteceu à Marta (cf. *Lc* 10,38-42). O serviço ao hóspede, expresso na atitude de Marta, ficará para as mulheres leigas; ao passo que a contemplação – melhor parte, que Maria escolheu – fica com as religiosas.

Ao final do século XVI, na Europa, fruto da mentalidade de uma época – não tão diferente de hoje – há uma compreensão de que o pobre é aquele que não quer trabalhar. Se for acolhido, deverá trabalhar para pagar sua pensão. E isso atinge também a prática da hospitalidade monacal. “Os indigentes eram imediatamente tonsurados e vestidos com um traje cinzento. Quanto ao fornecimento de alojamento e comida, supunha-se que fosse feita

---

<sup>254</sup> PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1285.

<sup>255</sup> Asilo.

<sup>256</sup> PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1286.

<sup>257</sup> PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1290.

em troca de um trabalho”.<sup>258</sup> A acolhida continua tendo lugar do ponto de vista religioso, pois aquele que acolhe o pobre é beneficiado, pois se aproxima da salvação ao acolher o próximo.

### 3.1.3 As instituições de hospitalidade: Hospitais, Santas-Casas, Hospícios, *Maison-Dieu* e *Hôtel-Dieu*

Todas as instituições nomeadas no subtítulo acima estão ligadas à noção de hospitalidade. Há um destaque maior às instituições francesas, pela bibliografia mais ampla sobre aquele país. Num modo geral é possível estabelecer o sentido comum de alguns termos que aqui aparecerão.

*Mansão*: utilizada desde a Idade Média, provém de *mansionem*, acusativo de *mansio*, nome correspondente ao verbo *manere*, morar. Em francês, *Maison-Dieu*, para dar o caráter religioso da instituição. Na época romana, são colocados ao longo do caminho, para abrigar os viajantes.<sup>259</sup> Albergue: termo de origem militar, acampamento. Lugar onde se dá de comer, alojamento.<sup>260</sup> Hospedaria (*hostellerie*): vem de *hostel*. “O *hôtel* é, pois, de início, um alojamento, logo se torna sinônimo de moradia importante. Derivado de *hostel*, encontramos o ancestral do termo hospitalidade, em antigo francês *hostelage*, ou seja, direitos e deveres da acolhida em seu *hostel*”.<sup>261</sup> E, ainda: “na idade Média *hostellerie* designa o edifício de uma abadia destinado a receber os peregrinos e os estrangeiros, a dar a eles gratuitamente abrigo e comida; é sinônimo de *hospice*”.<sup>262</sup> *Hostelier*: serve tanto para nomear aquele que dá quanto aquele que recebe a hospitalidade. *Xenodochium*: conjunto de prédios de uma abadia, como o albergue, a esmolaria e o hospital.<sup>263</sup> Hospício: “casa de caridade destinada a receber pobres, órfãos e outras pessoas cuja idade ou cujas enfermidades as colocam fora da capacidade de

<sup>258</sup> CARRÉ, J. Entre Caridade e Reclusão. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 577.

<sup>259</sup> Cf. GRASSI, M.-C. Do Albergue ao Hotel. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 535-536.

<sup>260</sup> Cf. GRASSI, M.-C. Do Albergue ao Hotel. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 536.

<sup>261</sup> GRASSI, M.-C. Do Albergue ao Hotel. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 537.

<sup>262</sup> GRASSI, M.-C. Do Albergue ao Hotel. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 537-538.

<sup>263</sup> Cf. GRASSI, M.-C. Do Albergue ao Hotel. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 538.

ganhar a vida”.<sup>264</sup> *Maison-Dieu* ou *Hôtel-Dieu*: Santa Casa ou Hospital de Deus. Demorará muito para ficar clara a função que se dá hoje a um “hospital” como lugar com funções médicas terapêuticas.

Assim, pode-se perceber que “sob nomes diversos [...] e com estatutos diversos [...] as instituições se assemelham, de início, porque a prioridade é sempre dada ao zelo caritativo”.<sup>265</sup> E, embora com finalidades específicas diversas e variáveis de lugar a lugar, o que interessa neste estudo é perceber que todas “se confundem num conceito comum mais antigo, a hospitalidade”.<sup>266</sup> Não se deve esquecer que prossegue a hospitalidade monacal. Contudo, ela não é mais suficiente e, para dar conta de uma demanda tão grande, surgem todas essas instituições hospitaleiras, marcadas por uma compreensão religiosa cristã.

A cronologia das fundações principais e seu desenvolvimento será aqui brevemente relatada, para que se perceba o movimento crescente que as envolve. Assim, no século IX a missão de hospitalidade dos bispos começa a ser assegurada pelas ordens hospitalárias. Em Paris é fundado um Hospital episcopal em 929. A Ordem Hospitalária dos Antoninos – uma das mais antigas e mais amplamente difundidas –, nasceu perto de Vienne, na província francesa de Dauphiné, em 1095.<sup>267</sup> A Ordem de São Lázaro foi fundada em 1099, em Jerusalém,<sup>268</sup> e logo é difundida em muitos países. A congregação cresceu a passos largos e chegou a possuir na Europa e na Ásia cerca de 3.000 leprosários. Inocêncio IV a reorganizou e fez dela a Ordem dos Cavaleiros de São Lázaro. O Hospital dos pobres em Lyon tem sua fundação em 1129.

Merece destaque, pelo seu tamanho, a Ordem do Espírito Santo, fundada em 1178 por Guy de Montpellier. Ela ocupava-se de hospitais e recolhia crianças abandonadas (no início do século XIII contava com mais de 800 casas).<sup>269</sup> Em Roma, uma das casas dessa instituição tinha 300 leitos para os pacientes ou indigentes; atendia, em média, 1.000 pessoas por dia. “Para as tarefas mais humildes, os religiosos eram assistidos por servos (*servientes*) e por

---

<sup>264</sup> BOIS, J.-P.; PUIJALON, B.; TRINCAZ, J. Modelos Institucionais de Proteção Social. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 541.

<sup>265</sup> BOIS, J.-P.; PUIJALON, B.; TRINCAZ, J. Modelos Institucionais de Proteção Social. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 542.

<sup>266</sup> BOIS, J.-P.; PUIJALON, B.; TRINCAZ, J. Modelos Institucionais de Proteção Social. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 541.

<sup>267</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 285.

<sup>268</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 285.

<sup>269</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 285.

oblatas. Um capelão (*presbyter*) exercia as funções religiosas, rodeado por outros clérigos”.<sup>270</sup> Contando com a proteção do Papa e com o clima propício, sobretudo devido à fundação das ordens mendicantes<sup>271</sup>, que ajudavam a criar uma atmosfera propensa à caridade<sup>272</sup>, a Ordem se expande para muitos países. No final do século XIV conta com mais de 100 filiais. Já em 1204 há um esboço de uma regra que, depois, se estrutura em 105 capítulos, dando conta da complexa organização.

Um *Hôtel-Dieu* é fundado em Paris no início do século XIII<sup>273</sup>. As *Maison-Dieu* ou *Hôtel-Dieu* têm sua fundação sempre ligada “a um bispo, a um mosteiro, a uma Ordem, a um leigo rico, a um príncipe ou a um rei, e mais tarde, a uma comuna, mas sempre se revestiam de um cunho profundamente religioso”.<sup>274</sup>

Cruzados, cônegos regrantes, têm sua fundação em 1210 por Teodoro de Celas, em Liége, com a função de cuidar dos doentes e ajudar os pobres, em regiões devastadas pela heresia.<sup>275</sup> Em 1297 são estabelecidos os Irmãos Hospitalários de Santo Antão, reorganizados depois por Bonifácio VIII.<sup>276</sup>

As paróquias, a partir do século XI matriculavam os seus pobres, para organizar o auxílio.<sup>277</sup> A mesma prática era adotada por muitos mosteiros. Isso revela que o serviço da caridade tinha proporções grandes. “A necessidade de praticar a caridade e oferecer a

---

<sup>270</sup> LAZARD, S. A Vocação das Ordens Hospitalárias. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 620.

<sup>271</sup> Francisco de Assis provocará uma reviravolta na mentalidade da época. Para ele, no leproso houve um encontro com o Senhor. A pobreza será valorizada como uma norma de vida. Os próprios “pobrezinhos de Assis” viverão inicialmente sem moradia certa. Cf. DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 166-168.

<sup>272</sup> Os mendicantes vivem um estilo de vida pobre, vão em direção aos pobres, pregam – numa linguagem acessível e direta - sobre uma vida de desapego e, assim, levam consigo os leigos em direção aos pobres, criando uma atmosfera propensa à caridade. As ordens terceiras – como a Franciscana – são exemplo disso. Cf. PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1288.

<sup>273</sup> BOIS, J.-P.; PUIJALON, B.; TRINCAZ, J. Modelos Institucionais de Proteção Social. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 542.

<sup>274</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 286.

<sup>275</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 285.

<sup>276</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 285.

<sup>277</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 284.

hospitalidade ao pobre e ao viajante se impõe tanto aos leigos como aos ministros do culto e aos monges”.<sup>278</sup>

Além das mencionadas, se proliferam outras ordens menores e especializadas, como para acompanhar os peregrinos de Santiago de Compostela, para cuidar das prostitutas, para acolher crianças. Fato curioso é o das Ordens Redentoras: são criadas para resgatar cristãos que estavam presos por muçulmanos. Essas ordens se ofereciam para pagar o resgate ou até, em alguns casos, ofereciam algum membro da ordem para ficar preso em lugar do prisioneiro.<sup>279</sup> Uma importante ordem redentora é a Ordem de Nossa Senhora das Mercês para a Redenção dos Cativos, popularmente chamada de “Mercedários”, presentes também no Brasil<sup>280</sup>. Sua fundação remonta ao início do século XIII, em Barcelona, na Espanha.

Além dos cuidados da saúde, encontra-se uma variedade de situações que exigem versatilidade dessas instituições: crianças que são abandonadas, mulheres grávidas que são amparadas, órfãos que são assumidos na ausência dos pais e encaminhados, prostitutas que são acolhidas. Há uma preocupação também religiosa: oferecer o sacramento da reconciliação, a comunhão, instrução religiosa. A instituição mandava pessoas às ruas para recolher também os que necessitassem de cuidados.

O *Ospedale Di Santo Spirito* conhece uma grande evolução. A especialização médica era tamanha que há registros da passagem de Leonardo da Vinci por lá para estudar anatomia humana. De 1575 a 1600 é, simultaneamente, um hospital – no sentido atual – e um hospício para crianças. Tem uma ampla biblioteca. Depois do século XV atravessa graves e sucessivas crises espirituais, administrativas e morais: houve um desvio da pobreza e da hospitalidade previstas na regra. São Filipe Neri (1515-1595) e São Camilo de Lélis (1550-1614) atuaram na instituição para tentar recolocá-la no propósito original, mas cada vez mais os frades e as religiosas são afastados. O Papa Pio IX, pelos problemas considerados insolúveis, dissolveu a ordem na Itália em 1847.<sup>281</sup>

---

<sup>278</sup> PÉROL, C. Amar e agir. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1287.

<sup>279</sup> DANIEL-ROPS, H. *A Igreja das Cruzadas e das Catedrais*, p. 289.

<sup>280</sup> “Atualmente os Mercedários estão presentes no Brasil nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Piauí e no Distrito Federal”.

Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem\\_de\\_Nossa\\_Senhora\\_das\\_Merc%C3%AAAs](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_de_Nossa_Senhora_das_Merc%C3%AAAs); acesso em 21 de mar. de 2018. E, ainda: <http://mercedarios.com.br/historico>. Acesso em: 21 de mar. de 2018.

<sup>281</sup> LAZARD, S. A Vocação das Ordens Hospitalárias. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 623.

Sobre a hospitalidade aos doentes mentais, já São Tomás de Aquino (1225-1274) indicava que se deveria acolher os “débeis mentais”, batizá-los e aceitá-los na comunhão eclesial.<sup>282</sup> Os recursos da época eram menores e, muitas vezes, a doença mental era entendida mais como uma possessão maligna. Os “loucos” são tirados do convívio familiar e social. São internados, às vezes junto com outros pacientes, às vezes em locais específicos para eles. É uma hospitalidade difícil a psiquiátrica. Só do século XVIII em diante é que começa a se medicar os doentes mentais. Já que hospitalidade é relação com o outro, “como ter então uma relação de hospitalidade com quem não tem, ou quase não tem, relação com outrem? Essas pessoas, que já não parecem sequer hospitaleiras para consigo mesmas, como ser recebido por elas? Como recebê-las?”<sup>283</sup>

Outro aspecto doloroso da prática da hospitalidade é a acolhida a crianças abandonadas. Abandonar as crianças que não se queria ou não se podia criar é prática muito antiga<sup>284</sup>. O Cristianismo lutou contra essa prática e, ao mesmo tempo, colocou-se como instituição de acolhida para essas crianças. Inicialmente as igrejas contavam com uma concha de mármore onde se deixavam as crianças; o padre ou alguém da comunidade iria procurar adoção para ela. Depois se introduz a famosa “roda”, para garantir o anonimato de quem deixava a criança lá. Essas rodas eram colocadas em hospitais (no sentido amplo), sobretudo onde houvesse a presença de congregações femininas. Muitas crianças eram deixadas lá mortas, possivelmente para a família não ter que registrar um nascimento indesejado. Os números são impressionantes.<sup>285</sup> Fazer com que essas crianças sobrevivessem era um desafio enorme, pois a mortalidade infantil era muito elevada. Instituições diversas foram criadas só para cuidar dessa demanda. Há questionamentos se a roda não acabava por incentivar o abandono de crianças. Também era complexa a situação dessas crianças: para onde encaminhá-las? Como garantir-lhes um futuro? E as que não eram adotadas? Em todo caso,

---

<sup>282</sup> Cf. DURY, J. V. Acolher a Doença Mental. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 557.

<sup>283</sup> DURY, J. V. Acolher a Doença Mental. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 557.

<sup>284</sup> “A exposição permitia na Grécia que alguém se livrasse de um filho natural ou ilegítimo. [...] Depositar um recém-nascido num lugar selvagem entregando-o assim à morte sem matá-lo com as próprias mãos”. COHEN-TANUGI, J. A Tragédia da Roda. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 627.

<sup>285</sup> “Em Florença, o hospital dos *Innocenti*, que abriu suas portas em 1445, tinha recebido, após 14 meses, 260 crianças abandonadas. Em 1460, recebia 900 por ano”. COHEN-TANUGI, J. A Tragédia da Roda. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 628.

“ainda hoje não assistimos ao espetáculo desolador de criancinhas uivando de fome e de frio na cidade, reduzidas a buscar alimento nas latas de lixo?”<sup>286</sup>

Nos é possível ter uma ideia bastante exata dos desenrolar dos dias daqueles irmãos e irmãs da Congregação [dos hospitais do Espírito Santo] que, [...] dia após dia, ao menos durante os primeiros séculos após a fundação, acolheram, alimentara e educaram dezenas de milhares de crianças abandonadas. [...] Vemos bem de que modo a verdadeira hospitalidade não podia se contentar em ser passiva, e como o desejo de acolher as populações em sofrimento já continha em si a necessidade do conhecimento do corpo, da doença e da terapia.<sup>287</sup>

Na história da Igreja o pobre, devido à reflexão teológica sobre a identificação pessoal de Jesus com o doente, o preso, o estrangeiro, o faminto, o sedento e o nu, chegou a ser uma figura sacralizada: nele se encontra o Cristo que interpela a cada um. Contudo, essa compreensão vai mudando. É dever do Estado, cada vez mais, resolver a situação do pobre. Evidentemente isso não se deu repentinamente, mas é um processo que avança. A hospitalidade vai se tornando, cada vez mais, uma internação, onde o pobre deve trabalhar para pagar sua estadia. O que motiva a hospitalidade não é mais a igualdade de todos perante Deus, mas o princípio republicano da igualdade.<sup>288</sup> Para o Renascimento a pobreza é pior dos males, pois atenta contra a dignidade humana. É um obstáculo ao florescimento do indivíduo. O indigente, em última análise, é desprezível porque não soube fazer o seu caminho.

Vivès, amigo de Erasmo<sup>289</sup> e personagem característico da corrente humanista [...] preconiza a interdição da mendicância e o controle da assistência aos pobres pelos magistrados. A ideia de que os vagabundos poderiam ser aprisionados chega a ser aventada. A Reforma contribui também para reforçar a repressão da mendicância e da vagabundagem. Lutero critica a prática da peregrinação e a existência de clérigos mendicantes.<sup>290</sup>

<sup>286</sup> COHEN-TANUGI, J. A Tragédia da Roda. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 642.

<sup>287</sup> LAZARD, S. A Vocação das Ordens Hospitalárias. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 625.

<sup>288</sup> Cf. ROY, M. A Hospitalidade Institucionalizada. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 597.

<sup>289</sup> 1466-1536.

<sup>290</sup> CARRÉ, J. Entre Caridade e Reclusão. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 576.

Essa mentalidade chega também aos membros da Igreja que, levados por ela, começam, em algumas situações, a modificar a prática da hospitalidade gratuita e caritativa. Não pode-se ignorar, ainda, o impacto das teorias contratuais de Locke (1632-1704) e Rousseu (1712-1778): o Estado tem deveres para com os cidadãos.

O Iluminismo, com seu humanismo próprio, passa a ver a pobreza como um mal. A indigência, mais do que socorrida, precisa ser extirpada da sociedade.<sup>291</sup> Inaugura-se uma nova fase na prática da hospitalidade: a estatal.

Em 1791, na França, são vendidos os bens do clero e há forte investida contra as ordens religiosas<sup>292</sup>. Havia, então, 2.815 hospícios e hospitais naquele país.<sup>293</sup> Com a estatização, os nomes das instituições são mudados também.<sup>294</sup> Com a concordata de 1801, que durou até 1905, a Igreja teve que aceitar o confisco dos bens, em troca da possibilidade de restabelecer a liberdade do culto.<sup>295</sup>

O século XIX, com destaque para a França que serve de referência para o movimento que se dá na Europa, é marcado pela reivindicação por parte do Estado de atividades que eram, até então, exercidas predominantemente pela Igreja.

A administração dos cemitérios, a direção de inúmeras obras de caridade, dos asilos de crianças abandonadas aos hospitais, nos quais a caridade manifestada em

---

<sup>291</sup> CARRÉ, J. Entre Caridade e Reclusão. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 575.

<sup>292</sup> “Em 1880 foram expulsos em primeiro lugar os jesuítas, como de costume; pouco depois foram fechados 261 conventos masculinos. [...] No início do século XX, foram dissolvidas quase todas as ordens religiosas e foram expulsos cerca de 20.000 religiosos”. MARTINA, G. *História da Igreja de Lutero aos nossos dias: a era do liberalismo*, p. 102.

<sup>293</sup> BOIS, J.-P.; PUIJALON, B.; TRINCAZ, J. Modelos Institucionais de Proteção Social. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 543.

<sup>294</sup> Coexistem, nesse período, menos na França, mas mais intensamente em outros países, instituições de hospitalidade cristã: São Francisco de Sales fundou a Ordem da Visitação, em 1610; São Vicente de Paulo inspira a fundação das Damas da Caridade e das Filhas da Caridade, sob orientação de Louise de Marillac (falecida em 1660); Severino Fabraïne (falecido em 1849) funda, na Itália, as *Figlie della Provvidenza*, para cuidar dos surdos-mudos; as Pequenas Irmãs dos Pobres se especializam na assistência de idosos. Muitas congregações religiosas vindas da Europa para a América ou aqui fundadas, também se dedicam à obras de caridade e de assistência diretamente ligadas à hospitalidade. Pode-se destacar a presença de diversas congregações religiosas no Rio Grande do Sul e nos outros lugares do Brasil, com grande atuação no ramo de acolhimento. Exemplo disso é a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, cuja fundadora, Bárbara Maix, veio ao Brasil em 1848. Sua morte aconteceu em 1873, com um obra de caridade bastante expressiva. Em Porto Alegre havia, até poucos anos, um grande Leprosário, sob o cuidado das Irmãs Franciscanas da Penitência e da Caridade Cristã, para citar outro exemplo.

<sup>295</sup> Cf. MARTINA, G. *História da Igreja de Lutero aos nossos dias: a era do liberalismo*, p. 20.

nome de Cristo ao próprio irmão foi substituída pela assistência pública realizada pelo Estado em relação aos cidadãos.<sup>296</sup>

O século XX marca a consolidação, bastante geral, da separação entre Igreja e Estado. Curiosamente então, “assistimos o desaparecimento progressivo da noção de direito de asilo no direito canônico católico”.<sup>297</sup> O código de 1983 não menciona mais essa possibilidade, embora permaneça a dimensão da caridade que é própria da Igreja. Os últimos Papas, contudo, retomam seguidamente a problemática dos migrantes, dos refugiados, dos estrangeiros; em suma, a hospitalidade permanece uma necessidade atual.<sup>298</sup>

### 3.2 A hospitalidade: um chamado atual à Igreja

O percurso histórico da prática da hospitalidade considerado nesta dissertação, iniciado em Jesus, passando pelo cristianismo primitivo e percorrendo a história da Igreja, desemboca nos tempos atuais. A hospitalidade não é uma prática do passado, mas um chamado atual para a Igreja.

Deus se revela em Jesus, e acolhendo-o se tem acesso à revelação que Deus faz de si mesmo. Jesus se identifica com o estrangeiro, o necessitado de hospitalidade. Tendo conhecimento da mensagem de Jesus Cristo e aderindo a ela pela fé, o caminho da salvação inclui a acolhida ao outro, que é extensão da encarnação de Cristo. E esse é um movimento que não acaba: a hospitalidade é sempre atual.

Em rápidos apontamentos, que têm o intuito de ser apenas uma abertura da reflexão, se apresentará a seguir a liturgia, a pastoral e o ecumenismo como lugares em que a hospitalidade permanece eminentemente como um chamado à comunidade cristã hoje. O objetivo é abrir o olhar para que se perceba na atualidade o lugar da prática da hospitalidade na vida da comunidade dos seguidores de Jesus.

---

<sup>296</sup> MARTINA, G. *História da Igreja de Lutero aos nossos dias: a era do liberalismo*, p. 73.

<sup>297</sup> GODI, P. A Casa de Misericórdia. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 613.]

<sup>298</sup> “Cada forasteiro que bate à nossa porta é ocasião de encontro com Jesus Cristo, que Se identifica com o forasteiro acolhido ou rejeitado de cada época (cf. *Mt 25, 35.43*). O Senhor confia ao amor materno da Igreja cada ser humano forçado a deixar a sua pátria à procura dum futuro melhor”. FRANCISCO, Mensagem para o 104º dia mundial da paz.

### 3.2.1 A liturgia é hospitaleira

O Concílio Vaticano II tratou, em sua primeira publicação, a liturgia, com a Constituição *Sacrosanctum Concilium*. O texto mostra, já no seu início, que há uma relação muito íntima entre a liturgia, o mistério de Cristo, a Igreja e todas as pessoas, também as que não estão na Igreja, para as quais ela é chamada a ser sinal de unidade em torno de Cristo (cf. *Sacrosanctum Concilium*, n. 2). Há uma conexão entre liturgia e hospitalidade. Na liturgia “somos acolhidos e hospedados, sem permanecer estranhos, somos convidados e sentamos à mesa e partilhamos o que nutre a fé”.<sup>299</sup>

O espaço onde acontece a liturgia cristã é pensado na dinâmica da acolhida, espaço que signifique, expresse e possibilite a comunhão das pessoas com Deus e entre si. “A igreja sempre possui uma dupla finalidade: remete-nos às coisas do alto, à Jerusalém do Céu, e reúne a comunidade dos fiéis ao redor de Cristo, cabeça deste Corpo”.<sup>300</sup> Vários manuais de liturgia apontam para a necessidade da compreensão do espaço litúrgico enquanto lugar de acolhida, para tornar possível a celebração do mistério de Deus que acolhe a todos como seus filhos e filhas. “Temos de perguntar-nos: o espaço de nossa celebração reflete nossa realidade como povo de Deus que acolhe o irmão conhecido tanto quanto o estrangeiro, fazendo-o sentir-se em casa?”<sup>301</sup>

O espaço sagrado fala da presença de Deus que “veio morar entre nós” (cf. *Jo* 1,14). Contudo, Jesus deixa claro que, desde sua vinda, o centro da vida religiosa, o lugar privilegiado do encontro com Deus não é mais o Templo de pedra, em Jerusalém, mas sua humanidade, sua corporeidade. É nele mesmo que se pode encontrar Deus. Por isso, a liturgia cristã cuida para que não se desloque novamente para o templo, agora cristão, o centro da atenção, mas que se acolha o Cristo presente da Palavra, na Eucaristia, nos seus ministros e em toda a assembleia litúrgica.

É Deus que convoca seu povo, e aqueles que respondem a seu chamado são convocados por ele à sua presença. A assembleia litúrgica não é, portanto, autoconvocação do povo dos fiéis, porque, na origem de cada liturgia, está o

<sup>299</sup> BOSELLI, G. *Por uma liturgia mais humana e hospitaleira*.

<sup>300</sup> Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Orientações para projeto e construção de Igrejas e disposição do Espaço Celebrativo*, p. 13.

<sup>301</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *A celebração do mistério pascal: introdução à celebração litúrgica*, p. 233. O mesmo texto, um pouco adiante (p. 238), falando dos princípios que devem reger a arte litúrgica, cita: “a autenticidade ou integridade e a **hospitalidade**”. *Grifo nosso*.

chamado de Deus e a resposta do povo. [...] A tal chamado o povo responde, reunindo-se em assembleia: nisso consiste o primeiro ato litúrgico do povo.<sup>302</sup>

Os ritos litúrgicos, sobretudo a celebração dos sacramentos, iniciam com ritos de acolhida. No batismo, por exemplo, é previsto que se faça o início da celebração na porta da Igreja. Pode-se notar grande correspondência entre os ritos litúrgicos, sobretudo na celebração da Eucaristia, e os ritos de hospitalidade, como saudação, convite a sentar-se, refeição, despedida. Ao entrar na liturgia o fiel aceita não ser o dono, mas convidado, não o autor, mas intérprete, não dispor do rito, mas dispor-se ao rito.<sup>303</sup> Na celebração litúrgica, quem dela participa torna-se hóspede do sagrado, é acolhido e envolvido na dinâmica celebrativa. Goffredo Boselli, ao sugerir que as celebrações litúrgicas sejam mais hospitaleiras, pede que elas sejam mais conformes sua essência, sua identidade. Partindo da relação entre a liturgia eucarística e o episódio de Jesus e os discípulos de Emaús (cf. *Lc* 24,13-35), ele mostra a reciprocidade entre hospitalidade e liturgia.

A hospitalidade é uma atitude do ser de Jesus de Nazaré, uma postura, seu modo de estar no mundo e de entrar em relação. A sua é uma “santidade hospitaleira”,<sup>304</sup> [...] que se retira para criar em torno de si um espaço de liberdade, de reconhecimento, comunicando, com sua simples presença, uma proximidade benevolente com aquele que o encontra. [...] A inteira existência de Jesus foi uma liturgia hospitaleira, e também as nossas liturgias são chamadas a sê-lo, hoje, mais do que nunca. Uma liturgia hospitaleira não é uma moda ou estratagem pastoral, mas é a postura mesma de Cristo, que também ressuscitado se faz caminho, presença, proximidade benévola, escuta, palavra, pão repartido.<sup>305</sup>

Bento XVI escreveu uma exortação apostólica sobre a Eucaristia. Para este estudo é interessante notar que ele relaciona a Eucaristia, banquete do Corpo e Sangue de Cristo, com o banquete final, antecipado em cada celebração. A grande celebração litúrgica cristã é um rito de hospitalidade, onde Deus chama a humanidade à mesa. E essa mesa é antecipação de outra mesa, a mesa da eternidade, onde novamente está presente a imagem do banquete (cf. *Sacramentum Caritatis*, n. 31). Quando for abordada a temática da hospitalidade eucarística, se verá que a liturgia como lugar de acolhida possui suas especificidades: não é uma acolhida

---

<sup>302</sup> BOSELLI, G. *O Sentido Espiritual da Liturgia*, p. 100.

<sup>303</sup> Cf. BOSELLI, G. *Por uma liturgia mais humana e hospitaleira*.

<sup>304</sup> Termo formulado por Christoph Theobald, em *Il Cristianesimo como stile: un modo de fare teologia nella postmodernità*, 2009.

<sup>305</sup> Cf. BOSELLI, G. *Por uma liturgia mais humana e hospitaleira*.

irrestrita, porque supõe a iniciação cristã e pertença à comunidade de fé, adesão à comunhão com a Igreja.

Ao fazer uma relação da comunhão eucarística com a acolhida que Zaqueu ofereceu a Jesus em sua casa, dispondo-se a mudar de vida por causa do seu encontro com Cristo (*Lc* 19,1-10), Bento XVI fala da “tensão moral que nasce do ato de hospedar Jesus na nossa vida [que] brota da gratidão por se ter experimentado a imerecida proximidade do Senhor” (*Sacramentum Caritatis*, n. 82). Acolher o Cristo, hospedá-lo pela Eucaristia, terá como consequência – ou ao menos como convite – a acolhida ao outro. Já que Deus se aproxima da humanidade de maneira imerecida, também a humanidade deve viver uma fraternidade “imerecida” para com todos.

Ainda na referida Exortação apostólica, aparece a relação entre a participação na Eucaristia e a responsabilidade com os sofrimentos humanos, com destaque aos deslocados e refugiados: “é impossível calar diante das imagens impressionantes dos grandes campos de deslocados ou refugiados amontoados em condições precárias para escapar de sorte pior, mas carecidos de tudo. Porventura esses seres humanos não são nossos irmãos e irmãs?” (*Sacramentum Caritatis*, n. 132). E segue, no texto papal, a explicitação das consequências concretas da participação na Eucaristia.

Uma liturgia vivida em chave de hospitalidade é uma liturgia vivida com a atitude de Cristo que proclama: “Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso” (*Mt* 11,28). Isso porque a “hospitalidade é acolhimento, restauro, repouso, parada, reconhecimento”.<sup>306</sup>

### **3.2.2 A pastoral é hospitaleira: o doente, o pobre, o estrangeiro, o refugiado**

A pastoral tem como referência o Cristo, que se apresentou como o Bom Pastor (cf. *Jo* 10,11). Ele veio para que “todos tenham vida, e a tenham plenamente” (*Jo* 10,10). Aparece aí a articulação entre pastoral e hospitalidade:

Jesus, o Bom Pastor, quer comunicar-nos a sua vida e colocar-se a serviço da vida. Vemos como ele se aproxima do cego no caminho (cf. *Mt* 10,46-52), quando dignifica a samaritana (cf. *Jo* 4,7-26), quando cura os enfermos [...]. Em seu Reino de Vida, Jesus inclui a todos: come e bebe com os pecadores (cf. *Mc* 2,16), sem se importar que o tratem como comilão e bêbado (cf. *Mt* 11,19). (Documento de Aparecida, n. 53-54).

<sup>306</sup> BOSELLI, G. *Por uma liturgia mais humana e hospitaleira*.

Ancorados na prática de Jesus, os documentos do Magistério da Igreja são insistentes na dimensão de acolhida que deve permear toda a prática pastoral. O Concílio Vaticano II, na constituição *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje, inicia falando da unidade íntima que há entre a Igreja e a família humana, com singular proximidade aos pobres e aos que mais sofrem. Identifica neles um chamado à acolhida, à atenção, à fraternidade.

O Documento de Aparecida, texto conclusivo da V conferência dos bispos da América Latina e do Caribe, afirmou que “todo o processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica libertação” (Documento de Aparecida, n. 399). Um pouco adiante, os bispos apontam alguns “rostos sofredores”, indicando pessoas em situações que devem suscitar uma ação pastoral própria dos cristãos. Fala-se aí dos migrantes, dos deslocados e refugiados, além de outras pessoas em situação de vulnerabilidade. E sugere que se estabeleçam “estruturas nacionais e diocesanas apropriadas, que facilitem o encontro do estrangeiro com a Igreja particular de acolhida” (Documento de Aparecida, n. 412).

A acolhida é apontada como caminho necessário. Se há exclusão, é preciso que se acolha. A hospitalidade inclui algum risco, pois sua própria etimologia a aproxima da hostilidade. Não é uma visão ingênua a da pastoral como acolhida, mas, sim, uma chamada desafiadora aos cristãos<sup>307</sup>.

No texto programático de seu pontificado – *Evangelii Gaudium* –, o Papa Francisco, em 2013, trata do anúncio do Evangelho no mundo atual. Chama a atenção como ele cita o texto de *Mt 25,31-46*: “A Palavra de Deus ensina que, no irmão, está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós” (*Evangelii Gaudium*, n. 179).

Francisco trata da prioridade absoluta que tem a saída de si próprio para o irmão, como tônica do Evangelho: “Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. [...] Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais” (*Evangelii Gaudium*, n. 180).

A relação com o necessitado não é apenas uma tarefa assistencial, algo que se dá para o outro. É, no sentido pleno da palavra, uma relação: “somo chamados [...] a ser seus amigos,

---

<sup>307</sup> Encontramos Cristo “de modo especial nos pobres, aflitos e enfermos (cf. *Mt 25,37-40*), que exigem nosso compromisso e nos dão testemunho de fé, paciência no sofrimento e constante luta para continuar vivendo. Quantas vezes os pobres e os que sofrem nos evangelizam realmente! No reconhecimento dessa presença e proximidade e na defesa dos direitos dos excluídos encontra-se a fidelidade da Igreja a Jesus Cristo. O encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo. Da contemplação do rosto sofredor de Cristo neles e do encontro com Ele nos aflitos e marginalizados, cuja imensa dignidade Ele mesmo nos revela, surge nossa opção por eles. A mesma união a Jesus Cristo é a que nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino” (Documento de Aparecida, n. 257).

a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles" (*Evangelii Gaudium*, n. 198). Francisco retoma o que falou João Paulo II, fazendo uma referência ao aspecto hospitaleiro da comunidade cristã: “Devemos procurar que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como ‘em sua casa’. Não seria esse estilo a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino?” (*Novo Millennio Ineunte*, n. 50).

Hospitalidade e caridade se aproximam muito. A pobreza tem formas que pedem diretamente a resposta através da hospitalidade, como é o caso dos sem abrigo, dos refugiados, dos migrantes. E Francisco cita essas todas e ainda outras como novas formas de pobreza.

Francisco se denomina “Pastor de uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos” (*Evangelii Gaudium*, n. 210). E incentiva os países a que não temam acolher os povos que pedem asilo, que não se deixem levar pelo medo de perder a sua identidade local, mas se abram a novas sínteses culturais. É uma questão que atrai a atenção e a preocupação de todos hoje: o elevado número de refugiados pelo mundo.

O fenômeno das migrações forçadas é algo que adquiriu dimensões nunca antes vistas. Além disso, há a problemática da postura dos Estados diante da acolhida a quem chega, que não é sem problemas para os países envolvidos nessa questão. A hospitalidade, desde uma perspectiva cristã, é uma solução possível e necessária para o drama dos refugiados.

“Desde a Bíblia, as noções de exílio e de hospitalidade estão estreitamente imbricadas uma na outra”.<sup>308</sup> O povo de Deus foi exilado. Daí vem o imperativo para que não esqueça de sua história e se disponha a acolher os estrangeiros (cf. *Dt* 10,19). Contudo, o contexto social mudou muito e a hospitalidade não é uma prática marcante desses tempos. Além disso, não convém esquecer os riscos e dificuldades que ela comporta:

Na verdade, ela é um grande risco, é uma prova da qual se pode sair mal, e precisamos tratar do medo à hospitalidade, da hospitalidade parcial e seletiva. Será necessário levar em conta também a fragilização e até a perda do *ethos* hospitaleiro no Ocidente marcado pelo individualismo, pelo utilitarismo e pelo economicismo.<sup>309</sup>

---

<sup>308</sup> MONTANDON, A. *O livro da hospitalidade*, p. 996.

<sup>309</sup> SUSIN, L. C. *Deus hóspede*, p. 9.

Antes de tudo é preciso olhar para quem é o refugiado. Ele é o “não protegido pelo Estado onde vive; o refugiado é a vítima impotente de convulsões sociais e políticas; enfim, o refugiado teme a perseguição em seu próprio país e deseja viver livre em outro”.<sup>310</sup> O refugiado não tem opção: ele é refugiado por uma necessidade premente de sobrevivência. Essa característica deve ser levada em conta, pois mostra a necessidade de uma atitude que possa preservar a vida e a dignidade deste que chega.

### 3.2.3 O ecumenismo, experiência de hospitalidade

Ecumenismo<sup>311</sup> é um termo com muitos significados possíveis. Aqui será utilizado sobretudo tendo em vista a relação entre as Igrejas cristãs, sem excluir sua ligação próxima com o diálogo inter-religioso. A hospitalidade existe em função da acolhida ao outro. E o outro é sempre diferente, tem uma identidade própria. Ao pensar em hospitalidade no âmbito do ecumenismo, tem-se uma realidade complexa, pois além de indivíduos estão imbricadas identidades e pertencas a instituições religiosas.

No diálogo ecumênico a hospitalidade tem um papel ambíguo: “hospitalidade ecumênica” é um slogan eficaz para significar o desejo de acolher o outro cristão na sua identidade confessional e eclesial, sem assimilá-lo, mas ao mesmo tempo ela é ainda uma prática que encontra limites e obstáculos, basta pensar a hospitalidade eucarística; por outro lado, se a hospitalidade é para o estrangeiro, então na comunidade, na Igreja de Cristo, na qual fomos incorporados pelo batismo, não há espaço para a hospitalidade, pois cada cristão já está na sua própria casa. Claro que ainda resta a hospitalidade radical, aquela que Deus oferece na igreja, na qual todos somos hóspedes.<sup>312</sup>

Paulo afirmou, escrevendo à comunidade de Éfeso, que “já não sois estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e moradores da casa de Deus; edificados sobre o alicerce dos apóstolos e dos profetas, tendo como pedra angular o próprio Cristo Jesus” (*Ef* 2,19-20). E, ainda, aos Gálatas escreve o apóstolo: “Vós todos que fostes batizados em Cristo

<sup>310</sup> GAILLE-NIKODIMOV, M. *Direito de cidadania*. In: MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 1030.

<sup>311</sup> “Ao longo da história do cristianismo, o termo ecumenismo foi considerado como expressão de comunhão na fé pela adesão às doutrinas definidas nos ‘Concílios ecumênicos’. Com a divisão dos cristãos, sobretudo a partir do século XVI, o ecumenismo vai ganhando o sentido de esforço para restabelecer a unidade rompida, reintegração na unidade. É nesse sentido que, a partir do século XIX, surgem iniciativas de diálogo entre comunidades cristãs separadas, dando origem ao atual ‘movimento ecumênico’”. PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 324.

<sup>312</sup> SGROI, P.. *Um símbolo radical da condição humana*. Entrevista concedida à IHU On-Line, p. 51.

vos revestistes de Cristo. Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus” (*Gl 3,27-28*). Mesmo considerando que ele não estava discutindo ecumenismo entre as Igrejas, é possível perceber um fundamento de unidade na fé cristã colocado de maneira clara já nos inícios da Igreja<sup>313</sup>.

Contudo, a história dá a conhecer inúmeras divisões entre os que creem. Cada Igreja Cristã tem uma compreensão própria – aí aparece o elemento importante da identidade – que influi na maneira de compreender também as relações ecumênicas.

O Concílio Vaticano II deu grande destaque ao ecumenismo, que pode ser percebido como um elemento que “perpassa a teologia, a espiritualidade, a eclesiologia, a missiologia do Concílio”.<sup>314</sup> Do marco conciliar em diante, muitos são os pronunciamentos e iniciativas concretas pelo ecumenismo. Uma “hostilidade ecumênica” também se faz perceber em setores Igreja Católica e em outras igrejas.

Uma expressão muito presente nos diálogos e práticas ecumênicas é a hospitalidade eucarística. Ela significa “a possibilidade de participar nas ceias celebradas por outra confissão. Não é a concelebração e a participação constante. Acontece onde cada Igreja ministra o sacramento a seu modo, admitindo, em situações especiais, membros de outra Igreja”.<sup>315</sup>

Para a Igreja Católica essa possibilidade enfrenta dificuldades por causa da compreensão do que é a Eucaristia, sinal maior de comunhão eclesial, de pertença total à Igreja. Pela comunhão numa Igreja se está aderindo a ela; à comunhão eucarística corresponde a comunhão eclesial, o que não acontece numa possível celebração com a prática da hospitalidade eucarística, porque cada um permanece vinculado à sua Igreja.<sup>316</sup>

Claudio Monge afirma a importância de cultivar a identidade própria para ser possível o diálogo com o diferente. “Saber quem somos e de onde viemos são condições essenciais da hospitalidade. Mas não são suficientes: é preciso aprender a ‘conhecer’ ou outro, para dialogar e, num segundo momento, a ‘reconhecê-lo’”.<sup>317</sup> Muitos passos já foram dados nesse sentido, com o reconhecimento das identidades eclesiais das diferentes comunidades cristãs pela Igreja

---

<sup>313</sup> Pode-se citar a oração de Jesus, em *Jo 17,21*.

<sup>314</sup> PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 328.

<sup>315</sup> SEMINÁRIO BILATERAL MISTO CATÓLICO ROMANO – EVANGÉLICO LUTERANO. *Hospitalidade eucarística*, p. 9.

<sup>316</sup> Cf. KASPER, W. *Caminos hacia la unidad de los cristianos: escritos de ecumenismo I*, p. 304-316.

<sup>317</sup> MONGE, C. *Hóspede, aquele que acolhe e é acolhido*, p. 54.

Católica. Contudo, algumas posturas são consideradas, sobretudo no âmbito ecumênico, um retrocesso e fechamento à abertura ecumênica.<sup>318</sup>

O caminho da unidade, conforme explícita vontade de Jesus Cristo (cf. *Jo* 17,21), permanece aberto e desafiador. Importante notar que a dinâmica da hospitalidade, em relação ao outro, não é “mediante o caminho da sua anexação, mas no deixar-se hospedar por ele”.<sup>319</sup> Walter Kasper afirma que “de fato, a comunhão ao redor da única mesa do Senhor, ou seja, a comunhão eucarística é a meta e, por fim, o desafio do ecumenismo”.<sup>320</sup> Nos rituais de hospitalidade a refeição conjunta é muito importante, é estabelecimento profundo de relação. Isso revela o quanto para o ecumenismo o desejo da comunhão numa única mesa é significativo e desafiador.

Aqui tratou-se do caminho a percorrer no ecumenismo como atitude de hospitalidade. Não se pode deixar de mencionar o campo cada vez mais vasto do diálogo inter-religioso que se abre à frente da Igreja. Este é mais um aspecto em que se pode, na pastoral, perceber a hospitalidade como uma possibilidade de aproximação e do cristianismo com as outras religiões.

---

<sup>318</sup> Um dos pontos polêmicos, depois do Concílio Vaticano II, que deu grande fôlego ao Ecumenismo e o diálogo Inter-religioso, foi a Declaração *Dominus Iesus*, da Congregação para a Doutrina da Fé, de 06 de agosto de 2000. “A *Dominus Iesus* poderia e deveria ter sido formulada de uma maneira ecumenicamente mais sensível e cordial. Mas, pelo que ao conteúdo se refere, nenhuma formulação, nem sequer a mais sensível, pode mudar o fato de que os cristãos protestantes, sobre a base de sua confissão de fé, entendem seu ser Igreja de forma distinta dos católicos”. KASPER, W. *Caminos hacia la unidad de los cristianos: escritos de ecumenismo I*, p. 29. (tradução nossa).

<sup>319</sup> TEIXEIRA, F. *O Sagrado dever da Hospitalidade*, p. 58.

<sup>320</sup> KASPER, W. *Caminos hacia la unidad de los cristianos: escritos de ecumenismo I*, p. 441.

## CONCLUSÃO

Uma contribuição importante para a conclusão deste estudo pode ser buscada no pensamento de Jacques Derrida,<sup>321</sup> filósofo que entende a hospitalidade como algo incondicional.<sup>322</sup> Se há alguém que demande hospitalidade, é dever de quem é interpelado oferecê-la. A visão que apresenta esse filósofo é instigante e, ao mesmo tempo, desafiadora. A. Montandon, na sua monumental obra *O livro da hospitalidade*, deixa claro que, renunciando ao caráter incondicional da hospitalidade, desfigura-se o seu significado. “A hospitalidade condicional é negação da hospitalidade, negação de sua indivisibilidade, de sua fraternidade”.<sup>323</sup> A própria relação com o território, tendo em conta o drama dos refugiados, pode ser pensada sob a ótica da hospitalidade, pois todos são hóspedes na terra. Cada um é acolhido, “portanto fadado a levar em consideração o gesto da hospitalidade, a me apropriar da acolhida, reinstaurá-la, retomá-la, atualizá-la. Não se trata de piedade pelo hóspede, [...] mas do respeito que tenho por mim na medida em que carrego e sustento o estrangeiro em mim”.<sup>324</sup> Essas duas referências, que não são de teólogos, mas de pensadores atuais ocupados com a temática da hospitalidade, ajudam a perceber a importância da temática para os tempos hodiernos.

Nos ritos de hospitalidade da antiguidade, é muito evidenciado o aspecto ritual de cruzar a soleira da porta. A soleira divide dois ambientes, o externo e o interno, o de fora e o de dentro, o espaço do estrangeiro e o do dono da casa. Fazendo uma analogia com o ambiente cristão e a soleira da porta de uma casa, pode-se dizer que “o Filho do Homem designa a si mesmo como a soleira entre o mundo prisioneiro do pecado e a casa do Pai”.<sup>325</sup> A soleira é decisiva para se estabelecer uma relação de hospitalidade ou de hostilidade, de acolhida ou de rejeição. Ao tomar contato com o texto de São João, lê-se a afirmação de

---

<sup>321</sup> “Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger”. IHU On-line. Hospitalidade: desafio e paradoxo: por uma cidadania ativa e universal, p. 35.

<sup>322</sup> CAMARGO, L. O. de L. O estudo da hospitalidade. In: MONTANDON, A. *O livro da hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 16.

<sup>323</sup> MONTANDON, A. *O livro da hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 35.

<sup>324</sup> MONTANDON, A. *O livro da hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, p. 35.

<sup>325</sup> POTTIER-THOBY, A.-C. Da traição à redenção. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas, p. 124.

Jesus: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. [...] Vou preparar um lugar para vós. E depois que eu tiver ido e preparado um lugar para vós, voltarei e vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver, vós estejais também” (*Jo* 14,2-3). É uma fala escatológica de Jesus, preparando os discípulos para a sua morte, mas serve bem para ilustrar o aspecto cristológico da hospitalidade cristã, que supõe acolhida a Cristo e acolhida ao próximo para receber a acolhida de Deus, a salvação. Ao acolher o estrangeiro, o que estava nu, doente, preso, sedento ou faminto, os justos da parábola de Jesus não sabiam que estavam acolhendo ao próprio Cristo (cf. *Mt* 25,37-40). Aos cristãos de hoje o chamado à hospitalidade se apresenta mais comprometedor. Isso porque já se conhece essa parábola em que Jesus explicita sua identificação com os necessitados.

Os evangelhos sinóticos permitiram inferir a concretude da hospitalidade como experiência humana vivida por Cristo. Ele, hóspede na casa de Pedro, é salvação para a sogra do apóstolo (*Mc* 1,29-34). Na casa de Levi (*Lc* 5,27-32), Jesus se deixa acolher pelo pecador, mas na verdade é ele quem acolhe Levi, convida-o ao seu seguimento. A hospitalidade revela-se salvadora, inclusiva: transforma um pecador em discípulo. Rompe-se a barreira com relação a um pecador, pois na proximidade é que Jesus oportuniza a conversão. No discurso escatológico de *Mt* 25,31-46, onde está situado o versículo que inspira o título desta dissertação, está a identificação que Cristo faz de si com todos os que necessitam de acolhida: “eu era estrangeiro e me acolhestes em casa”. Hospitalidade é relação. E há uma relação entre hospitalidade e salvação. A salvação pode ser compreendida como aquela acolhida eterna do ser humano por Deus. Ela é dom e graça de Deus. Uma vez tocado por este amor acolhedor de Deus, o ser humano é convidado a entrar na dinâmica da acolhida ao próximo. As palavras do evangelho, na parábola aqui referida, alertam para o perigo de, fechando-se à dimensão da acolhida, o ser humano se excluir da oferta da salvação divina.

O evangelista João ajuda a perceber que, antes da prática terrena de Jesus, que ensina a hospitalidade como caminho de salvação, o Filho de Deus escolhe revelar-se em um paradigma de hospitalidade. O prólogo (*Jo* 1,1-18) busca as raízes da encarnação e afirma que o Verbo eterno de Deus quis “armar sua tenda”, “estabelecer morada”, “vir morar entre nós”. A encarnação se dá num contexto de hospitalidade, de acolhida. Maria, José, os pastores em Belém são as pessoas que primeiro dão acolhida a Jesus, o hospedam. Mas a encarnação não é simples acolhida de mais uma pessoa, ela é acolhida de uma grande, nova e definitiva revelação: Jesus vem para revelar o Pai: “Ninguém jamais viu a Deus; o Filho único, que é Deus e está na intimidade do Pai, foi quem o deu a conhecer” (*Jo* 1,18). Nem todos acolhem a revelação em Jesus: “Veio para o que era seu, mas os seus não a acolheram. A quantos, porém

a acolheram, deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus: são os que creem no seu nome” (*Jo* 1,11-12). O chamado é para conhecer e acolher: acolher o Cristo que vem. Ele está presente também no próximo que, por sua necessidade, chama à hospitalidade. Isso faz com que aquele que crê passe a pertencer a Deus, vivendo já no presente a salvação que será plena na eternidade. Assim, o primeiro capítulo deste estudo permitiu fundamentar que é na perspectiva da hospitalidade que se dá a experiência da salvação e também a acolhida da revelação cristã. O texto é construído desde a perspectiva cristã, o que supõe o diálogo com pessoas que conhecem e aderem ao evangelho. Por isso, ao apresentar a relação que há entre a revelação de Cristo e a oferta da salvação como acolhida na em Deus, se pretendeu mostrar que a hospitalidade é um caminho para os cristãos concretizarem os ensinamentos de Jesus.

Quando acontece a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus, muda o contexto da atuação dos apóstolos e dos demais discípulos e discipulas de Jesus. Eles se entregam, conforme mandato recebido<sup>326</sup>, à missão, ao anúncio do Evangelho. A hospitalidade, como se viu nos relatos do Novo Testamento analisados, está relacionada à evangelização, à pregação da Palavra. Os preceitos judaicos de pureza e impureza<sup>327</sup> encontrarão na hospitalidade, ancorada no modo que Jesus viveu, uma via de superação: Pedro se faz hóspede de pagãos e os acolhe na fé cristã (*At* 10,1-11,18). A acolhida da mensagem de Cristo engloba a acolhida ao seu mensageiro. Para receber na fé cristã a alguém é importante dispor-se a sentar à mesa com ele, mesmo que tenha vindo do paganismo.

Paulo, o grande evangelizador, fundador de comunidades diversas espalhadas em muitas cidades, fundamenta a relação de unidade entre as comunidades, baseando-se num sentido espiritual-teológico e exortando à concretização dessa unidade por meio de uma partilha dos bens materiais: a coleta para a comunidade de Jerusalém (*1Cor* 16,1-4, *2Cor* 8-9; *Rm* 15,26-33; *Gl* 2,10). Mostrou-se aí que hospitalidade é também partilhar com quem tem menos e passa por necessidades, mesmo que esteja longe. Paulo mostra, ainda, como a encarnação de Cristo é hospitalidade: Cristo se esvazia de sua divindade para, assumindo a condição humana, levar a humanidade a Deus (*Fl* 2,5-11).

A Carta aos Hebreus, especificamente em 13,2, pede que não se descuide da hospitalidade. Tem-se aí uma ampliação com relação aos Atos dos Apóstolos, pois a hospitalidade não aparece apenas como acolhida aos pregadores e missionários, mas como

<sup>326</sup> *Mt* 28,16-20; *Mc* 16,15-16; *Lc* 24,45-53; *Jo* 20,21-23.

<sup>327</sup> “Nas refeições de Jesus se nos revela algo mais sobre Deus. *Jesus não se submeteu às normas religiosas relacionadas à comida e à alimentação. Normas sobre o jejum* (*Mc* 2,18-22), sobre as *purificações rituais* antes das refeições (*Mc* 7,1-7), sobre *alimentos puros e impuros* (*Mc* 7,17-23). A nada disso Jesus sujeitou-se”. CASTILLO, J. *Jesus, a humanização de Deus: ensaio de Cristologia*, p. 335.

acolhida àqueles que precisam. Pedro, em sua Primeira Carta (4,9) exorta à hospitalidade. São tempos difíceis para as famílias cristãs, dispersas pelo mundo, como o conjunto da Carta dá a entender. E Pedro exorta à hospitalidade sem murmurações, pois os cristãos já foram acolhidos, hospedados por Deus em uma vida nova. O Apocalipse de São João, na carta à igreja de Laodiceia, relata o Senhor que fala à comunidade: “Eis que estou à porta e bato” (*Ap* 3,20). A salvação e a felicidade da comunidade dependem de ela sair de sua autossuficiência e abrir-se a quem necessita. A hospitalidade é apontada com um remédio para o egoísmo e o fechamento da comunidade.

O terceiro capítulo fez o percurso longo de quase 20 séculos, dando como que um sobrevoos para enxergar como a hospitalidade se concretizou na experiência histórica da Igreja. A caridade, resumo dos mandamentos de Cristo (*Jo* 13,34-35; *Mt* 22,34-40; *Mc* 12,28-31; *Lc* 10,25-28), tem uma das privilegiadas formas de concretização na hospitalidade. Inicialmente a hospitalidade cristã se organiza em torno do bispo, como um dever que lhe pertence (*1Tm* 3,2). A partir do século IV a comunidade cristã se expande e são necessárias estruturas maiores para dar conta da hospitalidade aos peregrinos, estrangeiros, pobres, doentes. Uma das obras de misericórdia corporais que a Igreja propõe à prática dos fiéis é a acolhida aos peregrinos. Os Padres da Igreja têm sermões e escritos sobre a hospitalidade, exortando a praticá-la. A acolhida ao outro aparece aí como um critério para a salvação, pois se reforça a imagem de que no irmão necessitado está o Cristo. Os mosteiros desempenharão papel importante, pois como os monges são aqueles optaram livremente pela pobreza, a eles o chamado a não desprezar os que são pobres involuntariamente soa com mais veemência. E nos mosteiros procura-se ter a clara compreensão da motivação cristológica da hospitalidade: no hóspede que chega é o Cristo que vem. Por isso, a Regra de São Bento prevê uma acolhida ritual, com prostração e lava-pés do hóspede por parte do abade. Com o passar dos tempos e aumento do número de pessoas que pedem hospedagem, tem-se, em períodos de carestia, uma dificuldade financeira nos mosteiros, que chegam, segundo relatos, a empregar boa parte de suas receitas e até a vender bens para dar conta de acolher os necessitados.

As instituições de hospitalidade florescem a partir do século IX, dando apoio à missão hospitaleira dos monastérios. O número de instituições impressiona: são muitas! A hospitalidade vai se especializando: para doentes, para crianças abandonadas, para prostitutas, para doentes mentais. Para que isso aconteça e que haja donativos para sustentar toda essa obra, além de pessoas que dediquem sua vida nessa missão – religiosos e/ou leigos – é preciso que haja uma teologia e uma espiritualidade que deem sustentação às motivações para tal. O pobre é figura de Cristo, nele se encontra o Senhor que interpela a cada um: “eu era

estrangeiro e me acolhestes em casa” (*Mt 25,35c*). O ambiente cristão, marcado pelo movimento mendicante, com destaque a São Francisco de Assis, é motivador à hospitalidade e a toda forma de caridade.

Com o Renascimento, o Iluminismo e a Revolução Francesa há uma grande mudança de paradigma. A pobreza humana é um mal, é um resultado de um desenvolvimento humano fracassado. A hospitalidade é muito mais vista como uma internação, e agora passa a ser prioritariamente tarefa estatal. Fora da Europa, como na América Latina, onde a estrutura estatal é mais incipiente nesse período, as instituições religiosas dedicadas à hospitalidade perduram mais tempo. Mas a hospitalidade, além dos espaços institucionais religiosos e estatais, encontrou sempre lugar na vida concreta dos indivíduos e das famílias cristãs, embora não se tenha documentação detalhada sobre essa prática.

O trabalho feito para a redação desse terceiro capítulo deparou-se com dois limites: o primeiro deles é a vastidão do período, pois são praticamente 20 séculos de história. Isso fez com que apenas fosse possível selecionar alguns elementos para mostrar como a hospitalidade permanece presente na história e se desenvolve. Quando iniciou-se a pesquisa se sabia desse limite, e não era objetivo do trabalho fazer um resgate histórico minucioso e completo. Outro limite foi a bibliografia, menos abundante do que a amplitude da pesquisa necessitava. No entanto, este não é um estudo conclusivo, mas uma contribuição à pesquisa de uma temática que poderá ser continuada e aprofundada.

A hospitalidade não é algo do passado, mas permanece como um chamado atual à Igreja, é o que se aponta na segunda parte do capítulo terceiro. A liturgia é composta de ritos que correspondem, em grande parte, aos ritos da hospitalidade. A Eucaristia, um dos sacramentos que mais identifica e mobiliza as comunidades, é uma refeição, é hospitalidade divina que acolhe os filhos e as filhas ao redor de sua mesa e os alimenta. O espaço da celebração é de acolhida e aponta para a eternidade, para o banquete escatológico, quando definitiva e plenamente a humanidade poderá ser acolhida na casa do Pai.

Toda a pastoral da Igreja é chamada a ser hospitaleira. A exemplo de Cristo, o Bom Pastor, que acolhia para dar vida plena a todos (cf. *Jo 10,10*), a Igreja tem vocação a ser presença sacramental dele no mundo de hoje, especialmente para os que sofrem: doentes, pobres, estrangeiros, refugiados e tantos outros. O Papa Francisco fala de uma Igreja não assistencialista, mas relacional, acolhedora. A hospitalidade deve encontrar lugar na prática pastoral das comunidades de fé, como resposta à realidade de tantos refugiados e outras pessoas que necessitam de acolhida. É possível repensar toda a dinâmica pastoral em

perspectiva de hospitalidade. J. T. Mendonça afirma que “o conhecimento decisivo provém da escuta, e esta é a forma de hospitalidade de que mais precisamos”.<sup>328</sup>

O ecumenismo é apontado como uma experiência possível e necessária de hospitalidade, como caminho para convivência pacífica e para relações de colaboração entre as igrejas e religiões. O desejo de Deus é a unidade, não a divisão. Na Igreja Católica o Concílio Vaticano II é um marco positivo nas relações ecumênicas como acolhida recíproca. O reconhecimento da identidade do outro é um passo importante que vem sendo dado no diálogo ecumênico que, como é próprio da dinâmica hospitaleira, inicia por reconhecer no diferente não uma ameaça, mas um convite ao diálogo e à acolhida.

A liturgia, a pastoral e o ecumenismo foram apontados como caminhos atuais e possíveis para serem pensados com relação à hospitalidade na Igreja. É importante lembrar que eles também têm seus limites, suas dificuldades de serem vividos como exercícios de hospitalidade. Também aí há a possibilidade de se encontrar posições mais hostis do que hospitaleiras. O intuito de situar esses três temas no final do terceiro capítulo é para que eles sirvam como uma abertura, um sinal de que o caminho percorrido não está esgotado ou concluído, mas que a hospitalidade é um chamado e uma possibilidade de atuação para a Igreja hoje.

Num mundo em que a xenofobia cresce, a hospitalidade apresenta-se como um chamado teológico aos países que recebem – ou não – os refugiados. Não é possível que se viva tranquilo e em paz fechando as fronteiras às pessoas que vêm sobretudo para fugir da morte, da guerra, da pobreza extrema. É evidente que a acolhida de tantas pessoas causa um impacto nas nações que as recebem, mas como dizer que um determinado pedaço do planeta terra – onde todos são hóspedes – é só “nosso” e não permitir que ninguém mais entre? A fé cristã pode dizer algo sobre essa realidade. E, a partir da fé, é possível uma atitude diferente diante do estrangeiro, não de hostilidade, mas de acolhida. Esse é o grande desafio: partir da reflexão para chegar a atitudes de hospitalidade.

A hospitalidade cruzou os séculos e continua presente na vivência cristã. O contexto cultural, social e religioso mudou muito. Mas o ser humano continua necessitado de acolhida, tanto no sentido de ser acolhido como de dar acolhida a outrem. Conhecer Deus e seu mistério salvador revelado em Jesus Cristo chama o ser humano a viver mais capaz de relação, de acolhida, de hospitalidade. Num contexto bastante impessoal, marcado pelas relações virtuais, por um lado, e pelo medo que se tem das pessoas que podem ser potenciais ameaças à

---

<sup>328</sup> MENDONÇA, J. T. *A mística do instante: o tempo e a promessa*, p. 108.

segurança, por outro, a hospitalidade permanece como um chamado aos seguidores de Jesus para a fraternidade. A experiência de fé pede abertura, acolhida, confiança, relação. O ser humano não produz sua salvação, mas se deixar acolher por Deus, por pura graça e bondade. E a acolhida que se recebe de Deus deve levar as pessoas à acolhida recíproca, como consequência de quem entrou na dinâmica do seguimento de Jesus. No final da existência, que todos possam ouvir de Cristo que “eu era estrangeiro e me acolhestes em casa”; por isso, “venham, benditos de meu Pai! Recebam em herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo!” (*Mt 25,34*).

## REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Rafael. *La mesa compartida: Estudios del NT desde las ciencias sociales*. Bilbao: Sal Terrae, 1994 (Presencia Teológica).
- ALDAZÁBAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1972.
- ANDERSON, Ana Flora et alii. *A História da Palavra: Nova Aliança*. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquém, 2005, v. II (Livros básicos de teologia).
- ANTONCICH, Ricardo; SANS, José Miguel M. *Ensino Social da Igreja*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1987 (Teologia e libertação).
- ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai: teologia da revelação*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001 (Textos básicos para seminários latino-americanos).
- AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 1996.
- BALANCIN, Euclides Martins. *Como ler o Evangelho de Marcos: quem é Jesus?* São Paulo: Paulinas, 1991 (Como ler a Bíblia).
- BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo. *Os Evangelhos I*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- BATTAGLIA, Oscar; NICCACCI, Alviero. *Comentário ao Evangelho de São João*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- \_\_\_\_\_; URICCHIO, Francesco; LANCELLOTTI, Angelo. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BECKÄUSER, Alberto. *A liturgia da missa: teologia e espiritualidade da Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Sacrosanctum Concilium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012 (Revisitar o Concílio).
- BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007 (A voz do Papa, 190).
- BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João: Comentário*. São Paulo: Loyola, 2015 (Bíblica).
- BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. 7. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2008.
- BINET-MONTANDON, Christiane. Acolhida: uma construção do vínculo social. In: MONTANDON, Alain. *O livro da hospitalidade. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: SENAC, 2011.

BLANK, Josef. *O Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1990, v. I (Novo Testamento).

BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível: Hospitalidade, direito & dever de todos*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOIS, Jean-Pierre; PUIJALON, Bernadette; TRINCAZ, Jacqueline. Modelos Institucionais de Proteção Social. In: MONTANDON, Alain. *O livro da hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: SENAC, 2011.

BOROBIO, Dionísio. *A dimensão estética da liturgia: arte sagrada e espaços para a celebração*. São Paulo: Paulus, 2010 (Liturgia e teologia).

\_\_\_\_\_. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

BORTOLINI, José. *Como ler o evangelho de João: o caminho da vida*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2008 (Como ler a Bíblia).

BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: CNBB, 2014 (Vida e liturgia da Igreja).

\_\_\_\_\_. *Por uma liturgia mais humana e hospitaleira*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/552325-por-uma-liturgia-mais-humana-e-hospitaleira>. Acesso 08 de nov. de 2017.

BRANICK, Vincent. *A Igreja Doméstica nos Escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994 (Temas bíblicos).

BRIGHENTI, Agenor. *A Pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquém, 2006 (Livros básicos de teologia).

BROWN, Raymond E. *O nascimento do Messias: comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005 (Bíblia e história).

\_\_\_\_\_; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

BRUSTOLIN, Leomar (org.). *Estudos de doutrina social da Igreja*. Porto Alegre: EST, 2007.

BUYST, Ione. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011 (Celebrar).

\_\_\_\_\_. *Participar da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2012 (Rede celebra).

\_\_\_\_\_; SILVA, José Ariovaldo da. *O mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquém, 2003, v. I (Livros básicos de teologia).

\_\_\_\_\_; FRANCISCO, Manoel João. *O mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquém, 2004, v. II (Livros básicos de teologia).

CARRÉ, Jacques. Entre Caridade e Reclusão. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: SENAC, 2011.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. O estudo da hospitalidade. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: SENAC, 2011.

CASTILLO, José M. *Jesus, a humanização de Deus: ensaio de Cristologia*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CASTRO, Flávio Cavalca de. *O Apocalipse hoje: pequeno comentário*. Aparecida: Santuário, 1989.

CATÃO, Francisco. *Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquém, 2009 (Livros básicos de teologia).

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

CEBI. *Carta aos Romanos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

\_\_\_\_\_. *Comentário aos Atos dos Apóstolos*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

COHEN-TANUGI, Juliane. A Tragédia da Roda. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: SENAC, 2011.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes; São Bernardo do Campo: Metodista; São Leopoldo: Sinodal, 1988 (Comentário Bíblico, v. I).

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. *Documentos do CELAM: Rio, Medellín, Puebla, Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005 (Documentos da Igreja).

\_\_\_\_\_. *Manual de Liturgia: a celebração do mistério pascal*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, v. I.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia*. Brasília: CNBB, 2014, (Documentos da CNBB, 100).

\_\_\_\_\_. *Orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do espaço celebrativo*. Brasília: CNBB, 2013 (Estudos da CNBB, 106).

\_\_\_\_\_. *Instrução geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Brasília: CNBB, 2008.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *As obras de misericórdia: corporais e espirituais*. São Paulo: Paulus, Paulinas 2016.

CORBELLINI, Vital. *A Missão na Igreja Antiga*. Goiânia: Aliança. 2008.

CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984 (Grande comentário bíblico)

CORREIA, João Alberto Sousa. *A hospitalidade na construção da identidade cristã: uma leitura de Lc 24,13-35, em chave narrativa*. 2014. 400 f. Tese (doutorado em Teologia), Teologia Bíblica. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2013.

COSTA, Lourenço (Coord.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997 (Documentos da Igreja).

COTHENET, Edouard et alii. *Os escritos de São João e a epístola aos Hebreus*. São Paulo: Paulinas, 1988.

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004 (Repensar).

DANIÉLOU, Jean. *Os Evangelhos da infância*. Petrópolis: Vozes, 1969.

DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 2014 (História da Igreja de Cristo).

\_\_\_\_\_. *A Igreja dos tempos bárbaros*. São Paulo: Quadrante, 1991.

\_\_\_\_\_. *A Igreja das catedrais e das cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 2014 (História da Igreja de Cristo).

DIAS, Cecília Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. Barueri: Manole, 2002.

DIDAQUÉ: *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. 18. ed. São Paulo: 2011, 18. ed.

DODD, Charles Harold. *A interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977 (Nova coleção bíblica).

DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Gerardo García. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Loyola, 2006.

DUPONT, Jacques. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1974 (Bíblica).

DURY, Juliette Vion. *Acolher a Doença Mental*. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: SENAC, 2011.

ELLIOTT, John H. *Um lar para quem não tem casa: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*. São Paulo: Paulinas, 1985 (Bíblia e sociologia).

ESTUDOS BÍBLICOS. “Iahweh ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa” (*Dt* 10,18). Petrópolis: Vozes, v. 34, n. 134, abr/jun. 2017.

FABRIS, Rinaldo. *Para ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Paulo: Apóstolo dos Gentios*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2008 (Luz do Mundo).

\_\_\_\_\_; BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2006, v. I (Bíblica).

\_\_\_\_\_; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006, v. II (Bíblica).

FERREIRA, Fábio Rodrigues. *Do interior para o exterior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10,38-42*. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado integrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2012.

FRANCISCO. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. Brasília: CNBB, 2015 (Documentos pontifícios, 22).

\_\_\_\_\_. *A alegria do evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013 (A voz do Papa, 198).

\_\_\_\_\_. Mensagem para o 104º dia mundial da paz. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20170815\\_world-migrants-day-2018.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html). Acesso em: 17 de mar. de 2018.

GAILLE-NIKODIMOV, Marie. *Direito de cidadania*. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas, São Paulo: SENAC, 2011.

GIAVINI, Giovanni. *Gálatas: Liberdade e Lei na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1987 (Pequeno comentário bíblico).

GODI, Patricia. *A Casa de Misericórdia*. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: SENAC, 2011.

GRASSI, Marie-Claire. *Hospitalidade*. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: SENAC, 2011.

\_\_\_\_\_. *Do albergue ao hotel*. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: SENAC, 2011.

GRILLO, Andrea. *Ritos que educam: os sete sacramentos*. Brasília: CNBB, 2017 (Vida e liturgia da Igreja).

GUARDINI, Romano. *O espírito da liturgia*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1942 (Litúrgica).

GUILLET, Jacques. *Jesus Cristo no evangelho de João*. São Paulo: Paulinas, 1985 (Cadernos Bíblicos).

HAMMES, Érico João. *Orientações e normas para trabalhos científicos: Conforme ABNT 2012*. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://www3.pucrs.br/pucrs/ppgfiles/files/ftppg/ppgteo/normas1.pdf>. Acesso em: 10 de mar. de 2016.

HOLZNER, Josef. *Paulo de Tarso*. São Paulo: Quadrante, 1994.

HUMANÍSTICA E TEOLOGIA. *Migrantes e Refugiados*. Porto: [s.n.], v. 37, n. 02, dez. 2016.

IHU On-line. *Hospitalidade: desafio e paradoxo: por uma cidadania ativa e universal*. São Leopoldo: Unisinos, n. 499, dez. 2016.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.

JOÃO PAULO II. *Sobre a Misericórdia Divina*. Petrópolis: Vozes, 1980 (Documentos pontifícios, 193).

\_\_\_\_\_. *No início do novo milênio*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2001 (A voz do Papa, 180).

\_\_\_\_\_. *Solicitude social*. São Paulo: Paulinas, 1988 (A voz do Papa, 117).

KASPER, Walter. *Caminos hacia la unidad de los cristianos: escritos de ecumenismo*. Camargo: Sal Terrae, 2014, v. I (Presencia Teológica).

\_\_\_\_\_. *La unidad en Jesucristo: escritos de ecumenismo*. Camargo: Sal Terrae, 2016, v. II (Presencia Teológica).

\_\_\_\_\_. *A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015.

KAUFMANN, Thomas (org.) *et alii. História ecumênica da Igreja: dos primórdios até a Idade Média*. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012, v. I.

\_\_\_\_\_. *História ecumênica da Igreja: da alta Idade Média até o início da Idade Moderna*. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2014, v. II.

KONINGS, Johan. *Jesus nos Evangelhos sinóticos*. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Hebreus*. São Paulo: Loyola, 1995 (A Bíblia passo a passo).

LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2004.

LADD, George. *Apocalipse: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980.

LANCELLOTTI, Angelo; BOCCALI, Giovanni. *Comentário ao Evangelho de São Lucas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

LATOURELLE, René. *Teologia da revelação*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

LAZARD, Sylviane. A vocação das ordens hospitalárias. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: SENAC, 2011.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996, v. I (Bíblica).

\_\_\_\_\_. *Leitura do Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996, v. II (Bíblica).

\_\_\_\_\_. *Leitura do Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996, v. III (Bíblica).

\_\_\_\_\_. *Vocabulário de Teología Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967.

LIBANIO, João Batista. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004 (Theologica)

LUTZ, Gregório. *Eucaristia: a família de Deus em festa*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010 (Celebrar a fé e a vida).

MALDONADO, Luis. *A ação litúrgica: sacramento e celebração*. São Paulo: Paulus, 1998 (Liturgia e teologia).

MARINS, José F. *Até os Confins da Terra: os Apóstolos de Jesus abrem seu Caminho na História*. São Paulo: LTr, 2003.

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja de Lutero a nossos dias: o período da Reforma*. São Paulo: Loyola, 1997, v. I.

\_\_\_\_\_. *História da Igreja de Lutero a nossos dias: a era do absolutismo*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015, v. II.

\_\_\_\_\_. *História da Igreja de Lutero a nossos dias: a era do liberalismo*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005, v. II.

\_\_\_\_\_. *História da Igreja de Lutero a nossos dias: a era contemporânea*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014, v. II.

MAZZAROLO, Isidoro. *Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*. Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_. *Cartas de Tiago e Judas: exegese e comentário*. Rio de Janeiro, 2016.

\_\_\_\_\_. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Carta de Paulo aos Gálatas: da libertação da Lei à filiação em Jesus Cristo*. Rio de Janeiro, 2013.

\_\_\_\_\_. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*. 2. ed. Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. *Segunda Carta de Paulo aos Coríntios: Exegese e comentário*. Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_. *Primeira Carta aos Coríntios: Exegese e comentário*. 3. ed. Rio de Janeiro, 2013.

\_\_\_\_\_. *Carta de Paulo aos Filipenses*. Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. *Hebreus: o que muda depois de Jesus? Do Jesus Histórico ao Cristo da fé*. Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. *Primeira e Segunda Cartas de Pedro: exegese e comentário*. Rio de Janeiro, 2015.

\_\_\_\_\_. *O Apocalipse: esoterismo, profecia, ou resistência?* 4. ed. Rio de Janeiro, 2016.

\_\_\_\_\_. *Carta de Paulo aos Romanos: Educar para a maturidade e o amor*. 2. ed. Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_. *As três cartas de São João: exegese e comentário*. Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. *Filemon: A carta da alforria*. Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. *Primeira & segunda carta a Timóteo e Tito*. Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_. *Colossenses: Exegese e Comentário*. Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_. *Carta aos Efésios: Cristo é a pedra angular*. Rio de Janeiro, 2013.

\_\_\_\_\_. *Primeira e Segunda Carta aos Tessalonicenses: Exegese e Comentário*. Rio de Janeiro, 2016.

\_\_\_\_\_. *A Eucaristia: Memorial da Nova Aliança: Continuidade e Rupturas*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006 (Temas bíblicos).

\_\_\_\_\_; KONINGS, Johan. *Atos dos Apóstolos: O caminho da Palavra*. São Paulo: Loyola, 2017.

MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*. São Paulo: Paulinas; Recife: UNICAP; 2015 (Travessia).

\_\_\_\_\_. *A mística do instante: o tempo e a promessa*. São Paulo: Paulinas, 2016 (Travessia).

MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo: Um trabalhador que anuncia o Evangelho*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1991 (Por trás das palavras).

\_\_\_\_\_; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2003 (Comentário Bíblico).

MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*. Uma pneumatologia integral. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Trindade e Reino de Deus*: Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONGE, Claudio. *Dieu Hôte*: Recherche historique et théologique sur les rituels de l'hospitalité. Zeta Books, 2008.

\_\_\_\_\_. *Stranieri con Dio*: L'ospitalità nelle tradizioni dei tre monoteismi abramitici. Milão: Edições Terra Santa, 2013.

MONTANDON, Alain. *O livro da hospitalidade*. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: SENAC, 2011.

MUELLER, Ênio R. *I Pedro*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1988.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

NICCACI, Alviero; BATTAGLIA, Oscar. *Comentário ao Evangelho de São João*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Como ler as Cartas de Pedro*: o Evangelho dos sete. São Paulo: Paulus, 2014 (Como ler a Bíblia).

PAULO VI. *Populorum Progressio*: O Desenvolvimento dos povos. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1980 (Documentos pontifícios, 165).

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS e FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do conflito à comunhão*: comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Brasília: CNBB; São Leopoldo: Sinodal, 2015.

POTTIER-THOBY, Anne-Cécile. Da traição à redenção. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: SENAC, 2011.

PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. São Paulo: Loyola, 1993 (Bíblica).

PAGOLA, José Antônio. *Grupos de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2016.

PANI, Giancarlo (ed.). *Sulle onde dele migrazioni*: dalla paura all'incontro. Milão: Àncora, 2016.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2015 (Dicionários)

PÉROL, Céline. Amar e agir. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: SENAC, 2011.

RABUSKE, Irineu J. *Jesus exorcista: um estudo exegético de Mc 3,20-30*. São Paulo: Paulinas, 2001 (Bíblia e História).

REGRA DE SÃO BENTO. Disponível em: <http://www.transfiguracao.com.br/sbento/regra/>. Acesso em 08 de fev. de 2018.

RICHARD, Pablo. *Apocalipse: Reconstrução da Esperança*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2001 (Estudos Bíblicos).

ROUSSEL, Claude. O caminho e o peregrino. In: MONTANDON, Alain. *O Livro da Hospitalidade*. Acolhida o estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: SENAC, 2011.

SCHELKLE, Karl Hermann. *Teologia do Novo Testamento: Deus estava em Cristo*. São Paulo: Loyola, 1978, v. 3.

SCHIERSE, Franz Joseph. *Epístola aos Hebreus*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985 (Novo Testamento).

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995, v. I.

SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de dogmática*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, v. I.

SEMINÁRIO BILATERAL MISTO CATÓLICO ROMANO – EVANGÉLICO LUTERANO. *Hospitalidade eucarística*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SILVA, Cássio Murilo dias da; Rabuske, Irineu J. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos: Novíssima tradução dos originais*. São Paulo: Loyola, 2011.

STANLEY, David Michael. *Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1975.

STÖGER, Alois. *O Evangelho segundo Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1973, v. I (Novo Testamento).

\_\_\_\_\_. *O Evangelho segundo Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1974, v. II (Novo Testamento).

STORNIOLO, Ivo. *Como ler os Atos dos Apóstolos: o caminho do Evangelho*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2008 (Como ler a Bíblia).

\_\_\_\_\_. *O Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova história*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2009 (Como ler a Bíblia).

\_\_\_\_\_. *Como ler o Evangelho de Mateus: o caminho da justiça*. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2008 (Como ler a Bíblia).

SUSIN, Luiz Carlos. *O Homem Messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EST; Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquém, 2003 (Livros básicos de teologia, v. 5).

\_\_\_\_\_. Deus hóspede: hospitalidade e transcendência. In: Thaumazein. Revista do Curso de Filosofia. Santa Maria, v. 6, n. 12, dez. 2013.

VANHOYE, Albert. *A mensagem da Epístola aos Hebreus*. São Paulo: Paulinas, 1983 (Cadernos Bíblicos).

WIKENHAUSER, Alfred. *Los Hechos de los Apóstoles*. Barcelona: Herder, 1967 (Sección de Sagrada Escritura, v. 96).



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)